

A DEFESA NACIONAL

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

DIRECTOR-PRESIDENTE:
Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO
Lima Figueirêdo

GERENTE:
João Baptista de Mattos

ANNO XXII

Brasil — Rio de Janeiro, Agosto de 1935

N.º 255

SUMMARIO

LITERATURA, HISTORIA, GEOGRAPHIA, SCIENCIA

	Pags.
O dia da Patria e o dia do Soldado.....	835
Cadete n.º 1 — <i>Escagnolle Doria</i>	837
Aos soldados.....	838
O General Osorio “blagueur”.....	389
Heroinas brasileiras — <i>Osorio Duque Estrada</i>	840
Um gesto caracteristico da “Espada do Imperio”.....	843
Generaes mortos no Paraguay.....	843
Alguns conselhos para o estudo da Historia Militar — <i>Major Nicanor G. de Souza</i>	844

SECÇÃO DE INFANTARIA

A infantaria ao “ralenti” — <i>Ten.-Cel. Hurst</i>	851
--	-----

SECÇÃO DE CAVALLARIA

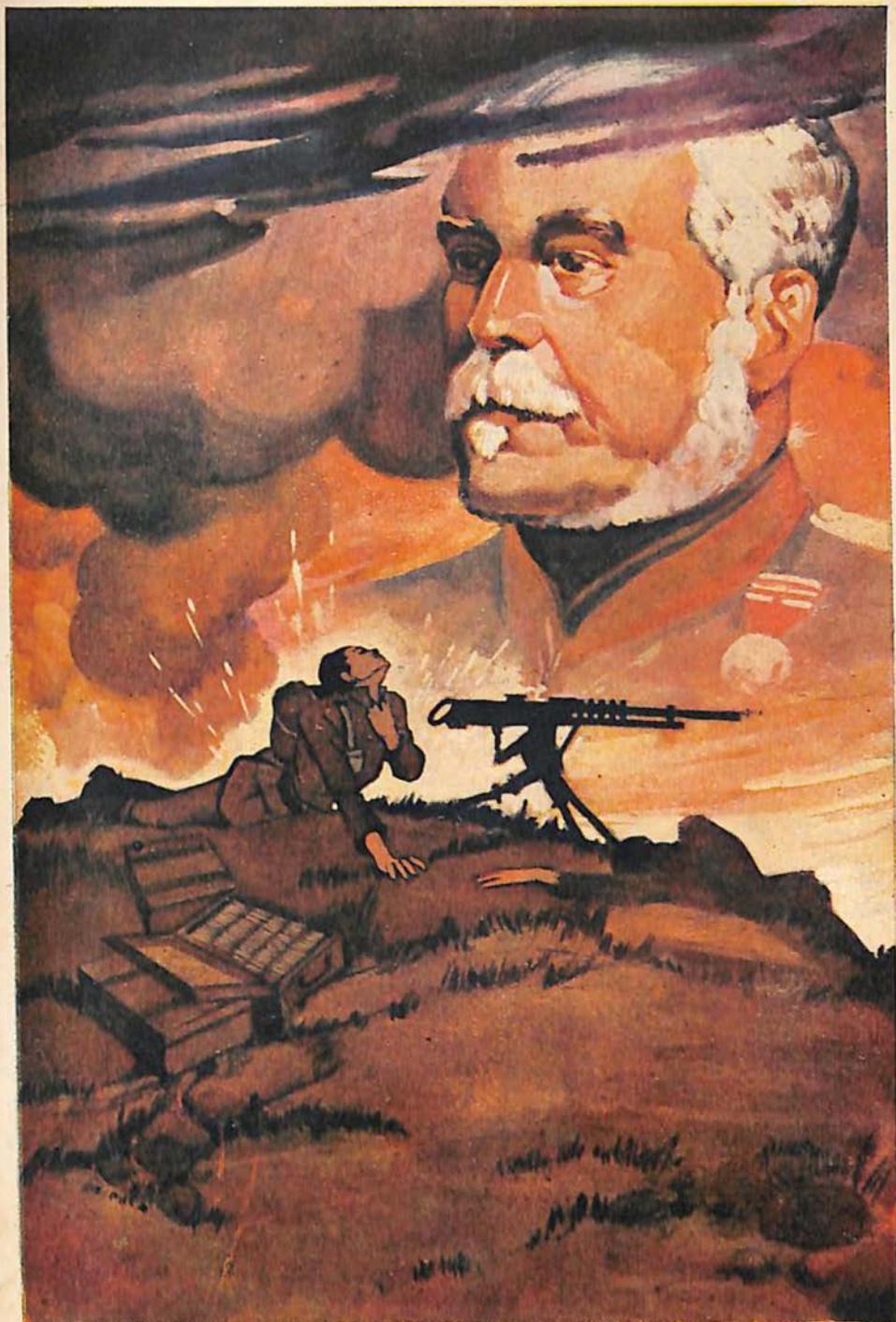
Algumas lições da Guerra Mundial — <i>Cel. Argueyrolles</i>	861
---	-----

SECÇÃO DE ARTILHARIA

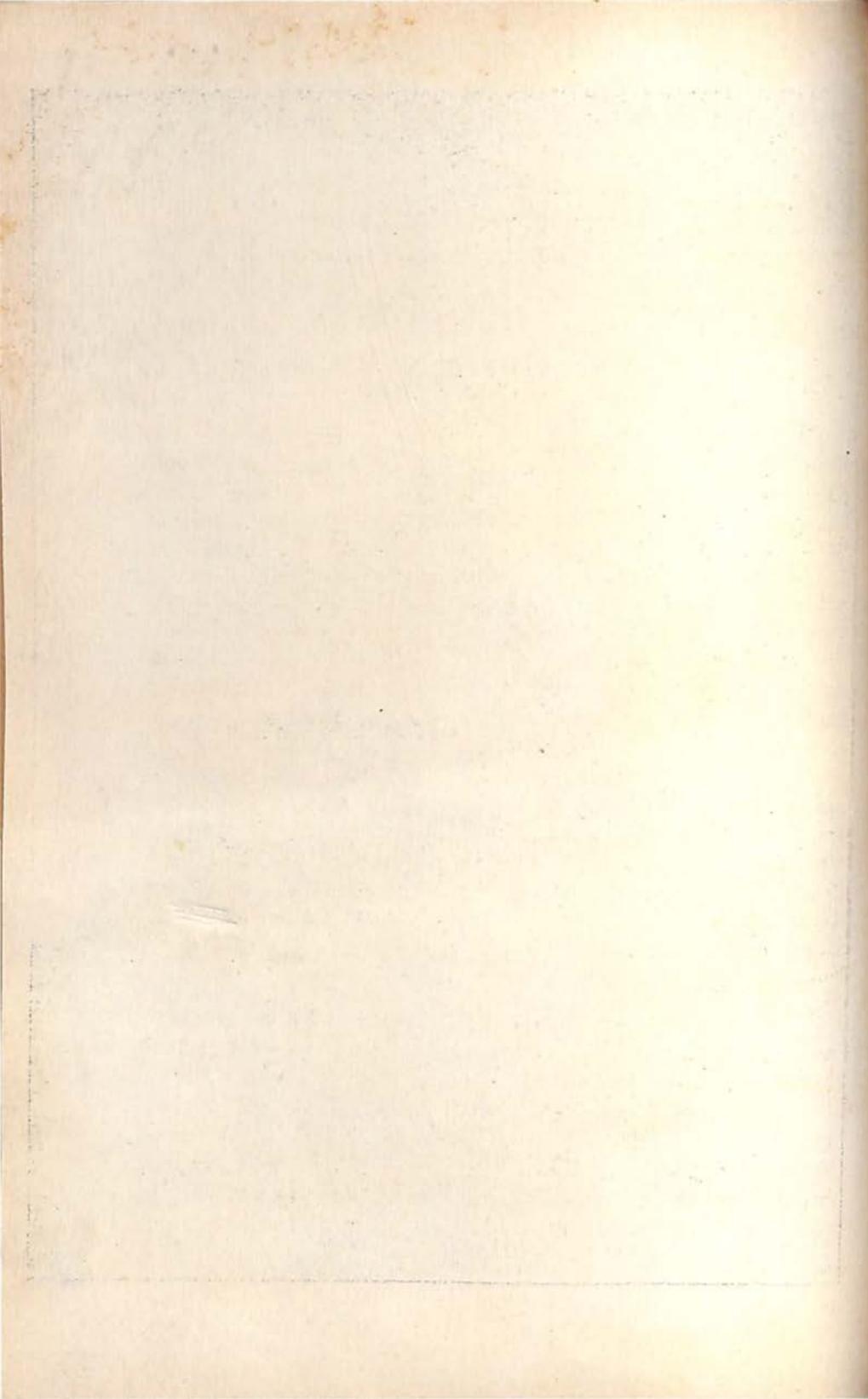
Unidades angulares — <i>Cap. João Manoel Lebrão</i>	877
Possibilidades de tiro — <i>Cap. A. C. da Silva Muricy</i>	881

SEÇÃO DE ARTILHARIA DE COSTA		Pags.
Solução mais pratica para o “caso em que o ponto y cár fóra da prancheta” — <i>Cap. Mario Malta</i>	889	
A regua de predição “Morize”.....	893	
SEÇÃO DE TRANSMISSÕES		
Exploração technica — <i>Cap. Peixoto</i>	899	
Valvulas — Condutancia Mutua	904	
SEÇÃO DE EDUCAÇÃO PHYSICA		
Unidade de doutrina — <i>Cap. Ilidio Romulo Colonia</i> ...	908	
SEÇÃO DE ESTUDOS SOCIAES		
Hypertrophy federativa — <i>Cap. A. F. Correia Lima</i>	913	
SEÇÃO DE PEDAGOGIA		
O curso de informações e a educação nacional — <i>Cap. João Ribeiro Pinheiro</i>	917	
Yasu-Kum Jinja.....	920	
SEÇÃO DE INTENDENCIA		
Etapas de reservistas — <i>1.º ten. Arthur Alvim Camara</i>	921	
NOTICIARIO E VARIEDADES		
Inspectoria do 1.º grupo de regiões.....	923	
Regularizando a situação das Policias Militares dos Estados.....	924	
“Hontem luctavam como leões”.....	926	
A lei de promoções — <i>1.º ten. Luiz Martins Chaves</i>	927	

HOMENAGEM DA "A DEFESA NACIONAL"



AO PATRONO DO EXERCITO.



LITERATURA - HISTORIA - GEOGRAPHIA - SCIENCIA

O dia da Patria e o dia do Soldado

O appello, com que nos honrou o digno chefe do Estado Maior do Exercito, foi por nós pressurosamente divulgado no numero passado, sem nenhum commentario ou explicação, no intuito e na certeza de que seria esse o melhor meio, o mais expedito, para alcançar o objectivo collimado.

E assim o fizemos de caso pensado porque, em verdade, a Defesa Nacional não é apenas a sua Direcção: é, sobretudo, constituída pela massa, já ponderavel, de seus leitores, com o seu apoio, o seu estimulo, a cooperação efficiente, a unidade de vista e de ideal, em torno da grande obra de engrandecimento das Forças Armadas. Foi o melhor meio de tornar o appello verdadeiramente efficaz.

A esta hora toda essa massa na comprehensão nítida de sua tarefa e no desvelo expontaneo pelos causas justas e nobres, já deve estar empenhada, não apenas na propaganda da idéa, porém em obra mais efficiente, mais prática e mais concorrente com a finalidade da commemoração — trabalho mais intensivo, em todas as esferas de actividade e sob modalidades diversas para honrar e ennobrecer a grande Patria.

**

Precedendo esse grande dia, haverá o Dia do Soldado, que nos toca mais de perto e que possue na lethurgia militar brasileira relevante significação.

Aproveitemos esse dia — dia de festa da caserna em que se cultuam a missão e as virtudes do soldado brasileiro — para intensificar a campanha de defesa do Soldado, no que elle possue de mais sagrado, nos seus sentimentos patrioticos,

no seu espirito de ordem, de subordinação, de camaradagem e de sacrificio, ameaçados na hora presente pela accão subversiva de agitadores inescrupulosos, inimigos da Patria e do Exercito.

Não ha quem não sinta a necessidade de uma reacção energica mas bem conduzida para oppor-se á obra de destruição; porém estamos que, até hoje, não assentamos uma orientação systematica de preservação do meio militar á acção dissolvente das ideologias alienigenas. E dizemos isso porque somos de parecer que contra o perigo ameaçador do momento pouco valem os processos e recursos normaes dos regulamentos.

Nem as repressões policiaes nem as punições disciplinares. Para o novo ambiente, para as circumstancias quasi desconhecidas até então, para os motivos directores da acção adversa, urge uma **acção educativa** intelligente, inteiramente diversa da que se usa até aqui e apoiada no conhecimento do espirito humano, em constante analyse psychologica.

Já affirmámos, uma vez, que nessa preservação devemos utilizar de technica educativa e de propaganda semelhante á que usam os adeptos das ideologias em moda.

Como elles, precisamos estudar o ambiente, pesquisar as causas do mal estar e procurar substituir as influencias nocivas por outras salutares que visem melhorar os meios physiscos e psychologicos ambientes.

Esta **acção educativa** que desejamos se intensifique a partir do dia do Soldado, não se deve restringir ao circulo da administração e do commando. Deve ser obra constante e cheia de vigor, bem coordenada, de todos os que tem uma parcella de responsabilidade na conservação das instituições militares e na integridade da Patria.

A Defesa entrega á fé, á intelligencia, ao entusiasmo e á vontade firme de todos os seus leitores, militares em todos os gráos da hierarchia, essa tarefa de execução urgente e confia que o Dia do Soldado seja assinalado como o de inicio da campanha salvadora.

CADETE N.º 1

ESCRAGNOLLE DORIA

Bem antiga é a classe dos cadetes. Conta nada menos de cento e setenta e sete annos, creada pela corôa portugueza em 1757, reinado D. José I.

Cadetes seriam os que, se destinando ao serviço dos exercitos, gozassem foro de fidalguia ou descendessem de officiaes militares ao menos com a patente de major ou, ainda, quantos provassem que paes ou avós tinham nobreza sem fama em contrario.

Sessenta e tres annos após a criação dos primeiros cadetes, em 1820 reinando D. João VI, surgia a classe dos segundos cadetes. Podiam ser reconhecidos taes os filhos de capitães e subalternos e uma vez proclamada a Independencia tambem os filhos dos condecorados com qualquer ordem honorifica do Imperio.

Em 1892, com a Republica, era declarada extinta a classe dos cadetes, respeitados os direitos existentes até lhes ser dado baixa.

No Imperio gozavam os cadetes de regalias, como a de preceder o carro do Imperador, quando serviam nos regimentos de cavallaria aquartelados em S. Christovam.

Hoje cabe o titulo de cadete aos alumnos da Escola Militar.

Qual o nosso maior cadete, na feição da classe no regime monarchico? Cremos não haver hesitação possivel na resposta. Aquelle que a 22 de Novembro de 1808, descendente de familia que em grau proximo contou onze generaes, recebia a estrella de primeiro cadete.

Setenta e dous annos depois, o cadete de 1808 Luiz Alves de Lima Silva morria. Era o duque de Caxias.

AOS SOLDADOS

25 de Agosto.

Muito de propósito, A Defesa Nacional aproveita esta grande data para saudar o soldado — o obreiro modesto, mas valioso, da efficiencia, do valor e da respeitabilidade do Exercito, tão querido de todos nós,

Melhor oportunidade, de certo, não teria ella.

Nada mais justo e mais acertado do que associar glorificação do Chefe invicto — o nosso maior e mais perfeito Soldado de todas as eras, o nosso maior padrão de glórias, Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias — às homenagens e ao tributo de reconhecimento que se deve render ao soldado de hoje, de quem depende a conservação e o aperfeiçoamento da obra ingente que nos foi legada por nossos devotados antepassados.

Isso porque, em verdade, não se pode cuidar do papel e deveres do soldado na paz ou na guerra, que não se imponha, obrigatoriamente, o paradigma sem jaça de Caxias, isso porque não se pode proporcionar melhor dádiva aos nossos camaradas do que apontando-lhes esse guia sublime, que os conduzirá á situação tão sonhada, de bemfeiteiros da Pátria.

Ser como Caxias, o primeiro no cumprimento do dever, o primeiro na obediência aos chefes, o primeiro na defesa das instituições, o primeiro no amor á sua classe, o primeiro nos sentimentos de camaradagem, o primeiro no respeito ás leis, o primeiro em lealdade.

Ser como Caxias, o primeiro na lucta, o primeiro em bravura e espirito de sacrificio, o primeiro em sagacidade e energia.

E attentæ bem. Não se limitou elle em deixar-nos apenas os exemplos evocadores. Foi mais longe. Perpetuou-se na postura mascula que o bronze immortalizou: "erecto no cavallo, o bonet de capa branca com tapa-nuca, de pala levantada e presa ao queixo pelo jugular, a espada curva desembainhada,

empunhada com vigor pelo fiador de ouro, o velho general em chefe, que parecia ter recuperado a energia e o fogo dos vinte annos" a dizer-nos, ainda hoje:

"Sigam-me os que forem brasileiros!"

Soldados! Sigamos Caxias, no amor á Patria, no amor ao Exercito, no respeito ás leis, na defesa das instituições.

O GENERAL OSORIO "BLAQUEUR"

Convidado para jantar em casa de um amigo, no Rio de Janeiro, encontrou entre os convivas o grande estadista Barão de Cotegipe, chefe do partido conservador.

Adversario politico de Osorio, que era liberal, fez-lhe o Barão um brinde muito geitoso e todo cheio de rodeios e circumloquios.

Osorio, tomando a taça, disse:

— Senhores! Por minha vez, bebo ao Sr. **Barão de Camaquan**!

Julgaram os convivas que se dera um equívoco, e procuraram corrigil-o; mas o geral repetiu:

— Viva o Sr. **Barão de Camaquan**!

O Barão, intrigado, perguntou-lhe qual a razão da troca. Osorio respondeu:

— Eu me explico: Camaquan é um rio da minha terra, que dá muitas voltas..."

Heroínas brasileiras

Osorio Duque-Estrada

Muitas foram as mulheres brasileiras que deram provas de grande patriotismo, assignalando-se por actos de bravura, nas diversas guerras que sustentamos, desde o periodo colonial.

Ao nome legendario de Annita Garibaldi, que se cobriu tambem de glorias na Italia, registra a Historia os de Clara Camarão, Anna Nery, Baroneza de Porto Carrero e varias outras.

De uma, que nunca recebeu o menor galardão, e é hoje falecida, diz o capitão Joaquim Silverio Pinheiro "que fez jás a uma estatua".

Chama-se Florisbella. Essa intrepida mulher armava-se com a carabina do primeiro soldado que cahia morto ou ferido, e entrava em combate até ao fim da peleja, para exercer então a caridade, nos hospitaes de sangue.

Na derrota de Curupaity, chegou a dizer a um homem que tomasse as suas saias e lhe entregasse a espada. Vestia o uniforme de vivandeira, e assim se conservou durante toda a campanha, servindo no 2.º corpo do exercito, sob as ordens do conde de Porto Alegre.

"Vel-a com os labios ennegrecidos pela acção de morder o cartucho — diz o seu biographo — era o mesmo que ter diante de si o anjo da victoria".

Intrepida na lucta, era abnegada e caridosa quando tratava dos feridos. Muito lhe deve o Brasil.

Florisbella era natural da heroica província do Rio Grande do Sul.

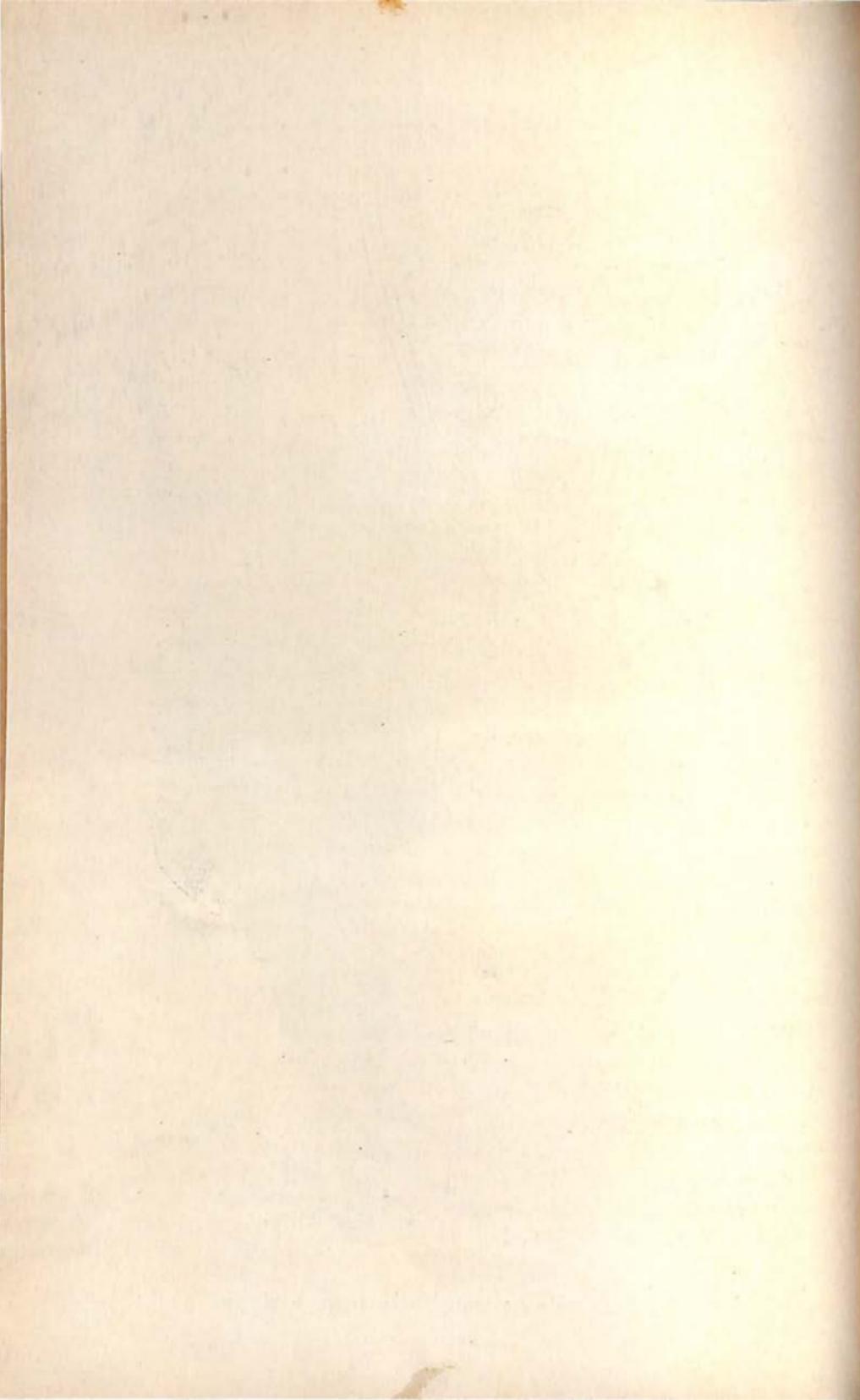
Outra mulher de grande bravura foi Maria Curupaity frequentemente citada pelo capitão Pimentel.

Na mesma guerra do Paraguai avultou igualmente, em traços luminosos, o heroísmo de uma pobre mulher do povo, conhecida da tropa pelo alcunha de **Chica Biriba**. Essa in-

Annita Garibaldi



O exemplo marcante do heroísmo feminino



trepida e arrojada brasileira combatia sempre de lança em punho, e foi assim que em **Pequecery** chegou a tomar ao inimigo toda uma linha de 21 boccas de fogo !

Deve-se juntar ainda aos das heroínas brasileiras o nome de soror **Maria Angelica**, a defensora de um convento na Bahia, durante a guerra da Independencia. Atacado o convento pelas forças protuguezas commandadas pelo general Madeira, soror Maria Angelica collocou-se á sua entrada, de braços abertos e com um cruxifixo na mão, para dar tempo á fuga das outras monjas.

Não querendo recuar nem ceder o terreno aos invasores, foi por estes atravessada a golpes de bayoneta.

De uma valente garimpeira do Districto Diamantino conta o Dr. Felicio dos Santos este interessante episodio:

"No anno de 1742 uma partida de dragões sustentou renhido combate com alguns garimpeiros, nas vizinhanças do rio Manso. Entre estes sobresahia um, mais joven, que, por ser mais audaz e intrepido, foi aprisionado; outros fugiram. Trazido preso e metido no tronco da cadeia, ahi foi o escrivão da Intendencia fazer o que se chama **auto de prisão, auto e tonsura**. Deste auto consta que o preso "era de estatura baixa e delicada, olhos e cabellos negros, côr morena, feições finas e regulares, sem barba alguma; e sendo-lhe perguntado qual sua edade, naturalidade, filiação, profissão, estado, e si tinha algumas ordens ou era professo em alguma religião, recusara obstinadamente responder a qualquer das perguntas".

No mesmo dia, — não sabemos porque meio, e nem o consta dos autos — reconheceu-se que o garimpeiro era uma bella rapariga disfarçada em homem".

De D. Maria de Souza, heroína pernambucana, tambem se conta que, tendo perdido já dous filhos na guerra contra os Hollandezes e recebendo a noticia da morte de um genro, chamou os dous filhos que lhe restavam, um de 14 annos, e outro apenas de 12, e lhes disse:

"O inimigo acaba de matar o vosso terceiro irmão; quero

collocar-vos na carreira delles; por isso, tomae a espada e ide, já e já, dar a vida por Deus e pela Patria”

O mais velho foi immediatamente sentar praça; o mais moço não tardou muito a ir fazer o mesmo.

Trecho d'uma carta de Osorio a Caxias.

“Espero a V. Excia. como ao Anjo da Guarda. Não tenho ambição; não desejo commandos; sei que não sei nada, e só desejo ajudar a V. Excia. a salvar a honra de nossa patria”.

Uma carta de Caxias a Osorio

“Exmo. amigo

Neste momento me acaba de dizer o sr. Ministro da Guerra que S. M. I. aprovou hontem a sua effectividade, pelo que lhe dou os parabens, comquanto não esteja o decreto assignado, e por isso seja ainda segredo. Já vê que não foi de todo perdida a sua viagem. Ha de se lembrar que uma vez lhe disse que não havia de morrer sem o ver general.

Agora, pode se reformar quando quizer, mas aconselho que espere ver clarear mais o horizonte oriental e argentino. Quem sabe si ainda teremos de comer algum churrasco juntos?...

Seu amigo e camarada, que o estima, M. de Caxias. — Senado, 16 de Junho de 1859”.

Ha ainda um grande numero de officiaes que não acreditam na existencia de regras para conduzir a guerra, e que estão persuadidos de que toda a arte consiste em arrojar-se sobre o inimigo.

JOMINI.

UM GESTO CARACTERISTICO DA “ESPADA DO IMPERIO”

Após a derrota dos revolucionarios gaúchos em Porongos, a tropa imperialista, sob o commando de Caxias, reuniu-se em Bagé.

O cura de Bagé, desejando ser agradavel ao grande chefe, foi offerecer-lhe um **Te Deum** em acção de graças pela vitória obtida.

Caxias, batendo-lhe amigavelmente nas espaduas disse:

« Houve, para esse triumpho, derramamento de sangue brasileiro. Não conto como trophéos as desgraças dos meus cidadãos. Vá, reverendo, vá e, em logar do Te Deum, celebre uma missa de desfuntos, que eu, com o meu estado maior e a tropa que couber na igreja, irei ouvil-a amanhã ».

GENERAES MORTOS NO PARAGUAY

1 — General Sampaio: morreu na batalha de 24 de maio em **Tuyuty** (1866).

2 — Marechal de campo **Argollo Ferrão**; ferido no combate de **Itororó**, em 3 de dezembro de 1868, veiu falecer na Bahia.

3 — Brigadeiro **Gurjão**: morreu no combate de **Itororó**:

4 — Brigadeiro **Andrade Neves** (Barão do Triunpho): mortalmente ferido em **Lommas Valentinas**, faleceu na capital do Paraguay.

5 — Brigadeiro **João Manuel Menna Barreto**: morreu no ataque de **Paribeuy**, já no termino da campanha.

O ousado general **Osorio**, na batalha de **Avahy**, foi gravemente ferido na boca.

Caxias e Porto Alegre, apesar da bravura com que enfrentavam o perigo, respectivamente, em **Itororó** e em **Tuyuty** nunca foram feridos. As balas fugiam dos valentes guerreiros, negando-se a satisfazér o desejo ardente que elles tinham de regar com sangue o campo da honra.

Alguns conselhos para o estudo da Historia Militar

Major NICANOR G. DE SOUZA

1 — A Historia Militar, complemento indispensavel para os chefes do estudo da Historia Geral, si de um lado é a mestra e inspiradora dos grandes feitos guerreiros da edade antiga, da moderna e da contemporanea, é de outro um excellente meio de cultura profissional para todo militar. Encetado o seu estudo na Escola Militar, onde o quadro de ensino só comportava mostrar pela apreciação de certas campanhas, feita de modo geral ou mesmo minucioso a necessidade de se ter uma organização militar desde o tempo de paz; de apresentar a evolução da tactica decorrente do progresso constante do armamento, donde tambem a mutabilidade dos processos de combate; de fazer sentir a importancia capital que tem o Chefe no desenrolar dos acontecimentos; de comprovar pela analyse das operações a existencia em todos os escalões de alguns principios immutaveis de tactica que, não devendo ser desconhecidos de nenhum official, jamais poderão ser olvidados. O estudo da Historia Militar, vae assim apresentar-se aos candidatos ao concurso de admissão á Escola de Estado Maior num segundo estadio.

2 — Nesse estadio, agora começado, o segundo na ordem chronologica, porque o terceiro e os subsequentes serão feitos já na E. E. M. e depois, individualmente, trata-se de aprofundar dentro do mesmo quadro acima traçado os conhecimentos já hauridos. Com o tirocinio e a somma de conhecimentos que cada official já deve possuir, procurar-se-á agora estudar a historia militar num triplice aspecto: chronologico, militar propriamente dito e politico-social resultante.

3 — No ponto de vista chronologico trata-se de analysar os factos politico-historicos ou politico-sociaes que deram em resultado o desfecho violento daquelle que as nações ou os estados não puderam resolver amigavelmente. Aliás, CLAUSEWITZ já havia definido que a guerra nada mais é do que a continuação da politica com armas na mão.

Nessas condições, urge que se estudem as causas desse desfecho violento, causas estas que podem ser de caracter remoto ou recente. Certamente para isso é necessário estudar o historico desses factos em relação aos povos ou aos estados em luta, e da sua observação, da meditação sobre o seu resultado, surgirá a comprehensão do motivo da guerra. Ora, o estudo desses factos remotos e recentes nada mais é do que uma face do proprio estudo da historia da civilisação, de que trata tambem o programma do concurso de admissão á Escola. Eis ahi então, a explicação

do que affirmamos ao traçar estes conselhos, de que o estudo da historia militar era para os officiaes o complemento do da civilisação.

4 — Assim pois, o estudo de que vão fazer desta ultima servirá de excellente subsídio para o estudo daquelle, por isso que no programma de Historia da Civilisação estão consignados implicita e explicitamente os pontos que se relacionam quanto ás causas que determinaram as guerras de que cogita o programma.

Corroborando toda nossa affirmativa, diremos, nesse particular, que para comprehendêr as campanhas da Revolução e do Imperio é necessario penetrar bem no quadro politico-social europeu, tanto do lado da FRANÇA, como no das outras potencias, no fim do seculo XVIII e inicio do XIX. Com effeito, o estudo do ponto de historia da civilisação, referente á revolução franceza permittirá saber o por que das campanhas da ITALIA (1796-1797 e de 1800 e bem assim, posteriormente a causa da campanha de 1805 — 1806). Dahi tirarão as causas recentes e remotas geradoras dessas campanhas.

5 — Proseguindo, quando abordarem o ponto relativo ao desenvolvimento dos Estados Unidos da AMERICA DO NORTE, estudarão na 1.^a parte do seculo XIX entre outras cousas, o estado politico-social da nação americana, com o seu esclavagismo de um lado, e a reacção contra elle, do outro. Verão que desse estado de cousas surgirá a guerra da Seccessão Americana, fonte excellente para nós, de ensinamentos no ponto de vista militar.

Pelo estudo da ALLEMANHA, conhecerão as causas remotas e recentes da conflagração de 1914-1918 e finalmente, pelo estudo da historia no que se refere ao BRASIL e á AMERICA DO SUL conhecerão os motivos determinantes de todas as nossas campanhas.

6 — No ponto de vista militar propriamente, trata-se de fazer o estudo meticuloso, analytico e meditado das campanhas que figuram no programma. Por certo, não se quer com isto que cada candidato mostre conhecimentos excepcionaes que só mesmo mais tarde, com o cabedal que adquirirão na E. E. M. poderão ter; deseja-se, sim, que cada um revele capacidade de assimilação, de discernimento, de metodo de analyse e de synthese. E' preciso que do estudo, o candidato tenha sempre bem presente o terreno em que se desenrolou a acção, o armamento com que os dois partidos se defrontaram na lucta, os processos de combate em vigor, os recursos de toda a natureza de que dispuseram, enfim observem como as operaçōes se desenrolaram no tempo e no espaço, afim de que não tirem falsos ensinamentos ou guardem no sub-consciente noções ou praticas que jamais poderão ser-nos uteis. E' preciso ainda que do estudo agora feito verifiquem com perfeição, do mesmo modo por que as-

similaram anteriormente, todos os principios de guerra, cuja primeira noção tiveram quando alunos de nossa Escola Militar, o do mesmo modo vejam que si tais principios são immutaveis, os processos de combate variam constantemente no tempo o no espaço, isto é, um processo que deu excellente resultado aqui, não dará os mesmos ali ou vice-versa, ou então, fracassará.

Só dessa forma se torna util um estudo de historia para os que desejam ingressar na nossa mais alta escola de cultura militar. Além disso, urge analysar e estudar sempre a figura do Chefe, suas qualidades, deficiencias, confiança que inspirou na tropa e bem assim, o gráu de organização dos exercitos. A esse respeito, a campanha de 1796-97 nos apresenta um excellente exemplo; outros há na guerra de Seccessão e entre nós também, onde sobresahem as figuras de OZORIO, CAXIAS, PORTO ALEGRE, POLYDORO, INHAUMA e outros. É preciso finalmente que o estudo, nesse ponto militar, seja feito para aprender e aprehender e nunca para fazer apenas o concurso.

7 — Acabada a guerra, o mundo continua, as nações ou os estados prosseguem na sua rota augmentados ou diminuidos moral e materialmente ou mesmo eliminados, nos 2 primeiros casos com uma serie de problemas politicos, sociaes e economicos a resolver. É necessário pois, ver o que se passou com a terminação da luta, as consequencias que ad vieram tendentes a crer-se em um periodo longo de paz ou a novas lutas como reivindicação de direitos postergados. Continua pois, o estudo da historia da civilisação.

A título de exemplo, diremos que a terminação da guerra de 1796/97, com o tratado de CAMPO FORMIO, vai abrir novos horizontes para uma luta entre a AUSTRIA e outras potencias colligadas contra a FRANÇA; o tratado da SANTA ALLIANÇA em 1816, terminando o periodo das lutas Napoleonicas na Europa vai modificar a carta política da Europa e constituir mesmo uma causa remota da Guerra de 1870 e da de 1914-1918.

A nossa politica exterior quando o Brasil-Reino e depois Imperio, gerará as guerras da CISPLATINA e do tratado de paz que deu a liberdade do URUGUAY, surgirão uma serie de desintelligencias com a ARGENTINA e mesmo de intervenção na Republica do URUGUAY, que por sua vez servirá de pretexto ao PARAGUAI para nos hostilizar em 1864, a ponto de ser o BRASIL compellido a declarar-lhe a guerra.

8 — Eis ahi, uma serie de conselhos relativos ao modo como deve ser feito o estudo da Historia Militar. Para terminar resta-nos, primeiramente, dizer-vos que constitue um bom meio para firmar as idéas e adquirir o habito de redigir com clareza, adoptar o seguinte metodo da autoria do Capitão Baranger (*Pages de Histoire Militaire*):

"Após o estudo feito segundo as directrizes dadas, uma vez firmadas as grandes linhas de uma campanha, ou de parte de uma campanha qualquer, redigil-a de memoria, collocando-se rigorosamente nas condições do tempo atribuido á prova (4 horas). Para isso, torna-se preciso synthetisar, por de lado toda e qualquer minucia inutil á clareza da exposição, toda digressão anedoctica capaz de alongar a narrativa sem auxiliar a comprehensão dos factos ou reforçar a verdade historica-militar.

"O methodo de desenvolvimento a ser seguido deve se inspirar sobretudo no desejo de por em fóco, desde o começo da prova, todos os elementos susceptiveis de exercer uma influencia importante na marcha dos acontecimentos (allianças, autoridade dos governos, espirito nacional, organização militar, valor dos chefes e da tropa), de modo a dar ao examinador, no proprio momento de julgar a prova, a ordem natural dos factos, o exame das combinações tacticas, a impressão que as possibilidades já estão em favor deste ou daquelle partido e que, si um não obteve a victoria desejada, foi por não saber conduzir as operações militares de modo conveniente".

Finalmente, ainda nesse particular, convem que cada um se coloque no ambiente em que os factos ocorreram ou exponha tudo isso de maneira pessoal sem tomar partido por este ou aquelle e assim terá produzido um trabalho fructuoso e organizado uma documentação que muitos serviços lhe prestará no mez antecedente á prova.

9 — Finalmente, como conclusão, daremos um quadro de estudo a ser seguido pelos officiaes matriculados no Curso.

Mezes	Campanha a estudar	Trabalhos a fazer, pessoalmente no fim do estudo de cada campanha
Julho	a) Campanhas Napoleonicas: da ITALIA de 1796/97;	<p>a) Estudo geral da Campanha, precedido do quadro geral do exercito francez e do ambiente da FRANÇA no ponto de vista militar quando NAPOLEÃO assumiu o commando das forças.</p> <p>b) Apanhado sobre a situação geral, as causas da guerra, o fracasso do projecto de desembarque na INGLATERRA, as forças oppostas e o valor dos exercitos em presença. Os planos de campanha francez e dos colligados; a marcha do Grande</p>

Meses	Campanhas a estudar	Trabalhos a fazer, pessoalmente no fim do estudo de cada campanha
Julho	b) de 1805, com estudo especial da batalha de Austerlitz.	Exercito — Noticia sobre o dispositivo no LECH e o investimento de ULM (combates de WERTINGEN, ALBECK e ELCHINGEN. A capitulação. 2.ª Phase da Campanha — O movimento sobre a região de VIENNA — BRUNN, combates travados. Manobra de HOLLABRUN. Dispositivo de espera em torno de VIENNA. Estudo especial da batalha de Austerlitz. Resultados da Campanha.
	c) de 1806, com estudo principal da batalha de IENA.	c) Esboço sobre a situação geral e causas. As forças oppostas e o seu valor; os planos da campanha; as operações. Batalha de IENA o de AUERSTOEDT.
Agos.	Guerra de que resultou a independencia do URUGUAY.	A grande perseguição. Conclusões. Estudo sumario das campanhas da CISPLATINA e pormenorizado da batalha de PASSO DO ROSARIO, precedido de um apanhado sobre a situação geral dos paizes em lucta; causas, forças militares e seu valor.
Set.	Guerra do PARAGUAY	Esboço sobre a situação geral; causas; forças em presença, seu valor; armamento; a triplice alliance; a invasão do Rio GRANDE DO SUL; plano de operações dos alliedos. A concentração em CORRIENTES o preparativo para a invasão do território paraguayo; a travessia do rio PARANÁ e marcha na direcção do HUMAYTÁ. Estudo especial da batalha de TUYUTI. Situação dos alliedos após Tuyuty. Resumo das operações até a chegada de CAXIAS.

Mezes	Campanhas a estudar	Trabalhos a fazer, pessoalmente no fim do estudo de cada campanha
Out.	Guerra do PARAGUAY	Esboço sobre a situação dos aliados após a chegada de CAXIAS. O seu papel na reorganização das forças brasileiras. Operações para conquistar a posição de ROJAS e aproximação de HUMAYTÁ e operações fluviaes. Início da marcha dos aliados rumo a ASSUMPÇÃO. Esboço sobre a marcha rumo a ASSUMPÇÃO; as linhas do TEBICUARY e PIKISSYRY; sua importância; VILLETA e ANGUSTURA; marcha sobre o CHACO. Estudo particular da Dezembrada. Fuga de LOPES. Tomada de ANGUSTURA e VILLETA. Marcha para ASSUMPÇÃO.
Nov.	Guerra do PARAGUAY	Campanha das Cordilheiras — Plano de manobra do Conde D'EU. Manobra de PERIBEBUY — Batalha de CAMPO GRANDE — As operações para a captura de LOPES. Fim da guerra.
Nov.	Guerra de Seccessão	Esboço sobre as origens: situação geral; as forças em presença; seu valor. Estudo da manobra do CHANCELLORSVILLE e da batalha de GETTYSBURGO. Ensinamentos e conclusões a tirar quanto a casos similares ao brasileiro.
Dez.	A Grande Guerra	Esboço sobre as causas da guerra; a mobilização e concentração; os planos de campanha (francez e alemão); as batalhas antes do MARNE; a batalha do MARNE; os dois chefes MOLTKE e JOFFRE, seu valor; perseguição. A corrida para o mar.

Mezes	Campanhas a estudar	Trabalhos a fazer, pessoalmente, no fim do estudo de cada campanha
Dez.	A Grande Guerra.	A guerra na frente da PRUSSIA ORIENTAL, Batalha de TANNEBERG e dos lagos MAZURICOS. A campanha da RUMANIA — idéa geral e resumo das operações de FALKENHEIM e de MACKENZEN. Idéa geral sobre as operações nos outros theatros, especialmente no da SERVIA.

Jan. Até o dia 20 — Recordação Geral.

O programma de historia militar é, á primeira vista, desanimador, porém, si fôr feito segundo os conselhos acima apontados e, com o methodo de trabalho preconizado, a tarefa tornar-se-á facil, tanto mais que os candidatos já são possuidores de conhecimentos de historia militar capazes de auxiliar-los a levar a termo a tarefa de que se incumbiram.

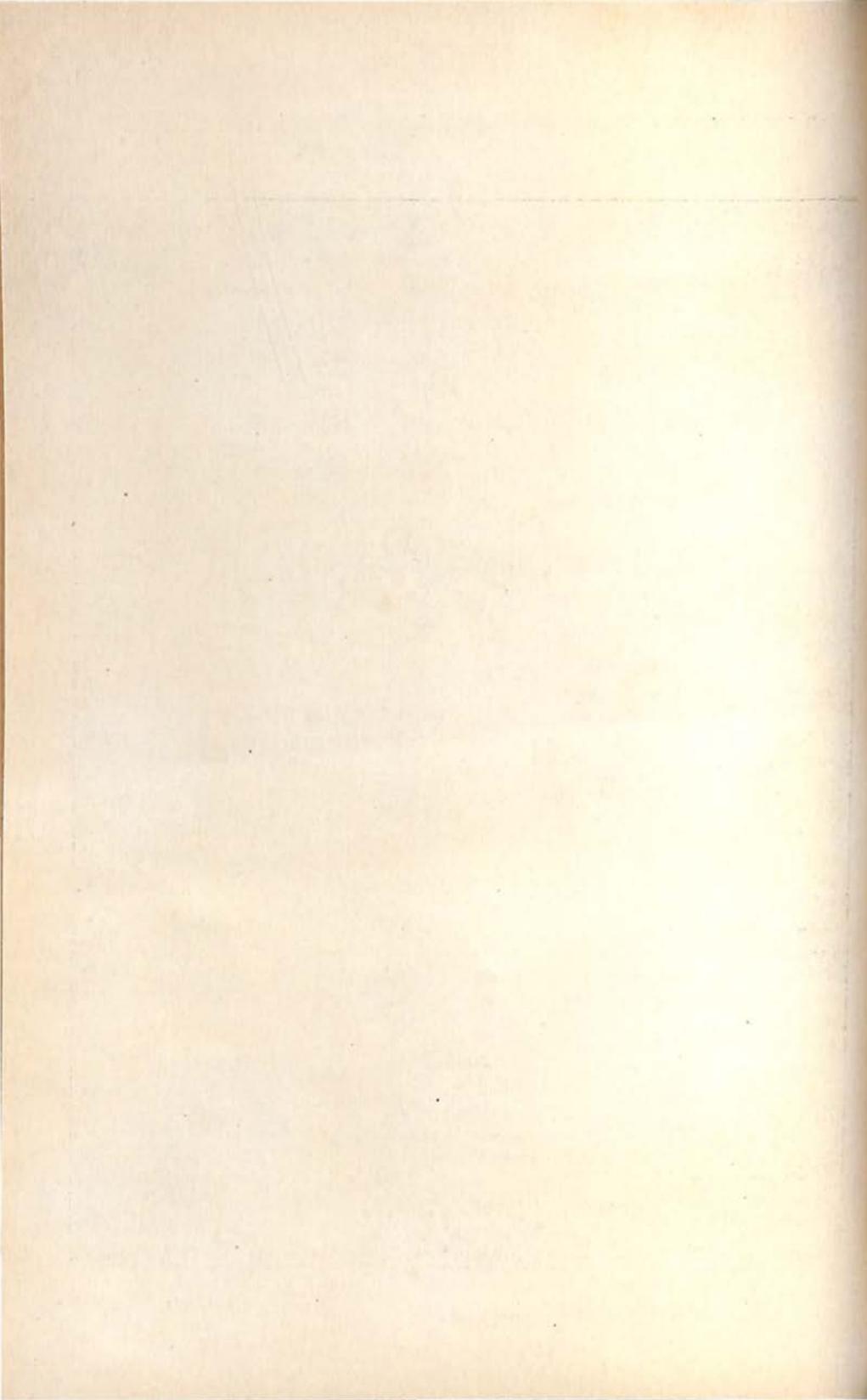
NOTA — O presente quadro foi organizado tendo em vista o estudo que os candidatos ao proximo concurso terão de fazer dentro do tempo que lhes falta para as provas. Certo, aquelles que se candidatarem nos annos seguintes poderão, seguindo as linhas mestras do quadro acima, distribuir melhor e desafogadamente o estudo que terão de fazer.

No proximo numero iniciaremos a publicação de um trabalho de autoria do Cap. Manoel Joaquim Guedes para o qual chamamos attenção dos infantes: **Um anno de instrucção numa Cia. Mtr. de R. I.**

BATERIA INDEPENDENTE DE ARTILHARIA DE DORSO
JOÃO PESSOA - PARAHYBA



Sala de sports — Rancho das praças e Casino dos soldados



SEÇÃO DE INFANTARIA

Redactor: FLORIANO BRAYNER
Auxiliares: MANOEL GUEDES
COELHO DOS REIS

A infantaria ao "ralenti"

Ten. Cel. HURST

(Traduzido pelo Ten. Cel. Paulo Nascimento Silva)

— O espetáculo das manobras e exercícios aos quais assistimos desde alguns anos deixa a impressão:

1.º — Que no decurso das approximações precedendo a tomada de contacto, a progressão da nossa infantaria tem um aspecto de lentidão perigosa;

2.º — Que a conducta dos nossos elementos de reconhecimento tornou-se de uma timidez exagerada.

— Os exemplos que disto poderíamos citar são numerosos. — Era, há alguns anos, a vanguarda de uma divisão, marchando ao encontro de um inimigo também em movimento e fazendo em seis horas uma marcha de 4 quilometros sem que o menor contacto tivesse sido tomado — E', mais recentemente, o caso de uma outra D. I. encarregada de uma missão nitidamente offensiva e cujas vanguardas percorrem 6 quilometros em seis horas, sem ter recebido um tiro de fuzil. — E' ainda um R. I. que em 1931, executa sob os nossos olhos uma marcha de approximação de diversas horas, sem encontrar nenhum inimigo e isto num dispositivo preconcebido de ataque e com um luxo de precauções que lhe impediu chegar, durante uma morosa progressão de oito horas, ao contacto de uma flancoguarda inimiga collocada a 15 quilometros. — E', emfim, no decorrer de numerosas manobras de unidades menores, o espetáculo dos elementos de reconhecimento de tendo-se ao menor tiro longínquo, ou immobilisando-se em vez de manobrar por infiltração (!), ou ainda o espetáculo de patrulhas hesitantes, marcando passo, ou esclarecedores cuja integral educação parece que foi dirigida por um espírito todo feito de prudência.

(1) Durante um exercício recente de tomada de contacto, um commandante de grupo chegado a uma passadeira onde havia posto em bateria o seu F. M. respondeu a nossa pergunta: "Porque não envia estes alem da agua os vossos volteadores, afim de reconhecerem o bosquezinho a 150 metros?" — "O inimigo poderia atirar sobre elles".

As causas dessas lentidões e dessas hesitações nos parecem ser as seguintes:

— Para as lentidões das approximações, até á tomada de contacto exclusivo:

1.º — O dispositivo muito rígido das marchas de approximação com os seus corollarios:

a) O abandono demasiadamente prematuro da rede rodoviaria;

b) O cerceamento da infantaria num sistema de quadriculas de lances e de limites semeado de interdições;

c) O emprego abusivo das bases de fogo.

2.º — A pratica nefasta do chefe que, em todos os escalões, não "decola";

3.º — A procura da invisibilidade e a utilisação intensissima do terreno pelos elementos de reconhecimento das vanguardas;

4.º — A preocupação muito exclusiva do factor fogo com prejuízo do factor movimento.

No que se refere mais particularmente ás hesitações dos elementos de reconhecimento: uma falta de audacia caracterizada de todos esses elementos.

* * *

1.º — O DISPOSITIVO MUITO RÍGIDO DAS MARCHAS DE APPROXIMAÇÃO

Nas marchas de approximação que vemos executar depois da guerra, o dispositivo de ataque ahi não existe somente em germe; mas, qualquer que seja a distancia do inimigo, elle é realizado para funcionar em todos os momentos. — Em vez de uma marcha em guarda flexivel, adaptando-se em particular á rede rodoviaria, que é possivel em numerosos casos utilizar por mais tempo do que se faz, temos sob os olhos a progressão lenta e compassada de um dispositivo preconcebido de ataque, prisioneiro das suas preocupações de ligação e de fogo.

O abandono muito prematuro da rede rodoviaria:

E' muito mais, na nossa opinião, a noção do momento possivel da tomada de contacto das vanguardas que deve determinar aquelle em que se tem a obrigação de marchar através campos do que a noção do perigo de tiros longinquos dos canhões inimigos.

Para parar a esses ultimos basta que as vanguardas sejam escalonadas em largura e em profundidade e sufficientemente flexiveis para tomar rapidamente a formação de approximação.

O general de divisão fixa, no inicio do movimento, segundo as informações que possue, a linha até á qual elle pensa poder levar suas vanguardas utilizando o sistema rodoviario.

A formação de approximação será tomada seja por ordem do general de divisão, seja por iniciativa dos commandantes das vanguardas, segundo as informações fornecidas durante a marcha, de modo que as vanguardas estejam em condições de constituir a tempo um fructo de combate em toda a zona da D. I.

Convém fazer notar que a utilisação no futuro de destacamentos mecanicos de segurança deverá contribuir para aumentar ainda a segurança das vanguardas e permittir a sua progressão durante mais tempo em formação de estrada.

O cercamento da infantaria num sistema de quadriculas de lances e de limites semeado de interdições

A utilidade desse sistema de quadriculas é incontestável si se quer ir em ordem á batalha (1). E' um quadro destinado a fixartodo o mundo na vontade do chefe e a balisar a todos os momentos a intervenção eventual da artilharia. Mas, emquanto o contacto das Vgs. não tinha sido tomado, a progressão deve desenvolver-se nesse sistema de quadriculas, flexivelmente, com sua velocidade normal e todas as iniciativas se exercendo livremente. Nada de paradas inuteis nos lances fixados; nada de alinhamentos dos batalhões em cada um desses lances; nada de destacamento de ligação quando a sua inutilidade é manifesta. (1).

A ligação entre os batalhões deve consistir, em cada lance, em dizer ao seu vizinho: "Cheguei a tal lance; eu continúo", e não: "Estas em tal lance e eu posso continuar?"

O chefe, por outro lado, evitará prescripções tais como: "Só se partirá para o lance seguinte mediante minha ordem" ou: "As vanguardas não ultrapassam tal linha antes que os grossos — hajam attingido tal outra linha". (2)

Semelhantes prescripções são, com efeito, uma causa de retardamento certo e perigoso, por todos os reflexos que ellas engendram nos cerebros dos executantes

Desde que o contacto das Vgs. tinha sido tomado, ao contrario, a prudencia, a necessidade para o chefe de ter em todos os momentos na mão um dispositivo coerente, impõem paradas em tal ou tal lance, ligações permanentes entre os batalhões, em nossa palavra, precauções e restrições numerosas visando assegurar uma perfeita coordenação dos esforços.

O emprego abusivo das bases de fogos durante a marcha

Este emprego abusivo, que decorre naturalmente da pratica da approximação num dispositivo de ataque, prompto a funcionar em todos

(1) No inicio de uma campanha, com tropas não aguerridas, a necessidade de ordem e de metodo se impõe muito particularmente.

os momentos, é ainda exagerado pela verdadeira mystica da base de fogos que, a partir de 1928, conquistou os cerebros da nossa infantaria.

Crearam-se na infantaria, desde essa data, excellentes habitos no combate (1), mas superfluos no decorrer das marchas de approximação onde a base de fogos não corresponde a uma necessidade immediata e não faz senão concorrer para o retardamento da marcha.

No decurso desta, a infantaria deve contentar-se com uma base de fogos em potencia, aquella que lhe assegura o apoio eventual da artilharia e a possibilidade da entrada em linha rapida de certas armas de infantaria, levadas para a frente no dispositivo de approximação.

2.º — A PRÁTICA NEFASTA DO CHEFE QUE, EM TODOS OS ESCALÕES, NÃO "DECOLLA"

Este mau habito é muito accentuado na nossa infantaria de apos guerra do que naquella de antes de 1914. Aqui tambem, como em muitos outros dominios, a guerra de estabilisação deixou traços, um estatismo de que temos dificuldade de nos curar. — As vantagens do chefe que "decolla" são conhecidas de todos: ver o seu terreno, estar mais perto das informações, poder tornar mais cedo uma decisão e, consequentemente, ganhar tempo, isto é, velocidade. Ha mais: a presença do chefe na frente age sobre todos os seus subordinados como um verdadeiro estimulante, no sentido da marcha para a frente, da actividade sob todas as suas fórmas, de impulsão.

3.º — A PROCURA DA INVISIBILIDADE E A UTILISAÇÃO DO TERRENO A TODO TRANSE PELOS ELEMENTOS DE RECONNECIMENTO DAS VGS.

A vontade de escapar aos olhares dos aviões, dos observadores terrestres, e algumas vezes dos grandes chefes, tem, pouco a pouco, levado cada um a considerar que uma manobra bem feita é uma manobra na qual não se vê nada.

Esta maneira de pensar não deve ser absoluta e applicar-se indistinctamente a toda especie de manobra.

Quando uma tropa, por exemplo, é chamada a fazer durante o dia, atraç de uma frente ocupada, um deslocamento que só tem por fim leval-a de uma zona A para uma zona B, esta tropa terá operado muito bem si uma bôa utilisação do terreno e das cobertas tenha feito com que ella escapasse completamente ás investigações aereas ou terrestres.

(1) O regulamento de infantaria, no seu artigo 150, define o papel da base de fogo na partida do ataque. O seu emprego e pois, encarado somente no combate, e sua extensão abusiva no decurso das approximações aparenta-se ao dispositivo preconcebido do ataque, que se generalizou nos nossos exercícios de approximação.

Si considerarmos, ao contrario, vanguardas numa marcha de approximação ao encontro do inimigo, ellas terão mal operado si, para dissimularem completamente a sua marcha, esta tenha sido de uma lentidão prejudicial á sua missão. A obrigação para ellas de crearem continuamente, em torno dos grossos, uma atmosphera de segurança sufficientemente profunda, impõe-lhes procurar a rapidez (1) na progressão (2).

Si os escalões de combate e as reservas das Vgs., que não são obrigados, como os escalões de reconhecimento, de esquadrinhar uma zona, podem procurar melhor que estas a invisibilidade numa parte desta zona que a isto melhor se prestaria, não devem menos se esforçar em não retardarem a progressão desses ultimos e ficarem em condições de sustentá-los em todos os momentos.

Os elementos dos escalões de reconhecimento, esses, devem ter como preocupação primordial ir directamente de ponto de observação em ponto de observação, procurar a informação que o chefe tem pressa de conhecer.

E' isso que vemos o mais frequentemente? Eu, ao invés disso, um jogo de esconder com o inimigo, que se traduz por um "bordejar" através o terreno paradas continuas, um medo instinctivo de sahir das cobertas, onde se corre o risco de se acumular e de perder a sua direcção (3) ?

4.º — A PREOCCUPAÇÃO MUITO EXCLUSIVA DO FACTOR FOGO EM DETRIMENTO DO FACTOR MOVIMENTO

Nossos quadros compreenderam toda a importancia do factor fogo, mas tem uma tendencia muito nitida a perder de vista a importancia do factor movimento.

No curso das tomadas de contacto, sua preocupação de assegurarem um bom apoio de fogo aos elementos que progredirão, absorve commumente sua actividade ao ponto que as medidas a tomar para assegurar esta progressão tão rapida quanto possível, conservar o contacto com um inimigo que parece ter desapparecido, utilizar sem demora caminhamentos permittindo a infiltração, passam muito frequentemente ao segundo plano, quando elles não são completamente desprezadas.

O movimento é uma das armas da infantaria. Ella deve saber se servir tão bem como de todas as suas outras armas.

(1) Como rapidez entendemos uma marcha sem hesitação e paradas inuteis. A velocidade do infantil é, faça-se o que quiser, aquilo que lhe permitem a sua conformação e o seu carregamento. Mas, seu cérebro, e sobretudo, o do seu chefe, pode e deve conecer e por em ação, em todos os momentos, mais rapidamente do que aquelle que estão diante delles.

(2) Chave § 228 do Regulamento de Infantaria (2.ª parte).

(3) Essas duas noções de direcção e de disseminação devem, na nossa opinião, qualificando se trata da marcha das Vgs. tomar o passo sobre aquella da invisibilidade.

A importancia dos problemas de tiro não deve lhe fazer perder de vista a importancia dos problemas do movimento. Uma bôa infantaria é a um só tempo uma infantaria que sabe utilizar o seu fogo, para fazer avançar os seus vizinhos e avançar sem cessar aproveitando o fogo desses mesmos vizinhos.

O fogo só nos dará o sucesso alliado intimamente a um sentimento agudo da intilfração e do movimento para a frente.

A falta de audacia caracterizada de todos os elementos de reconhecimento

Esta falta de audacia, nós a constatamos desde alguns annos no de-
correr de numerosas manobras.

Ella se manifesta pela hesitação, um verdadeiro medo de ir para a frente por parte dos nossos elementos de reconhecimento, mesmo não submettidos ao fogo, e, ein contacto com o inimigo, pela parada e estagnação desses elementos deante de alguns tiros isolados.

Durante uma manobra recente, o inimigo tendo feito o retrahimento ao clarear do dia deante de um ataque adverso preparado com carros, assistimos durante uma hora e meia ao tactear dos elementos de reconhecimento lançados para a frente para retomarem o contacto. — Vimos uma patrulha avançar, hesitante até 300 metros da sua companhia e voltar a ella sem ter ido á crista situada a 300 ms. mais longe e onde estavam installadas, na vespera á tarde, as armas inimigas. Vimos mais tarde um pelotão, lançado na frente de um outro batalhão, chegar, não sem longas hesitações, á crista precipitada e ahi se deitar sem enviar os seus esclarecedores ás cobertas situadas um pouco além — Quando, sob os conselhos de um official da Direcção, este pelotão se decidiu a procurar retomar o contacto, assistimos de inicio as mesmas hesitações da parte dos seus esclarecedores.

Em contacto com o inimigo, a falta de audacia dos nossos elementos de reconhecimento detem toda infiltração e, por via de consequencia, toda possibilidade de dar ao chefe informações de contacto que lhe permittam assentar sua decisão. — Assim, assistimos muitas vezes a ataques montados no vasio sobre linhas avançadas inimigas, cujas resistencias esparsas teriam cahido deante de uma infiltração audaciosa dos escalões de reconhecimento.

Essa falta de audacia é simplesmente a consequencia do espirito de prudencia extrema adquirido no rude contacto do fogo, durante quatro annos e meio de lucta.

Si, em 1914, tinhamos tendencia a despessar o fogo, em 1924 temos tendencia a preocupação constante do fogo.

Uma e outra tendencia são igualmente perigosas por seus resultados sobre a educação de uma infantaria.

Não é a preocupação constante do fogo, mas a noção nitida do valor, do fogo que devem ter os nossos quadros.

Esta noção é a condição necessaria ao espirito de prudencia com o qual um chefe, mesmo audacioso na concepção, deve dirigir a execução. E', no nosso modo de pensar, esta prudencia dos quadros na execução que deve constituir para o soldado a garantia que elle pode marchar sem preocupações e ousar sempre. Posto que elle, o modesto executante, para quem não se trata de olhar para traz, é num espirito de audacia que é preciso educal-o (1)

Até onde deve ir o espirito de prudencia dos nossos quadros para não correr o risco de ser timidez, hesitação, pusillanimidade?

Si, no ataque, acto brutal de phases nitidamente marcadas, o espirito de prudencia nos apparece nitidamente como devendo dominar na preparação, e a audacia dever prevalecer a partir da hora H, não se dá o mesmo na marcha de approximação ou nas tomadas de contacto, actos mais matizados com limites mal definidos. Acreditamos poder, todavia, caracterizar o espirito de prudencia, nesses dois dominios, da maneira seguinte:

Na approximação nas proximidades do inimigo, a parte da prudencia está contida nas medidas judiciosas de segurança, na dissimilação das unidades pela maxima utilisação da rede rodoviaria e o esclonamento em profundidade, numa observação bem praticada. Esta parte é ultrapassada, si a marcha é organizada como a vemos frequentemente desde alguns annos, com um luxo de precauções, de interdições, de recomendações, tendo como resultado o "marcar passo" das vanguardas.

Nas tomadas de contacto, a prudencia reclama as mesmas precauções de segurança e de disseminação, lances em que se pára, uma observação attenta; porém ella é ultrapassada si a missão dos escalões de reconhecimento se apaga deante da preocupação unica da procura da invisibilidade e o reflexo da parada ao menor tiro.

* * *

Concluiremos dizendo:

Antes de tudo, é preciso tornar á nossa infantaria, ao lado do sentimento do fogo, o sentimento do movimento.

(1) Pretende-se, temos ouvido algumas vezes dizer, que um educação no sentido da prudencia compensará o material ardente da nossa raça. Mas, somos de opinião, ao contrario, que este natural ardente é um dos nossos mais bellos florões, uma virtude que é preciso cultivar em vez de tornal-a anémica. Acreditamos que em nenhum periodo da historia e em nenhum povo se tenha procurado fazer do soldado um ser timorato, com falta de impulsão e audacia, pensando nos golpes que pode receber e não naquelas que pode dar no inimigo.

E' um problema do justo termo, portanto, um problema delicado — difícil.

Sem despresar o fogo, é necessário cultivar quasi do que o vemos fazer desde alguns, annos o sentimento da infiltração, a habilidade a utilizar o terreno e os sectores privados de fogo.

Para isso, é preciso que saímos mais frequentemente dos exercícios de contacto num enquadramento muito estreito, que nos congelaram numa unica maneira de commandar e de fazer, compassada e rigida, não offerecendo occasões suficientes de praticar: para os quadros, a iniciativa; para a tropa, a infiltração e a manobra.

A pratica dos exercícios de marcha de approximação em longos percursos, sem contacto com o inimigo, utilizando ao maximo a rede rodoviaria, e aquella dos exercícios de tomada de contacto mas quaes as resistencias inimigas, escalonadas em uma grande profundidade, não são multiplicadas ao ponto de impedir toda infiltração e toda manobra, como vemos frequentemente, são, ao nosso ver, bem propicias para concorrer ao fim que nos propomos: tornar a dar ás nossas unidades o sentimento do movimento para a frente e, portanto, mais rapidez.

Tudo aquillo que, além disso, contribua — para dar flexibilidade aos nossos quadros e ás nossas unidades concorrerá indirectamente para o mesmo fim (1): exercícios de pequenos destacamentos, nos quaes intervirão incidentes inesperados; pratica de terrenos muito variados, particularmente nos exercícios de quadros, nos quaes o cavalo — a bicyclette permitem mais facilmente se afastar dos terrenos habituas que ficam nas proximidades immediatas das nossas guarnições; pratica frequente do largo espaço, em vez do acotovellamento e das pequenas distancias dos nossos terrenos de exercícios.

Para chegar ao resultado procurado, será necessário, finalmente, da parte dos quadros.

1.º — Suprimir, nas ordens escriptas, tudo aquillo que retarda, tudo aquillo que freia inutilmente, tudo quanto limite as iniciativas (ordens muito longas, ingerencia nos meios a empregar para desempenhar a missão, pratica longa do inimigo de exigencias que são necessarias sómente uma vez o contacto tomado);

2.º — Dar prova, durante as marchas de approximação, do desejo constante de se informar e, para isto, "decolar" largamente;

3.º — Procurar dominar sempre o inimigo por uma actividade e uma flexibilidade cerebraes que são, em ultima analyse, a melhor garantia da rapidez da manobra.

(1) Notamos que, no futuro, com os engenhos mecanicos modernos, será tão necessário senão mais, que a infantaria seja alerta e manobreira.

4.º — Educar o soldado no sentimento do audacia, mostrando-lhe as vantagens d'ahi resultantes, no quadro das precauções tomadas pela prudencia do chefe.

* * *

Será nessas condições que nossa infantaria, hoje bôa infantaria de fogo, se tornará uma bôa infantaria de movimento.

O perigo a evitar por ella, á proporção e á medida que se afasta da guerra, será de lançar-se impetuosamente te de olhos fechados no movimento esquecendo-se da grande lição do fogo de 1914-1918. Trata-se para ella, hoje, de tornar a ser flexivel, rapida, manobreira e ardente, sem esquecer para tanto as realidades do fogo.

Só se constroe, solidamente, sobre as realidades, unicas capazes de proteger contra as abstracções da theoria e os exageros da imaginação.

(Traduzido, do numero de maio de 1935 de "La Revue d'Infanterie").

Nota do traductor

As idéas brilhantemente expostas no presente artigo pelo Tenente Coronel Hurst são as mesmas que exporamos desde longa data, que defendemos, que pregamos. — Mas, como nos falta a autoridade que emana do saber, nunca tivemos a grata satisfação de vel-as totalmente aceitas — Agora porém, nos escudamos na alta autoridade do Cel. Hurst e nos sentimos em optima companhia.

Não fosse o nosso justificado receio de empallidecer o brilho desta magnifico trabalho, accrescentariamos alguns casos concretos de que fomos testemunha.



Camaradagem mal comprehendida

LIVROS FRANCEZES

Acabam de chegar e estão á venda na "A Defesa Nacional", os seguintes livros:

Memento du Chef de Bataillon — Vanégué.

Aide memoire de l'officier de réserve — Arendt

— Tactique et fonctionnement des P. C — Andriot

Tactique et fonctionnement des P. C. — Andriot. Chef de Bataillon Loustau Lacau. — Le Châine.

Chief de Bataillon Lousteau
D. A. T. General Niessel

D. A. T. General Niesel.
Strategie des transports et logistique militaire. Général R. Gouraud

Stratégie des transports et des ravitaillement — General Rasgr...

Les moyen de l'aéronautique de C. D'Armée — La Baume.

Guide à l'usage de l'officier des renseignements

Manoeuvre d'aile — General Loizeau.

Essais sur le renseignement à la guerre —

Le 56.^e Division au feu — General Dartein.
Quand et comment Napoleón a conçu son systheme de Bataille —

General Camon.

Aide-mémoire du chef de section d'infanterie — Chaix.

Manuel de l'oficier de réserve

Aide memoire du mitrailleur

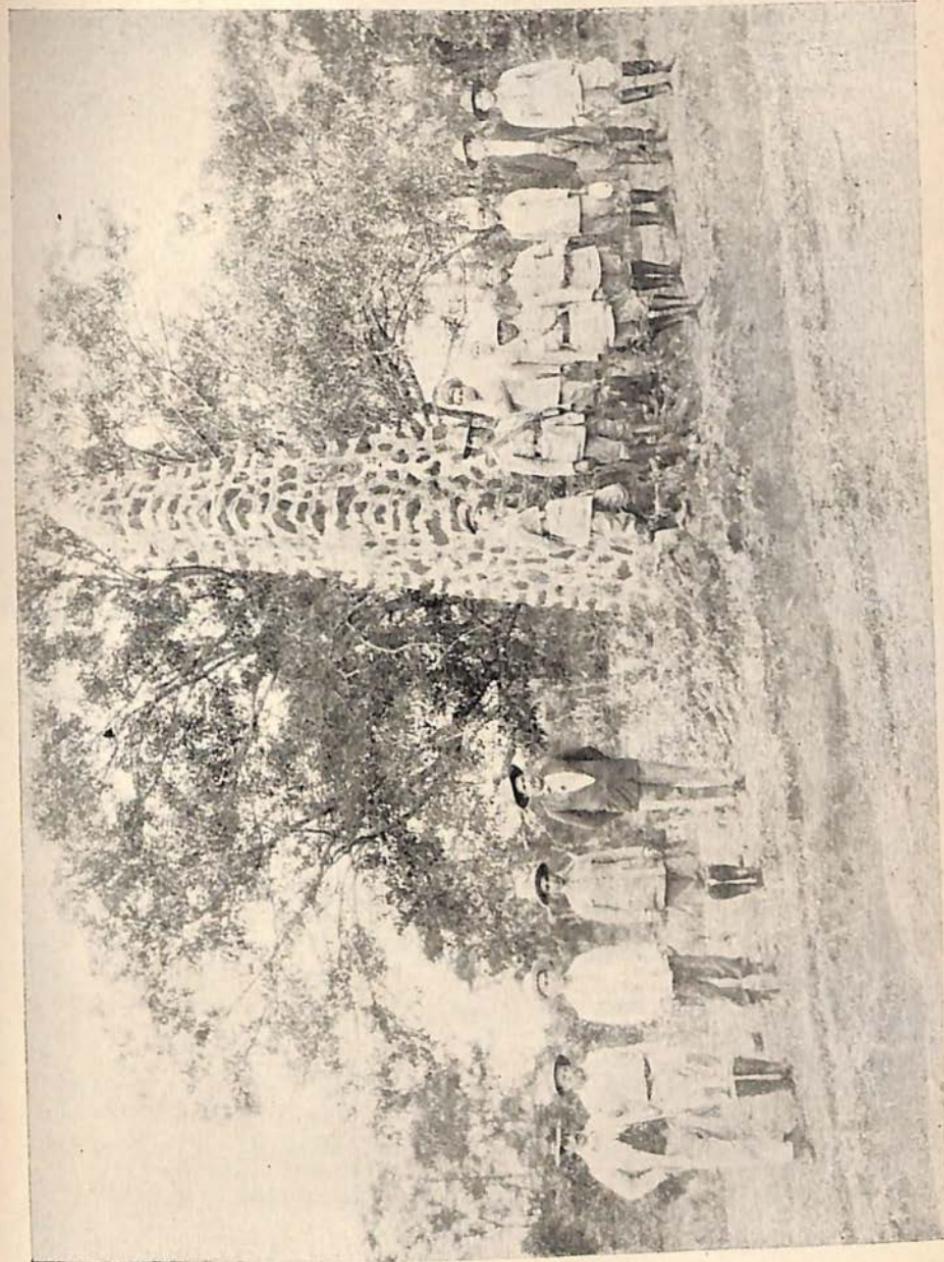
Les opérations sur le front oriental en 1917

On se bat sous l'équateur — Charb

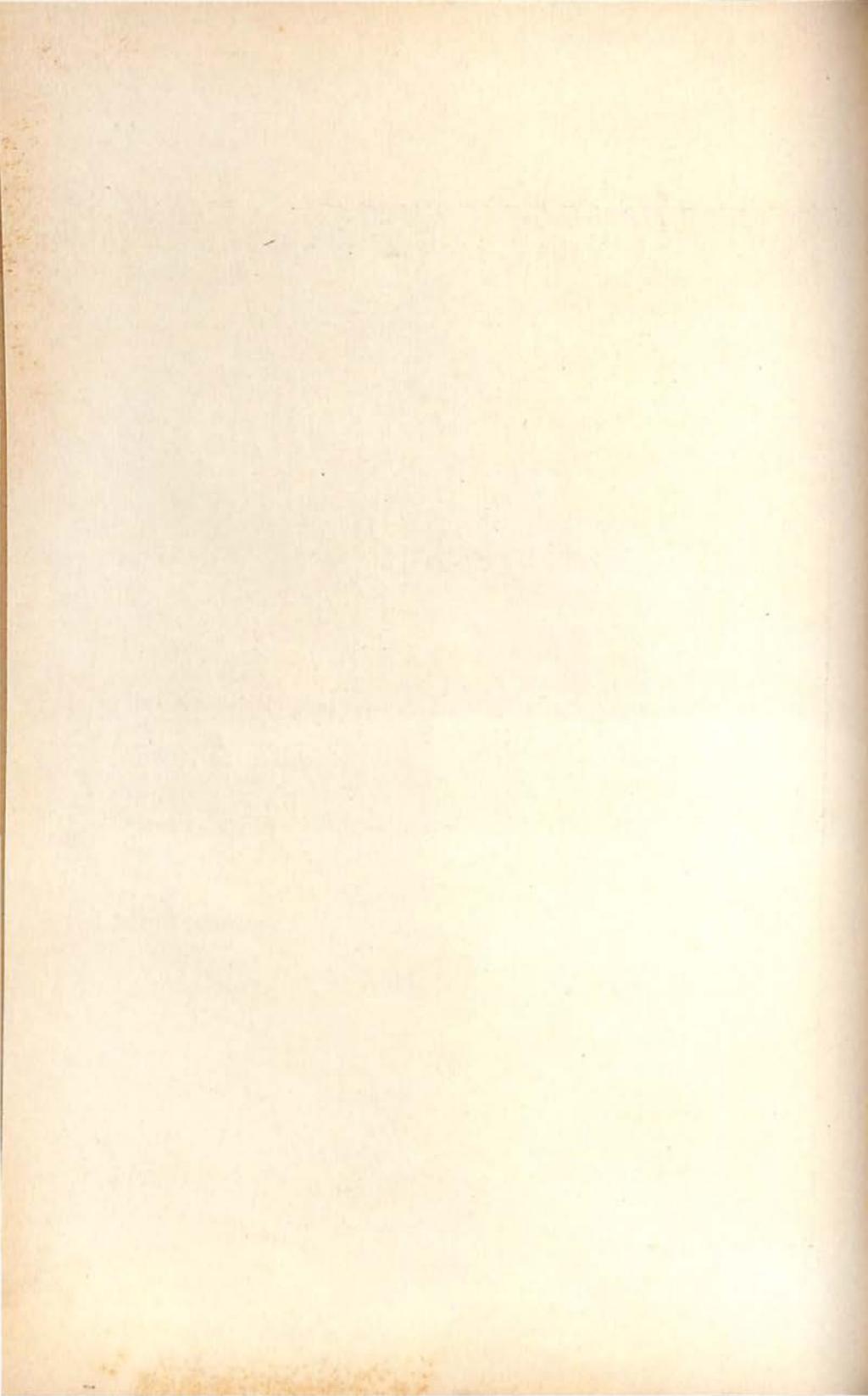
PUBLICAÇÕES DO MAJOR JOSÉ FAUSTINO

A' venda na "A Defesa Nacional"

PELO CORREIO MAIS 500 RÉIS



... Comunis (brasileiro) e Barracón (argentino)



SEÇÃO DE CAVALLARIA

Redactor: F. D. FERREIRA PORTUGAL
Auxiliar: DANTAS PIMENTEL

Algumas Lições da Guerra Mundial

Cel. ARGUEYROLLES

(Traducção da "Revue de Cavallerie" pelo Cap. DESCARTES)

Em estudo anterior consagrado aos processos de acção das unidades motorizadas e mecanicas foi analysada uma operação de desbordamento visando objectivos afastados, na phase de participação na batalha geral (1)

As opiniões surgidas no momento, mostraram a necessidade de uma discussão mais ampla das possibilidades de acção dos grandes orgãos couraçados "todos os terrenos" na manobra offensiva da ala de um exercito.

E' admissivel, como proclamam alguns, ser perfeitamente vâo, hoje em dia, contar com um rapido sucesso no rompimento dum sistema de segurança que cobre o flanco de todo grupamento importante de força? Será exacto que, mesmo no caso de um grupamento de forças mecanicas conseguir attingir as communicações do adversario no decurso da batalha, os efeitos de tal acontecimento seriam em geral de pouco monta quanto ao resultado da acção engajada?

Em conclusão, será justo estabelecer como principio que, enquanto a victoria não estiver effectivamente assegurada, as grandes unidades rapidas e mecanicas devem ser empregadas exclusivamente em vista da ruptura frontal, concorrendo assim, lado a lado com as demais armas sobre o terreno da acção principal?

São questões sobre cada uma das quaes nos propomos aqui provocar novas meditações capazes de servir de base a um julgamento critico

(1) "Gouvernons vers le Large".

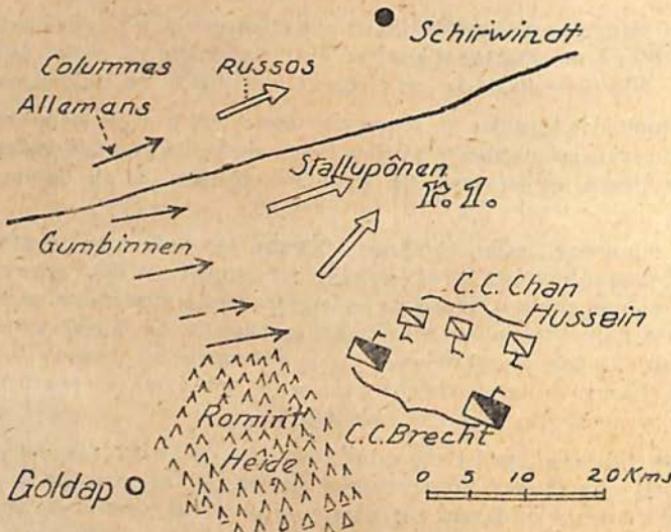
Revue de Cavallerie - Janeiro a Julho de 1934.

I

A SENSIBILIDADE DOS FLANCOS

Baseando-se em numerosos exemplos de acções de Cavalaria na frente oriental em 1914 e 1915, um auctor allemão tentou mostrar que as tentativas da Cavalaria de exercito, mesmo motorizada, visando as retaguardas inimigas, se chocam em condições tais aos órgãos de protecção dos flancos que o sucesso deve ser considerado como improvável. (1)

"Na guerra mundial, diz elle, essa cavalaria se encontrou sempre em presença de situações extremamente desfavoraveis. Forçada na maioria dos casos a abrir o caminho pelo combate, foi na execução deste primeiro acto que fracassaram repetidas vezes as acções intentadas contra as comunicações do adversario. "E' assim que no decorrer da perseguição após a batalha dos lagos Mazures (12/13 de setembro) o C.C. allemão Brecht visando as retaguardas do Ex. Rennenkampf encontrou o caminho fechado por forte cavalaria russa (croquis n.º 1).



CROQUIS 1

Incapaz de bater essa cavalaria, o C.C. allemão não pôde atingir em tempo opportuno a estrada principal de retirada dos russos, o cami-

(1) "Militär Wochenblatt", n.º 17 de 14 de Novembro de 1934. A decisão da batalha obtida pelo engajamento de unidades motorizadas segundo uma concepção francesa, pelo Cel. Cmt. Schack.

nho de Gumbinnen á Kovno. "Do mesmo modo durante a batalha de Wlozlaweck (novembro de 1914), o C.C. Schmetow (6.^a e 9.^a D.C.) dirigido sobre as retaguardas do 5.^o Ex. siberiano encontrou o caminho interditado por destacamentos russos de segurança. Retardado em consequência, só conseguindo romper os com a cooperação da 41 D.I. que o seguia".

* * *

Comparar as possibilidades de acção das D.C. da grande guerra com as das formações mecânicas modernas equivale mais ou menos a equiparar as frotas de Navarin com as esquadras que se defrontaram em Jutland.

As causas da impotência da cavalaria de 1914 para romper um dispositivo de fogos, são tão conhecidas que é inútil relembrá-las. Demais, a incapacidade de dominar a superioridade das combinações da defensiva não foi exclusivamente o triste privilégio da cavalaria.

Foi precisamente esta reconhecida incapacidade que deu nascimento á arma mecânica.

Na analyse desta questão, é necessário evitar confundir segurança tática de um flanco, com cobertura estratégica da ala.

A situação actual permite prever que os efectivos e o material postos em linha por um e outro partido — pelo menos no período inicial das hostilidades — não permitirão fechar completamente a frente de desenvolvimento estratégico dos adversários em presença. Haverá sempre espaços livres; existirá uma zona vazia. Conforme indica nossa Instrução de 1921 sobre o emprego tático das Grandes Unidades, em sua Exposição ao Ministro:

"No inicio de uma campanha as forças em presença, consistirão simplesmente de exercitos com efectivos restritos, destinados á proteger o levantamento em massa ou á perturbar ao do inimigo. Esses exercitos serão levados á manobrar utilizando os espaços livres."

Mas, a velocidade e o grande raio de acção peculiar aos grandes órgãos mecânicos modernos, acarretam a necessidade de um desenvolvimento considerável no espaço do sistema de cobertura das alas.

Os C.C. ou destacamentos de todas as armas, que eram antigamente encarregados dessa missão, só podiam ter em sua frente um adversário dotado de uma velocidade relativamente reduzida e de uma capacidade de deslocamento não superior a 50 Kms. diários. Agindo em linhas interiores, estavam normalmente em condições, seja de impedir, seja de retardar, durante o tempo necessário, todas as ameaças de desbordamento.

Hoje em dia, uma grande unidade em cobertura pode ter que se haver com um inimigo que, occultando seus movimentos, aproveitando-se da noite ou de condições atmosféricas favoráveis, pode surgir em 10

horas a cerca de 200 Kms. de seu ponto de partida e frustar assim todas as perseguições.

Quanto ao dispositivo de segurança tactica dos flancos, deverá também se estender consideravelmente para proteger até as retaguardas toda a profundidade vulnerável.

Até que ponto, no espaço, pode se admittir esse desenvolvimento?

Que capacidade de resistencia poder-se-lhe-á attribuir sem detimento do dispositivo de batalha?

E' possível, de outro lado, que um exercito profundamente engajado na batalha decisiva possa *sempre* distrahir as forças necessarias para fazer frente a uma intervenção inesperada em ponto afastado de sua zona de combate?

E' certo que o aproveitamento dos obstaculos do terreno e a execução de numerosas destruições permittirão um sensivel reforçamento do dispositivo de segurança. Mas, não existirão sempre obstaculos serios *orientados num sentido favoravel*. De outro lado, o accrescimo das destruições não deixa de apresentar questões delicadas. De inicio, deve ser encarado com grande prudencia e fazer parte integrante de um plano de conjunto, afim de não comprometter as manobras ulteriores do Commando.

Em segundo lugar, sua realização em grande escala exige tempo, efectivos de engenharia e uma tonalagem importante de explosivos. Emfim, acontece frequentemente que a destruição de certas obras é incompleta e a passagem pode ser rapidamente restabelecida pelo inimigo.

A 16 de Agosto de 1914, a Cia. de engenharia 1/3 e a metade da Cia. 1/4 foram encarregadas da destruição das pontes do Meusa da região de Dinant, entre Hastiéres e Yvoir. Os efectivos foram repartidos entre as seis obras á destruir. Foi organizado um comboio para transportar ao forte de Charlemont em Givet os 2.000 Kilos de explosivos necessarios; este, convenientemente escoltado, foi conduzido ao destino, na manhã de 17; os trabalhos foram imediatamente iniciados e exigiram uma duração média de oito horas. A 23 de Agosto, o Ex. von Hausen se apresenta para forçar as passagens. A ordem de destruição foi dada; mas as pontes de Houx e de Anseremme incompletamente destruidas permittiram aos XII e XIX C.E. allemão de recalcar a 5.^a D. I. franceza que cobria, na altura do Meusa, o flanco do 5.^o Ex. O XIX C. Ex. poude utilizar igualmente os vãos de Wulsort e de Freyer na região de Onhaye. O 5.^o Ex. se achava no momento violentamente engajado ao Sul do Sambre contra o Ex. von Bulow. O Corpo Franchet d'Esperey que fôra disposto ao Norte de Bioul face a Oeste, estava prompto a lançar contra o flanco des coberto do inimigo um contra ataque de cujos resultados era permitido tudo esperar. Mas o perigo de Von Hausen sobre as retaguardas do 5.^o Ex. era grave; o que levou ao Gen. Lanrezac a suspender toda ação em curso e a iniciar imediatamente a retirada.

Além desse efeito imediato de uma acção sobre as comunicações no decorrer da batalha, conservemos do presente exemplo os dados seguintes: Uma Cia. e meia de Eng. e 2.000 Kilos de explosivos para seis obras num desenvolvimento de margem de 22 Kms. Lembremos-nos que os executantes dispuseram de 6 jornadas, entre 17 e 22 de Agosto, numa calma quasi absoluta, para executarem o trabalho de destruição, e que, apesar disso, duas pontes sobre seis foram incompletamente destruidas.

Quando, nos dias 26 e 27 de Agosto, o Ex. do duque Alberto de Wurtemberg defrontou o Meusa, encontrou completamente intactos, apesar das ordens de destruição dadas pelo Cmdo. francez, as pontes dos arabaldes de Tracy em Sedan e da via ferrea de Bazeilles. Quanto á ponte de Saint-Menges, ao Norte da qual ilha de Iges, o resultado de sua destruição foi tão pouco satisfactorio que a passagem foi restabelecida pelos allemaes numa hora e meia.

Taes infortunios fazem partes da incertezas quotidianas da guerra.

O que aconteceria sobre a ameaça de irrupção de elementos blindados?

Basta viver o ambiente das realidades para certificar-se de que um chefe vigilante da situação do flanco inimigo, prompto a aproveitar os indícios de um instante de tumulto ou desordem, encontrará inumeras vezes a occasião favorável á intervenção rapida de uma força motorizada:

II

A PARTICIPAÇÃO NA BATALHA

Seduzio varios espíritos, sobretudo entre nossos vizinhos do Norte e de Este, a these segundo a qual as forças vivas, e em particular as de grande rendimento, devem ser empregadas directamente na ruptura do sistema de combate do adversario no ponto de esforço principal. Sendo considerada como prematura e prejudicial toda acção contra as comunicações do inimigo antes do sucesso da batalha estar completamente assegurado.

Prematura por não ser susceptivel de obter resultados importantes. Prejudicial por distrahir da acção principal um complemento de forças precioso.

Num artigo do "Journal of the Royal Artillerie" (volume 40), o major O'Body põe em guarda seus compatriotas contra a tendência que possuem as unidades motorizadas e mecanicas, "por sua propria impetuosidade a se deixar extraviar fóra do campo de batalha em voltas desordenadas e sem objectivo". "E' certamente mais perigoso, acrescenta, permanecer sobre o campo de batalha e combater do que ir esquadriñhar nos flancos ou retaguardas; mas o resultado é bem maior".

E' toda a questão da manobra de ala que está em jogo na these acima exposta.

Antes de tudo, afim de evitar qualquer confusão, firmemos na distincão necessaria.

A razão de ser da arma mecanica é de restituir aos exercitos modernos a mobilidade que a potencia do fogo o fizera perder. A exploração racional das propriedades desse novo orgão de combate conduz a repartil-o em dois elementos distintos para fins diferentes:

De um lado, as unidades de carros destinadas a agir na lucta de infantaria em combinação intimá com todas as armas do corpo de batalha. De outro, as grandes unidades constituidas, verdadeiras cavallarias rápidas e couraçadas, destinadas á agir explorando sua mobilidade e seu grande raio de acção. Os primeiros são elementos de intervenção tactica. A ellas incumbirá o papel, (na direcção de esforço), ou, segundo a concepção allemã, "sur le *schwerpunkt*", de desorganizar o sistema de fogos da infantaria e da artilharia por uma acção violenta e profunda, abrindo a brecha e realisando o *durchbruck*.

Os segundos, capazes tambem de intervir eventualmente no domínio tactico, são sobretudo orgãos de manobra destinados particularmente ás missões estrategicas

Limitar sua participação na batalha á simples acção de ruptura, não será desconhecer a virtude da manobra ?

Não será deliberadamente se negar á recuperar esta preciosa mobilidade cuja procura obstinada foi paga tão caro sobre todas as frentes de 1915 e 1918 ?

Não seria o caso de dispersão de esforços. Concebida e realizada em proveito directo da batalha, desencadeada no momento opportuno, a operação de flanco da grande unidade mecanica será intimamente coordenada á acção principal, com a qual formará um todo. Graças a seus meios aperfeiçoados de transmissão, permanecerá em ligação constante com o Cmdo. e não lhe escapará em nenhum momento. Esquadrinhar longe do perigo ? Ah ! não possuimos essa timidez. As seduções subtils do humor arrastaram um pouco longe nosso camarada britannico.

Sabemos entre nós o que é permittido esperar das tradições já adquiridas da nossa cavallaria motorizada.

III

VÁS DEMONSTRAÇÕES OU GRAVES AMEAÇAS ?

"Durante a guerra mundial, diz o Cel. Cmt. Schack no artigo já citado da *Militar Wochenschrift*, o simples aparecimento de fortes elementos de Cavallaria de Exercito proximo as retaguardas da frente de combate não resultou desmoralizante.

E' assim que nas jornadas de 20 e 22 de Julho de 1915, na Curlandia, exercito alemão do Niémen se encontra a nordeste de Scheulen, com a 5.^a D.R., sobre o flanco dos russos e a 78.^a D.R. e o C.C. Schmetow sobre suas retaguardas. Si bem que uma offensiva alemã fosse igualmente dirigida contra sua frente, os russos executam ousadamente meia volta e, por meio de um poderoso ataque, abrem caminho através das divisões alemãs dispostas sobre suas retaguardas.

"Da mesma maneira, durante a batalha de Vilna o apparecimento do C.C. Garnier no dorso dos russos, não lhes alterou o moral. Ao contrario, oppuzeram uma resistencia obstinada a acção das D.C. alemãs agindo de Smorgan na direcção de Oeste, e atacaram ao mesmo tempo, e energicamente, de Molodeczno sobre o flanco Sul:

"Na batalha de Lodz, finalmente, a totalidade da ala esquerda do 9.^o exercito alemão se apresenta em 21 de novembro sobre as retaguardas dos russos. Si bem que quasi envolvidos, nenhum panico occasionou. Ao contrario, os russos offereceram vigorosa resistencia até o momento de serem socorridos pela intervenção dos elementos de reforço vindos do Vistula".

Cada um desses exemplos apresenta caracteres particulares que é preciso sahentar, afim de tirar as verdadeiras conclusões. Acharemos de outro lado uteis ensinamentos.

BATALHA DE LODZ

O primeiro cuidado de um Cmt. de exercito que pretende envolver o adversario é de tomar medidas minuciosas que lhe assegure a certeza de não ser por sua vez envolvido. Foi o que não fez o alto Cmdo. Alemão na Polonia, no mez de Novembro de 1914.

A situação inicial é a representada no croquis n.^o 2.

A intenção de Ludendorff é de encerrar em ampla malha os tres exercitos russos que ocupam a peripheria da bolsa formada pelo Vistula.

Em consequencia, o esforço principal seria executado pela esquerda do IX^o Ex., do Norte para o Sul, partindo da região de Thorn, Hohen-salza, na direcção de Lodz.

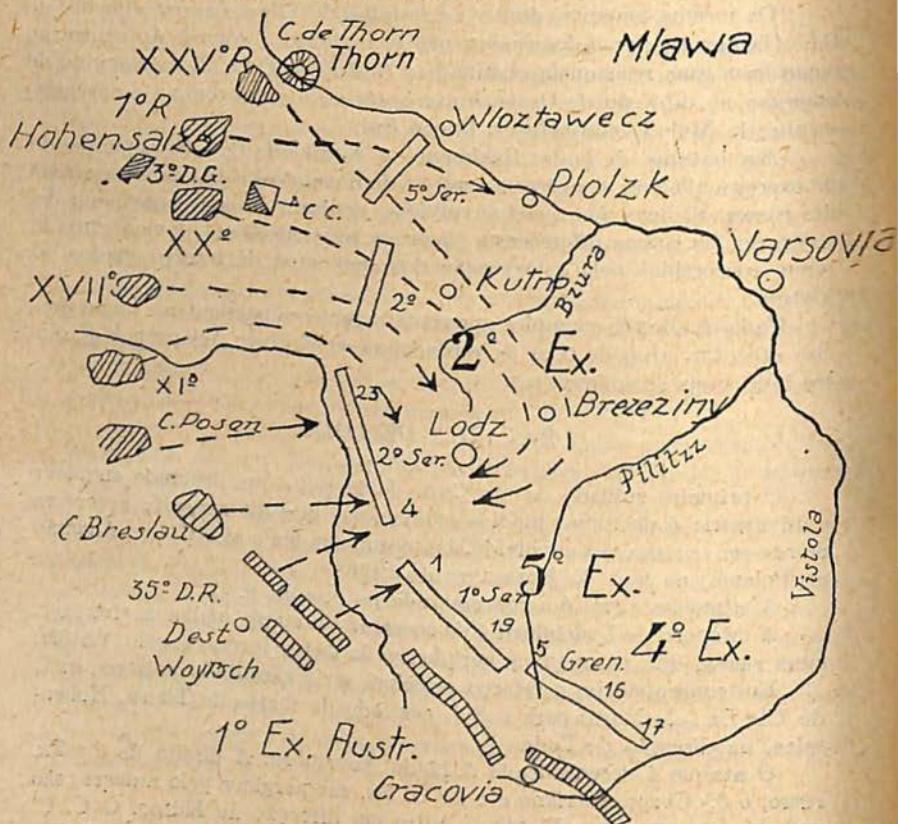
O ataque é desencadeado á 12 de Novembro. A direita do 2.^o Ex. russo, o 5.^o Corpo siberiano e o 2.^o C. Ex. submergidos pelo numero, são rechassados, um sobre Plotzk, o outro em direcção do Kutno. O C. C. Richtofen (5.^a, 6.^a, e 9.^a D. C.) contornando a ala direita do 3.^o C. Ex. russo, que oppõe á seus adversarios forte resistencia, atinge, ao anotecer de 15, as proximidades de Kutno, nas retaguardas desse corpo de exercito.

O Cmt. da 5.^a D. C.; conde Egou v. Sohmetow, decide tentar um ataque a noite. Penetrando na cidade por varias direcções, conquista-a

após violento combate de localidade e captura 1200 prisioneiros. Desde o clarear do dia seguinte, a 6.^a D. C. é lançada para o Bzura.

Durante o deslocamento, á 7 Kms. a S. E. de Kutno, um de seus esquadrões vanguarda detém o automovel do governador de Kiew, barão general Korff que, convenientemente escoltado, é enviado para Thorn.

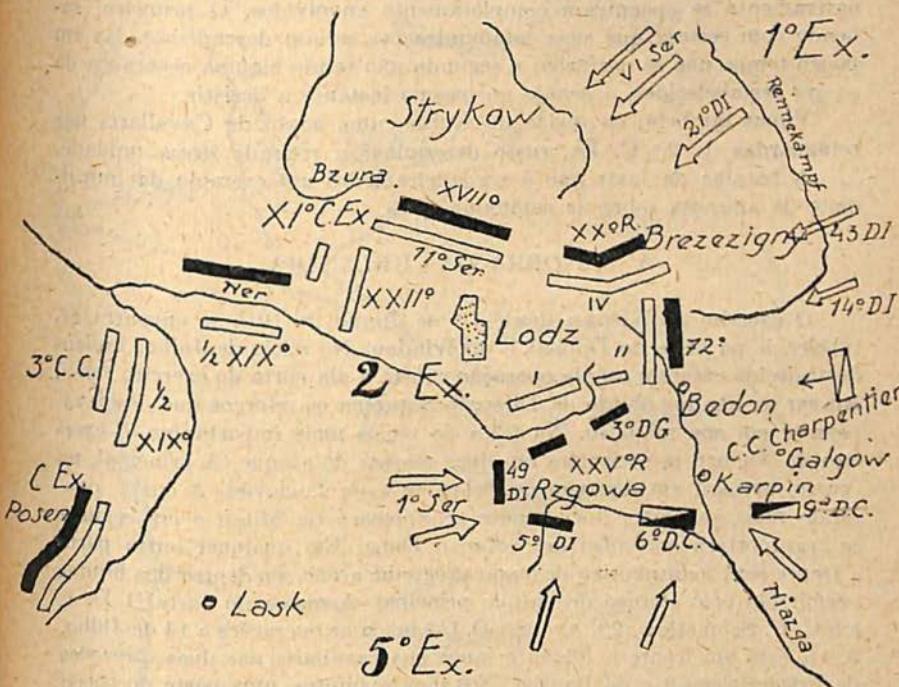
A presença da Cavallaria alemã nas retaguardas do 2.^o C. Ex. russo, leva-o a recuar para margem sul do Bzura.



CROQUIS 2

Em seguida todo o 2.^o Ex. é rechassado na direcção de Lodz e de Brezeziny. A 21 de novembro se encontra completamente cercado em torno de Lodz. Neste meio tempo, o gran-duque Nicolau reúne, nos arredores de Varsovia, poderosas reservas. Ordena ao 2.^o Ex. de manter

suas posições a todo transe e lhe annuncia soccorro immediato. Lançando então suas reservas (mais de 4 corpos de Ex.) em direcção de Lodz no dorso do inimigo, e ao mesmo tempo dirigindo a quasi totalidade do 5.^o Ex. do Sul para o Norte, cerca por sua vez toda a esquerda do IX.^o Ex. alemão (croquis n.^o 3).



CROQUIS 3

Como esse ultimo, numa temperatura a menos de 10°, exhausto por doze dias de violentos combates, poude romper o circulo de ferro que o envolvia, afim de evitar um desastre total que se annunciava como a resposta de Tannenberg?

Só consegue ao preço de esforços prodigiosos e graças a um valor que merece a maior admiração (1).

No decurso desta ação, a 6.^a e 9.^a D. C. do corpo Richtofen asseguram ao Sul a cobertura do XXV^o C. Ex. de reserva e da 3.^a D. da guar-

(1) Convém ler a respeito a obra de grande interesse do Cap. H. Salmon "Les opérations sur le front oriental em 1914", Ch. Lavauzelle, éditores.

da em seu avanço sobre Brezéziny. Engajadas durante quarenta e oito horas ao Sul da floresta de Galgow num combate retardador coroado de sucesso, contribuiram grandemente para o exito commun.

Tal foi, em resumo, a batalha de Lodz que pode ser catalogada entre as mais brilhantes da guerra. Vimos dois adversarios em luta, que alternativamente se encontram completamente envolvidos. O primeiro, sabendo com certeza que suas communicações seriam desembaraçadas em pouco tempo não se perturba; o segundo não tendo alguma esperança de as ver restabelecidas, é levado no mesmo instante a desistir.

Vimos tambem, na região de Kutnc, uma acção de Cavallaria nas retaguardas do 2.^o C. Ex. russo determinar a retirada dessa unidade.

A batalha de Lodz não é verdadeiramente um exemplo da inutilidade de ameaças sobre as communicações.

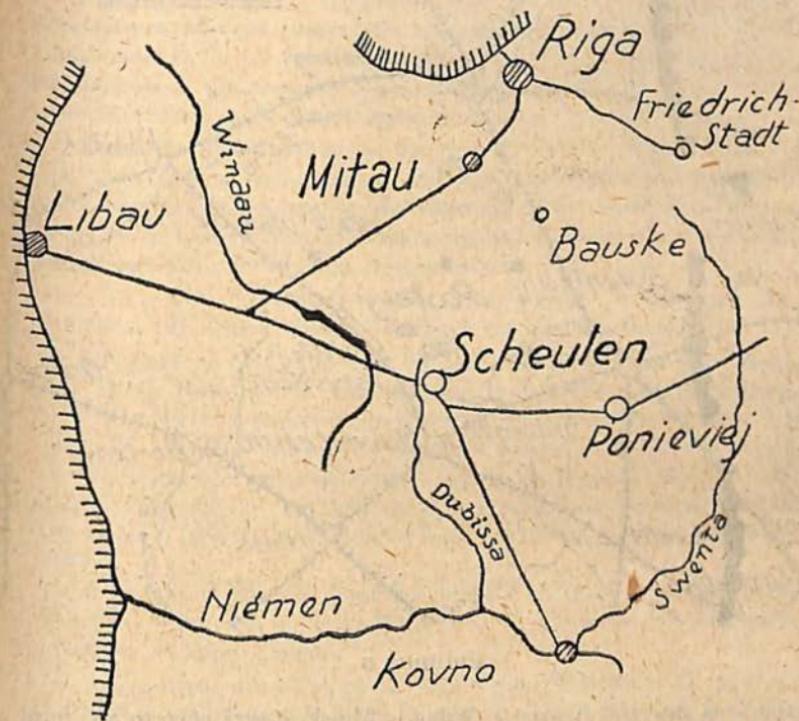
A MANOBRA DA CURLANDIA

O exercito do Niémen desde 1.^o de Junho de 1915 se encontra estabelecido na linha do Dubissa e do Windau. No inicio de Julho, Ludendorff decide executar ampla operação contra a ala norte do exercito russo. Apezar de não ter obtido da Direcção Suprema os reforços que desejava, persiste em sua intenção. Na falta de meios mais importantes, o exercito do Niémen se articulára em duas massas de ataque. A principal, no centro, actuará em direcção de Scheylen e de Ponieviej. A outra, operando mais ao norte, inicialmente se apossará de Mitau e em seguida se transportará em cobertura sobre o Duna. Em qualquer outra parte a frente será mantida não devendo progredir a não ser dentro dos limites permitido pelo avanço do ataque principal. A massa do norte (1 D. I. e o C. C. Schmetlow: 2.^a, 6.^a e 8.^a D. C.) inicia as operações a 14 de Julho. A 18, está em frente a Mitau e lança sua cavallaria nas duas direcções de Friederichstadt e de Bauske. Nos dias seguintes, uma parte do corpo Schmettow lançado na direcção do Sul atinge a região norte de Ponieviej; encontra-se assim em plena retaguarda dos russos que se batem diante Scheulen. A 22, os russos se retiram para Ponieviej, repellem a cavallaria que lhes fechá o caminho e se installam em Ponieviej onde resistem até 31, depois retrocederam para o Swenta. Verifica-se nessa operação que a cavallaria allemã surgiu proximo de Ponieviej á 21 de Julho e que os russos que, até nessa data, resistiam vigorosamente o ataque principal diante Scheulen, executam, a partir de 22 pela manhã, um lanço para retaguarda.

Dada a falta de dados officiaes do lado sovietico, não se pode precisar cathegoricamente a causa do recuo. Comtudo, o facto de após livrarem a região de Ponieviej da cavallaria allemã, ahi se terem instalado e resistirem energicamente ainda durante oito dias, permitte con-

eluir que o abandono de Scheulen foi devido á presença em suas retaguardas do corpo Schmettow.

Bem sabemos que o fim estrategico da batalha não é de obrigar o inimigo á um recuo de maior ou menor envergadura, e sim de o aprisionar,



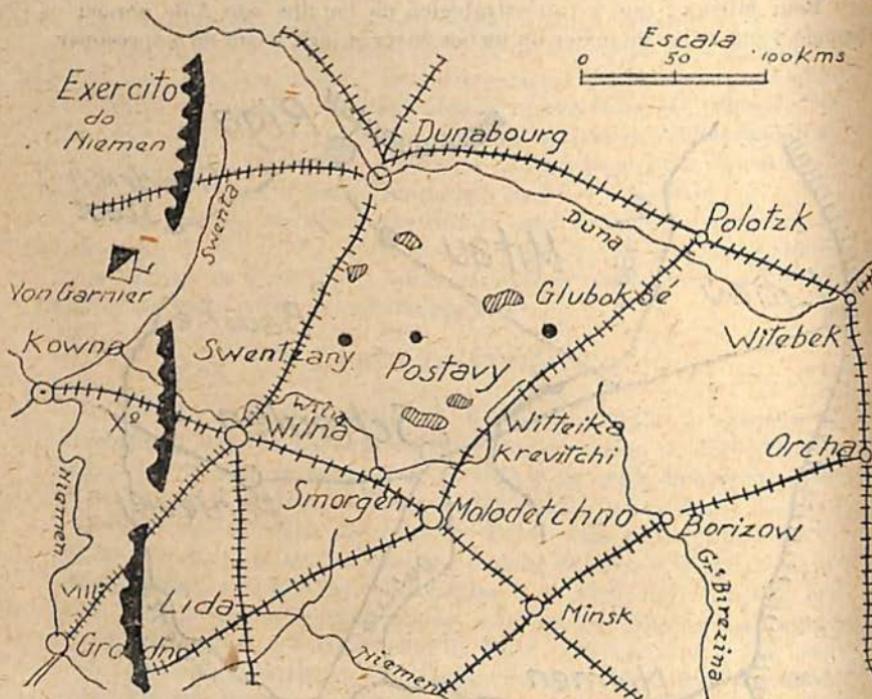
CROQUIS 4]

de o destruir. Mas, no caso encarado, o exercito do Niémen não possuia, no momento, forças sufficientes para esperar semelhante resultado. Com justa razão, recorreu a manobra e foi devido unicamente a ella que obteve seus successos parciaes.

Wilma — Molodetchno (croquis n.º 5) O raide de Molodetchno é bastante conhecido de todos os officiaes de cavallaria, dispensando portanto relatar os detalhes. Assinalaremos sómente o que interessa ao assumpto discutido.

Os successos alcançados na Curlandia pelas tropas do exercito do Niémen decidem a Direcção Suprema á concordar enfim com o modo

de vêr de Ludendorff e á emprehenderem uma vasta manobra de envolvimento da ala norte russa. O Xº Ex. é encarregado dessa operacão.



CROQUIS 5

actuará na direcção Kowno — Wilna — Minsk, e será coberto ao Norte por uma offensiva do exercito do Níman visando a Druskiy Druzhby.

Entre os dois exercitos, o C. C. von Garnier desembocará face a Este, tomado como objectivo as communicações do inimigo. Ao Sul, os VIIIº e XIIº Ex. manterão rigoroso contacto.

O ataque se engaja a 9 de Setembro. O Xº Ex., num primeiro arranço, realiza de inicio importantes progressos no Norte do Wilia; mas a partir de 11, sua progressão se torna muito mais lenta e penosa devido a resistência dos Russos que se restabeleceram.

Por seu lado, o exercito do Niémen attinge sem difficultades as vizinhanças de Dunabourg.

Lançada desde o começo entre esses dois ataques divergentes, a cavalaria se apodera inicialmente de Swentziany, em seguida rumá para nordeste. Um C. C. russo então intervém.

A cavallaria allemã o repelle em direcção do Plotzk, e vae iniciar a perseguição, quando chega ordem do Alto Commando determinando ao corpo von Garnier de interromper a acção em curso, de se dirigir sobre o importante nó de comunicações de Molodetchno e de ocupal-o.

Nesse meio tempo, a progressão do Xº E. foi detida diante de Wilna e numerosos reforços russos não cessam de chegar na região Wilna — Dunabourg. O C. C. von Garnier, deslocando-se por Postavy rumo ao sul, articula-se em tres direcções: 2 divisões sobre Smorgen, 1 divisão sobre Molodetchno, 1 divisão sobre Willeika.

Desde 14 de Setembro, a via ferrea Wilna — Molodetchno — Plotzk foi attingida nas alturas de Smorgen, de Willeik e a este de Glubukoe (80 Kms. no Norte de Molodetchno). Trens transportando tropas da região de Lida no eixo de Dunabourg, são atacados. Os russos resistem e contra-atacam, em seguida desapparecem.

A 14 a noite, os allemães fazem saltar a ponte de Krivithei. No dia seguinte a via ferrea Minsk — Orcha é cortada em Borizow.

Molodethno é atacado a 15. Mas a hora da surpresa tinha passado. O G. Q. G. Russo poude realmente enviar reforços para tão importante nó de vias ferreas e transmittido por T. S. F. a ordem de mantel-o a todo custo. Os allemães, apezar de sensíveis perdas conseguiram tomar pé na estação; sendo immediatamente repellidos por um vigoroso contra-ataque. Proseguindo em seus esforços conseguiram penetrar na cidade; mas violento incendio ateado pelos russos os obriga a recuar para as orlas norte.

A lucta continua nas jornadas de 16 e 17, intercalada por periodos de calma. Durante a noite de 17/18, uma D. I. russa e um regimento de cavallaria se approximam.

A Cavallaria allemã se retira, então, para Willeika onde por sua vez é attingida por elementos allemães de infantaria. Mas essa localidade é violentamente atacada a 18, por uma outra divisão russa desembocando da direcção de Minsk e, durante a noite, o corpo von Garnier é forçado a um recuo definitivo.

Desde a vespera, a 1.ª D. C. que occupara Smorgen, fôra repellida por um ataque partido da região de Wilna.

A retirada do corpo von Garnier, seguida muito de perto pelos russos, foi das mais diffíes e as perdas já soffridas se agravaram consideravelmente.

A causa primeira do insucesso dessa operação, Ludendorff nos permite entrever claramente em suas "Memorias de guerra": No inicio do verão de 1915, a frente russa desenhava um — V — gigantesco cujo vertice estava à oeste de Varsovia e cujas extremidades se apoiavam em Libau e em Czernowitz.

A 1º de Setembro após a progressiva retirada dos russos, essa frente se tornou rectilinea desde Mitau até Czernowitz, diminuindo de muito sua extensão. As reservas consideraveis assim recuperadas pelos russos eram dirigidas em grande parte para região Minsk — Polotsk — Wilna — Dunabourg.

O corpo von Garnier só podia ser submersido no meio dessa quantidade de divisões inimigas que afluiam sem cessar de sudoeste e do sul.

— 2.º) As disposições estabelecendo que a partida da cavalaria fosse ao mesmo tempo que a dos dois exercitos de ataque foram erradas. Os acontecimentos bem o provam desde 12 de Setembro, quando o Xº Ex. se encontra bloqueado na região de Wilna.

— 3.º) O terreno da operação não fôra melhor escolhido que o momento. De natureza pantanosa, por si de difícil acesso, mais impraticável ainda se tornava devido às chuvas próprias da estação.

Aos erros acima, imputáveis ao Commando, é necessário acrescentar numerosas faltas táticas praticadas pelos executantes:

1.º Extrema dispersão das forças: desde o inicio, o corpo de cavalaria se divide em tres partes, uma dellas, a da norte, na região este de Glubukoé, opera á mais de 100 Kms. da do sul que está em Smorgan.

2.º Perde-se um tempo precioso em operações secundárias, em lugar de saltar imediatamente, em bloco, sobre o objectivo principal, de aproveitar o primeiro momento de surpresa para conquistá-lo e se organizar solidamente.

3.º Dispersão de meios materiais: pratica-se, por todos os lados, grande numero de pequenas obstruções que o inimigo restaura imediatamente. Nenhuma destruição de vulto é realizada. Durante toda a operação os trens continuam á circular nas vias ferreas, com tal segurança que, mesmo durante o ataque a Molodetchno, os comboios podiam quasi sem impedimento atravessar a estação.

Para obter sucesso em semelhante operação, é necessário saber discernir sua occasião, seu terreno, e se resguardar de desatender os imponentes princípios de execução.

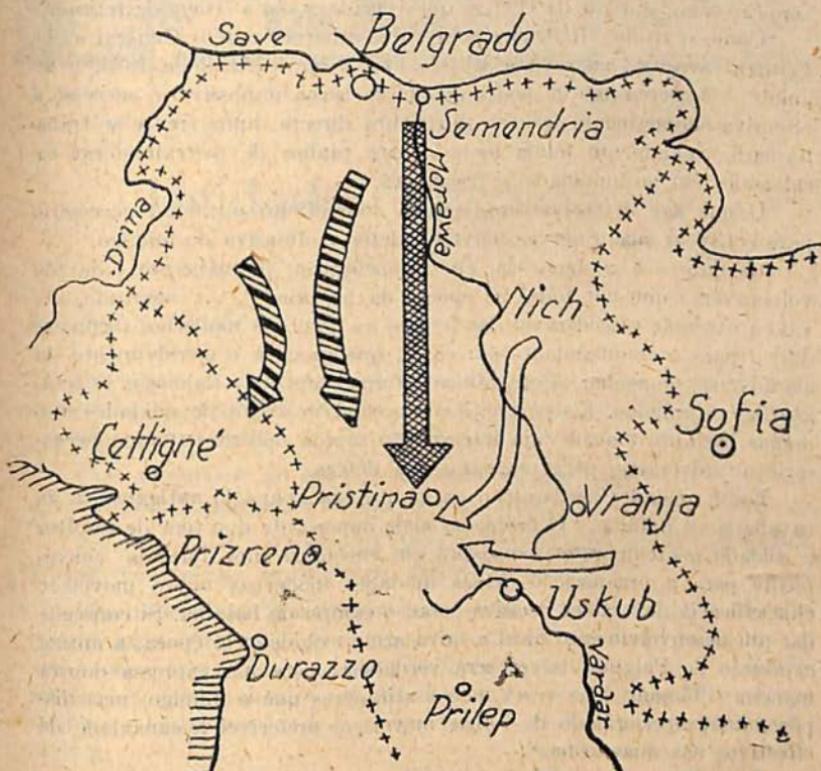
As amplas operações que se desenvolveram nas steppes da Russia fornecem evidentemente em matéria de manobras de cavalaria, vasto campo de ensinamentos.

Mas, nos outros theatros da Guerra Mundial, se desenrolaram igualmente ações visando as comunicações do inimigo e cujo estudo não seria menos instructivo.

No mez de Outubro de 1915 as potencias centraes decidiram aniquilar a Servia.

Tres exercitos evadiram o paiz de nossos aliados: ao centro, o exercito Mackensen desce directamente rumo ao Sul pelo valle do Morawa.

A oeste, um exercito austriaco marcha no mesmo sentido (do Norte para o Sul) em direcção de Durazzo. A este, o exercito Bulgaro Jecoff é orientado de Nich em direcção do Vardar (croquis n.º 6); Os servios se gru-



GROQUIS 6

pam na posição central de Pristina e resolvem a 18 de Outubro offerecer a batalha ao exercito Mackensen. Mas o exercito Jacoff, transpondo o Morawa superior em Vranja com sua esquerda surgiu a 20 de Outubro ao Sul de Pristina com sua cavallaria. O exercito servio é no mesmo instante compellido a bater principalmente em retirada só se detendo em Corfou.

E porque não mencionar a acção do C. C. Conneau, de 7 a 9 de Setembro de 1914, a brêcha aberta entre os exercitos von Kluck e von Bulow? Fatigada, desprovida de meios de combate modernos, esta cavalaria se aposse tardivamente das pontes do Marne e com lentidão avança

para o norte. Não attinge, é certo, ás communicações do adversario; mas a ameaça estava lá.

Não foi essa ameaça, cujo caracter de gravidade se impoz desde 9 ás 10 horas ao commandante do IIº Ex., que o decidiu a dar a ordem de retirada?

Como o titulo "Reflexões sobre a cavallaria" o ten. General a. D. Erfurth esreveu, na revista *Wissen und Wehr* de Abril de 1933, o seguinte: "O accrescimo de poder da defesa torna impossivel o successo á offensiva simplesmente frontal. A ruptura directa duma frente se transformará rapidamente numa lucta -contra ninhos de metralhadoras escalonados em profundidade, e fracassará.

O que age defensivamente ganha com efeito o tempo necessario para convocar suas reservas moveis e deter a offensiva do inimigo.

Os flancos e retaguardas, em compensação, permanecem hoje tão vulneraveis como em todas as épocas da historia ".... comtudo, devido a extensão consideravel das frentes no combate moderno, tornou-se difficil para o commandante em chefe, que procura o envolvimento da ala adversa, empenhar offensivamente forças contra os flancos e as retaguardas do inimigo. Eis porque lhe é necessario dispôr de unidades modernas bastante moveis cuja intervenção rapida não dê o tempo necessario ao adversario para organizar sua defesa.

Essas unidades herdaram o papel que era apanágio antigamente da cavallaria de batalha. "O problema mais importante que terá de resolver o soldado contemporaneo consistirá em encontrar uma formula conveniente para a organização dessas unidades modernas muito moveis e cuja efficacia deverá ser decisiva sobre o campo de batalha. Si consegue dar um desenvolvimento ideal a nova arma exigida pela época, a antiga expressão de Polybios talvez será verdadeira para nós expressa doura maneira: "Possuir duas vezes menos atiradores que o inimigo, mas dispôr duma superioridade de forças moveis, é preferivel á egualdade de effectivos nas duas armas".

Seria impossivel exprimil-o melhor.

Os exemplos da Grande Guerra, que foram evocados, mostram que, si as acções tentadas pela cavallaria dos dois lados sobre as communicações do adversario de um modo geral não obtém resultados, esse revez da manobra foi em consequencia da falta de potencia dos elementos encarregados da execução. Uma tropa movele, na exploração do successo ou em uma manobra de ala, chocar-se-á por fim a resistencias inimigas, mais ou menos continuas, com maior ou menor antecedencia organizadas no terreno, mas que necessitará romper por uma acção de força. Para isso, determinada potencia é necessaria. Esta potencia, as grandes unidades mecanicas possuem em grão elevado, graças ao grande numero de seus engenhos blindados. São particularmente aptas a conduzirem com exito semelhantes missões.

SEÇÃO DE ARTILHARIA

Redactor: I. J. VERRISSIMO
Auxiliar: PEDRO GERALDO

Unidades Angulares (1)

Cap. JOÃO MANOEL LEBRÃO

B — PELA TABELLA

Em geral são confeccionadas tabellas para os casos mais communs de conversões, afim de evitar calculos que apezar de simples tornam-se por vezes cansativos.

Para o artilheiro no Brasil a necessidade mais commum é de converter millesimos em gráos e minutos e vice-versa.

Por tal motivo a tabella de tiro do 75 Schneider de Do., na pagina 7, traz uma tabella de conversão daquellas unidades.

Essa tabella está dividida em duas partes — ambas de dupla entrada — uma para conversão de numeros inteiros de gráos em millesimos e vice-versa e outra para conversão de minutos em millesimos. Na pagina seguinte da tabella de tiro é explicado o modo de utilisal-a. Para melhor facilitar a consulta aqui transcreveremos essa tabella e exemplos explicativos:

MODO DE UTILIZAR A TABELLA

1.º Exemplo — A quantos millesimos correspondem $27^{\circ}42'$?

Procura-se na 1.ª parte da tabella a intersecção da linha horizontal marcada 2 (dezenas de gráos) com a columna vertical 7 (unidades de gráo); ella se faz sobre o numero 480 que indica a quantidade de millesimos correspondente a 27° . De modo analogo, a 2.ª parte da tabella dá 12,4 millesimos para $42'$; logo o angulo proposto equivale a $480 + 12,4 = 492,4$ millesimos.

(1) Continuação do n.º 774.

(1.ª tabella)

Tabella para a conversão de gráos em números inteiros de millesimos.

Gráos	Ud. 0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
0	0	18	36	53	71	89	107	124	142	160
1	178	196	213	231	249	267	284	302	320	338
2	356	373	391	409	427	444	462	480	498	516
3	533	551	569	587	604	622	640	658	676	693
4	711	729	747	765	782	800	818	836	853	871
5	889	907	925	942	960	978	996	1013	1031	1049
6	1067	1085	1102	1120	1138	1156	1173	1191	1209	1227
7	1245	1262	1280	1298	1316	1334	1351	1369	1387	1405
8	1422	1440	1458	1476	1494	1511	1529	1547	1564	1582
9	1600	1618	1636	1654	1671	1689	1707	1725	1742	1760

(2.ª tabella)

Tabella para a conversão de minutos em millesimos.

Minutos	U. 0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
0	0,0	0,3	0,6	0,9	1,2	1,5	1,8	2,0	2,3	2,6
1	3,0	3,2	3,5	3,8	4,1	4,4	4,7	5,0	5,3	5,6
2	6,0	6,2	6,5	6,8	7,1	7,4	7,7	8,0	8,3	8,6
3	9,0	9,2	9,5	9,8	10,1	10,4	10,7	11,0	11,3	11,6
4	12,0	12,1	12,4	12,7	13,0	13,3	13,6	14,0	14,2	14,5
5	15,0	15,1	15,4	15,7	16,0	16,3	16,6	17,0	17,2	17,5

2.º Exemplo—A quantos gráos e minutos correspondem 648,5 millesimos?

Procura-se na 1.ª parte da tabella o numero de millesimos mais proximo de 648, para menos; encontra-se 640 que corresponde a 36.º.

Com a diferença entre 640 e 648,5 ou sejam 8,5 millesimos, entra-se na 2.ª parte da tabella e ahi procura-se o numero mais approximado 8,6 ao qual correspondem 29 minutos.

648,5 millesimos correspondem, pois a 36º29'.

Ha outros typos de tabella de simples utilização por ser o angulo na nova unidade dado directamente em frente ao seu valor na unidade de origem.

Assim:

Gráos	Millesimos
1.º	18
2.º	36
3.º	53
4.º	71
5.º	89
etc.	

4.º EXEMPLOS

1) Determinar em minutos sexagesimales o angulo de sitio conhecendo-se

$$H_o = 50$$

$$H_B = 30$$

$$D = 4,000$$

Solução:

$$\operatorname{tg} s = \frac{50 - 30}{4000} = \frac{20}{4000} = 0,005$$

Como a tangente é menor do que 0,300 podemos afirmar que o angulo $s = 5'''$ com erro ap. 1'''.

- Convertendo em minutos com auxilio da tabella de tiro teremos 17'
- Convertendo pelo calculo teremos:

$$\begin{array}{r}
 27' \quad 8'' \\
 x \quad 5''' \\
 27 \times 5 \quad 135 \\
 x = \frac{27}{8} = \frac{135}{8} \text{ ou } 17' \text{ app.}
 \end{array}$$

— Determinando o valor exacto de s pelo calculo (pelos logarithmos)

$$\begin{array}{l}
 \log. \operatorname{tg} s = 3,69897 \\
 s = 17'19'' \\
 \end{array}$$

— Determinando o sitio pelo processo da pg. 25 da tabella de tiro

$$0',86 \times 20 = 17',2.$$

2) Determinar em grados e minutos o angulo de sitio conhecendo-se:

$$H_o = 440\text{m}$$

$$H_B = 20\text{m}$$

$$D = 2.000$$

$$\operatorname{tg} s = \frac{440-20}{2000} = \frac{420}{2000} = 0,210 \quad \therefore s = 210'''$$

— Convertendo em minutos com auxilio da tabella de tiro

— $210'''$ é igual a $11^{\circ}47'$.

— Convertendo pelo calculo

$$27' \quad 8'''$$

$$x = \frac{210 \times 27}{8} = 11^{\circ} 49'$$

Determinando o valor exacto de s pelo calculo. (pelos logarithmos)

$$\begin{array}{l}
 \log. \operatorname{tg} s = \log 0,210 = 1,322219 \\
 s = 11^{\circ}51'36'' \sim 11^{\circ}52'
 \end{array}$$

— Determinado o sitio pelo processo da pg. 25 da tabella de tiro
 $1',72 \times 420 = 722',4 = 12^{\circ}2'$

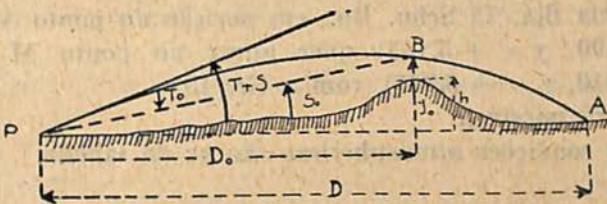
(Continúa)

Possibilidades de tiro (1)

Cap. A. C. DA SILVA MURICY

OUTRO PROCESSO PARA O CASO DO OBSTACULO

A passagem do projectil por cima de um obstaculo, tambem pode ser verificada, pela comparacao da ordenada (y_o) da trajectoria $T + S$ do objectivo na distancia D_o , com a altura (h) do obstaculo em relacao á Bia.



O valor approximado da ordenada y_o correspondente a um ponto qualquer B da trajectoria $T + S$ poderá ser, assim, determinado:

Seja $T + S$, a trajectoria normal que passa pelo ponto A.

Um ponto qualquer dessa trajectoria, B por exemplo, cujo sitio seja S_o e cuja distancia á peça seja D_o . (em km.) será attingido pela trajectoria $T_0 + S_0$.

Logo as duas trajectorias são iguaes.

$$T + S = T_0 + S_0$$

Donde

$$S_o = T + S - T_0$$

ou
$$\frac{y_o}{D_o} = T + S - T_0 \text{ e } y_o = D_o (T + S - T_0)$$

(1) Continuação do n.º 254.

O valor mais desfavorável de y_o , será o que corresponder ao valor da trajectória mais tensa que attingir o ponto A, e portanto, quando fôr calculado pela formula:

$$y_o = D_o (T + S - \alpha - T_o)$$

EXEMPLO

(T/D 5 de 1934) — Condições de Passagem.

Carta — Villa Militar e Bangú — Esc. 1/10.000

Uma Bia. 75 Schn. Do., em posição no ponto A ($x = -24.190$, $y = +5.155$) quer atirar no ponto M ($x = -31.010$, $y = +5.365$), com a Gr. 15.

Será possível?

As condições atmosféricas são as da tabella.

O problema comprehende duas partes:

- 1.^a — Verificação da passagem sobre a massa cobridora.
- 2.^a — Verificação da passagem sobre o obstáculo.

Vejamos a primeira parte:

Os elementos obtidos para a verificação, foram os seguintes:

— Distancia do ponto M	$D = 6.810\text{ m}$
— Angulo de tiro correspondente	$T = 486''$
— Sitio do ponto M	$S = 3''$
— Distancia ao vertice da massa	$d = 490\text{ m}$
— Angulo de tiro correspondente	$t = 14''$
— Sitio do vertice da massa	$s = 184''$

O valor de α neste caso, em que as condições aerológicas são as mesmas da tabella, será:

$$\alpha = 1,5G + g$$

E como $G = 53' = 16''$, e $g = 2''$

$$\alpha = 1,5 \times 16'' + 2'' = 26''$$

Entrando com estes valores, na desigualdade,
 $t + s \leq T + S - \alpha$ temos

$$\begin{aligned} 14 + 184 &\leq 486 + 3 - 26 \\ 198 &\leq 463 \end{aligned}$$

Conclusão: a trajectoria **PM**, passa por cima da massa.

Agora, a segunda parte:

Os elementos obtidos para esta verificação, foram os seguintes:

- T já obtido
- S já obtido
- distância ao vértice do obstáculo $D_o = 6.130$ m
- ângulo de tiro correspondente $T_o = 390''$
- sitio do vértice do obstáculo $S_o = 22''$
- como o obstáculo se encontra a mais de $3/4$ da distância M , empregaremos a formula $\alpha = f + g$ e, como $f = 0$,
 $\alpha = g = 11''$

Verifiquemos agora a passagem sobre o obstáculo pelas duas maneiras ensinadas:

a) — Substituindo os valores encontrados, na desigualdade

$$t + s \leq T + S - \alpha$$

temos

$$\begin{aligned} 390 + 22 &\leq 486 + 3 - 11 \\ 412 &\leq 478 \end{aligned}$$

Conclusão: a trajectoria **PM** passa por cima do obstáculo.

b) — Determinando o valor da ordenada y_o , da trajectoria **PM** na distância $D_o = 6.130$ m, temos

$$y_o = D_o (T + S - a - T_o) = 6,13 (486 + 3 - 11 - 390) = \\ = 6,13 \times 88 = 539 \text{ m.}$$

A altura do obstáculo em relação ao plano horizontal da peça,

$$h = 167 - 30 = 137 \text{ m}$$

Comparando $y_o = 539 \text{ m.}$, com $h = 137 \text{ m.}$, tem-se

$$y_o > h$$

Conclusão: a trajectória PM passa por cima do obstáculo.

Conclusão final

A peça P. pode atirar no ponto M, com a Gr. 15, nas condições impostas.

b) ESCOLHA DA POSIÇÃO DE BATERIA

Uma vez limitada a região de procura e fixado o limite curto sobre o qual deverá atirar, encontra-se o capitão em face do primeiro problema de que já fallamos:

— Procurar dentro da região que lhe foi atribuída, uma posição que lhe permita cumprir a missão;

Dentro da zona procurará então uma posição tal que

$$s \leq T + S - t - a$$

Todos os cálculos são feitos, normalmente, para o projétil de trajectória mais tensa.

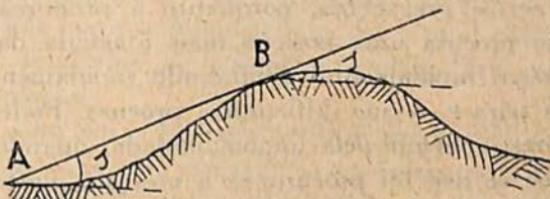
Esta condição será satisfeita sempre por duas posições, A e B.

Chamadas:

- A primeira, (A), de grande desenfiamento.
- a segunda, (B), de crista.

A primeira é, normalmente, a mais facil de ocupar, re-municiar e evacuar.

E' porém mais exposta á acção dos gases que a de crista.



A procura de uma posição que satisfaça a condição de passagem do projectil por cima da massa, poderá ser feita, como primeira approximação, na carta, experimentalmente.
 — Si a situação tactica permitte, a escolha entre as posições que se suppõe satisfazerem a missão, é feita percorrendo o terreno e verificando para cada posição encontrada, as possibilidades de cumpril-a.

Si, entretanto, ha necessidade da escolha rapida da posição, pode-se simplificar o trabalho, por uma simplificação da desigualdade que exprime a condição de passagem.

Para isso:

— : si o valor T fôr determinado para a menor distancia entre a zona de procura e o limite curto fixado.

— : si S fôr determinado nas condições mais desfavoráveis, para esse limite

— : si a fôr determinado para a distancia menor já referida.

Poderemos fazer: $T + S - a = A$, e teremos a condição de passagem sob este aspecto:

$$s \leq A - t$$

em que s e t são os unicos valores a determinar no terreno.

Nesta desigualdade ha um augmento na margem de segurança com prejuizo do desenfiamento.

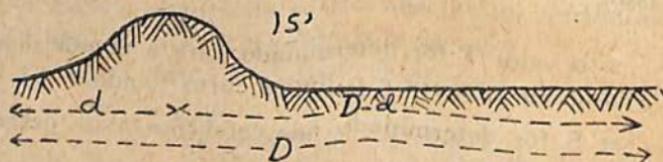
No emprego desta desigualdade é preciso, no entanto, tomar-se certas precauções, porquanto á proporção que, no terreno, se procura uma posição mais afastada da massa, o valor t cresce rapidamente, diminuindo rapidamente o valor a se obter para s , o que difficulta a procura. Pode-se até algumas vezes, concluir pela impossibilidade, quando na realidade o que se deu foi procurar-se a posição, muito atraç do limite anterior da região, quando T foi calculado para esse limite, e num ponto mais baixo em que S não é tão desfavorável quanto o calculado.

Convém, como solução, após um estudo cuidadoso da carta, dividir a região de procura, em duas ou mais regiões provaveis de procura, e determinar os valores de A , para cada uma.

Si é possivel attingir o vertice da massa cobridora, a desigualdade

$$s \leq T + S - t - \alpha$$

poderá ser utilisada sob outro aspecto.



De facto, a proporção que nos aproximamos da crista o valor de t diminue, assim como o valor de T (este mais rapidamente), o mesmo acontecendo com o valor de S ;

Quando attingirmos a crista, teremos a condição, sob este aspecto:

$$s \leq T_{D-d} + S' - \alpha$$

em que o segundo membro é evidentemente, menor que $T +$

+ S — t — a havendo, portanto, um aumento da margem de segurança em prejuizo do desenfiamento.

Esta formula permitte que, subindo á crista, possa o capitão, com o valor ($- \varepsilon$) registrado num apparelho, dirigir a linha de visada para a retaguarda e notar qual o ponto que essa visada determina ao encontrar o solo. Dahi para traz procurará posição.

Ainda neste caso, é preciso tomar precauções quando a crista fôr muito elevada em relação ao restante da região de procura, porquanto, haverá uma excessiva majoração da margem de segurança, o que irá difficultar a escolha da posição da Bia.

(Continúa)

SENTENÇAS SUBLIMES

A verdadeira habilidade, em materia de commando, consiste em ir direito ás questões que permitem chegar ao fim proposto. Quanto mais se passa por cima das ninharias que se encontram no caminho, mais capaz de é se dirigir.

TURENNE.

Na guerra, como na politica, todos os males, mesmo que sejam de regrâ, só serão desculpaveis si forem absolutamente necessarios; tudo quanto exceder disso, é um crime.

NAPOLEÃO.

Como não seria justo castigar um homem que, além de não cuidar de aprender a ser general, fizesse todo o possivel para que se lhe desse o commando de um exercito?

SOCRATES.

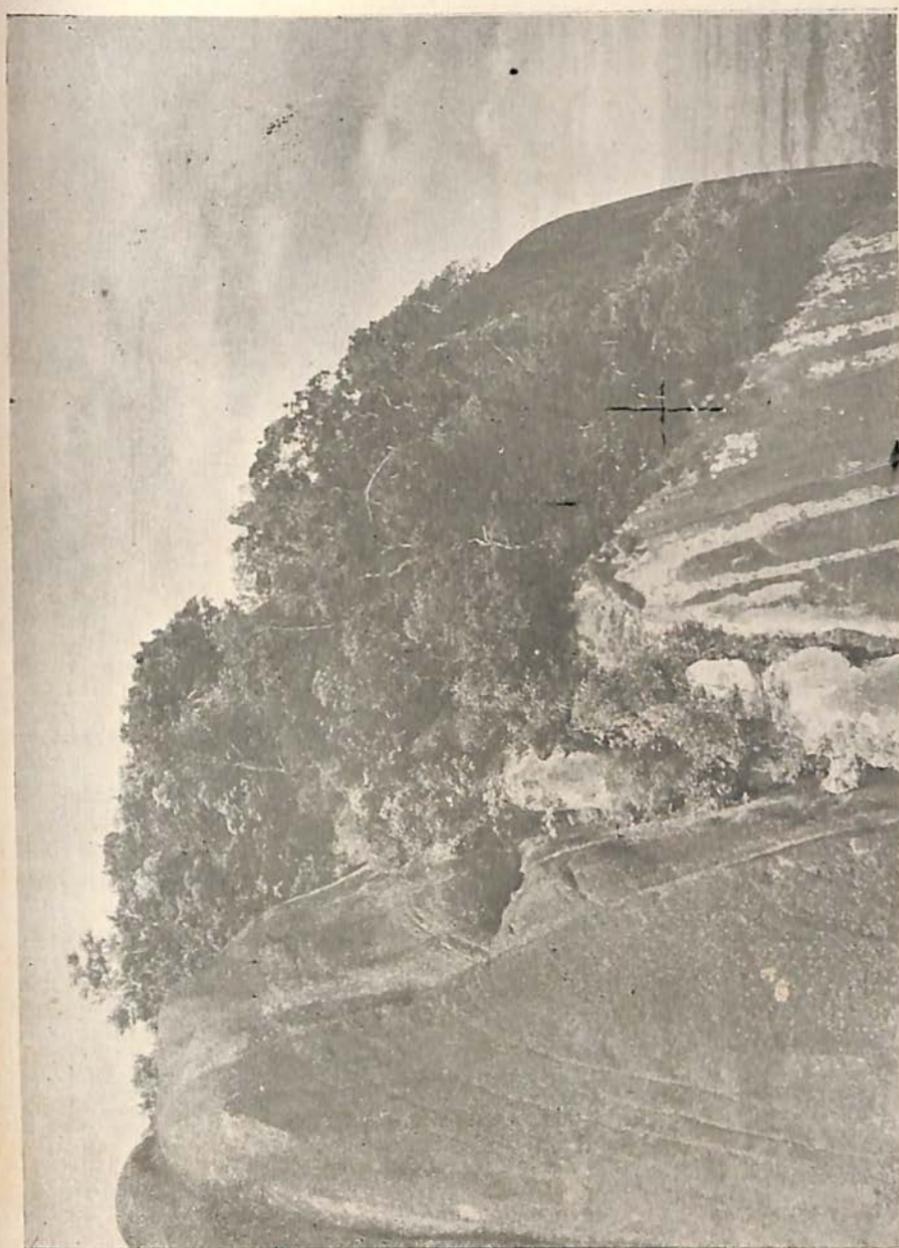
Vencer o inimigo não é, de certo modo, mais que um accessorio, desde que se tenha educado bem os cidadãos.

PAULO EMILIO.

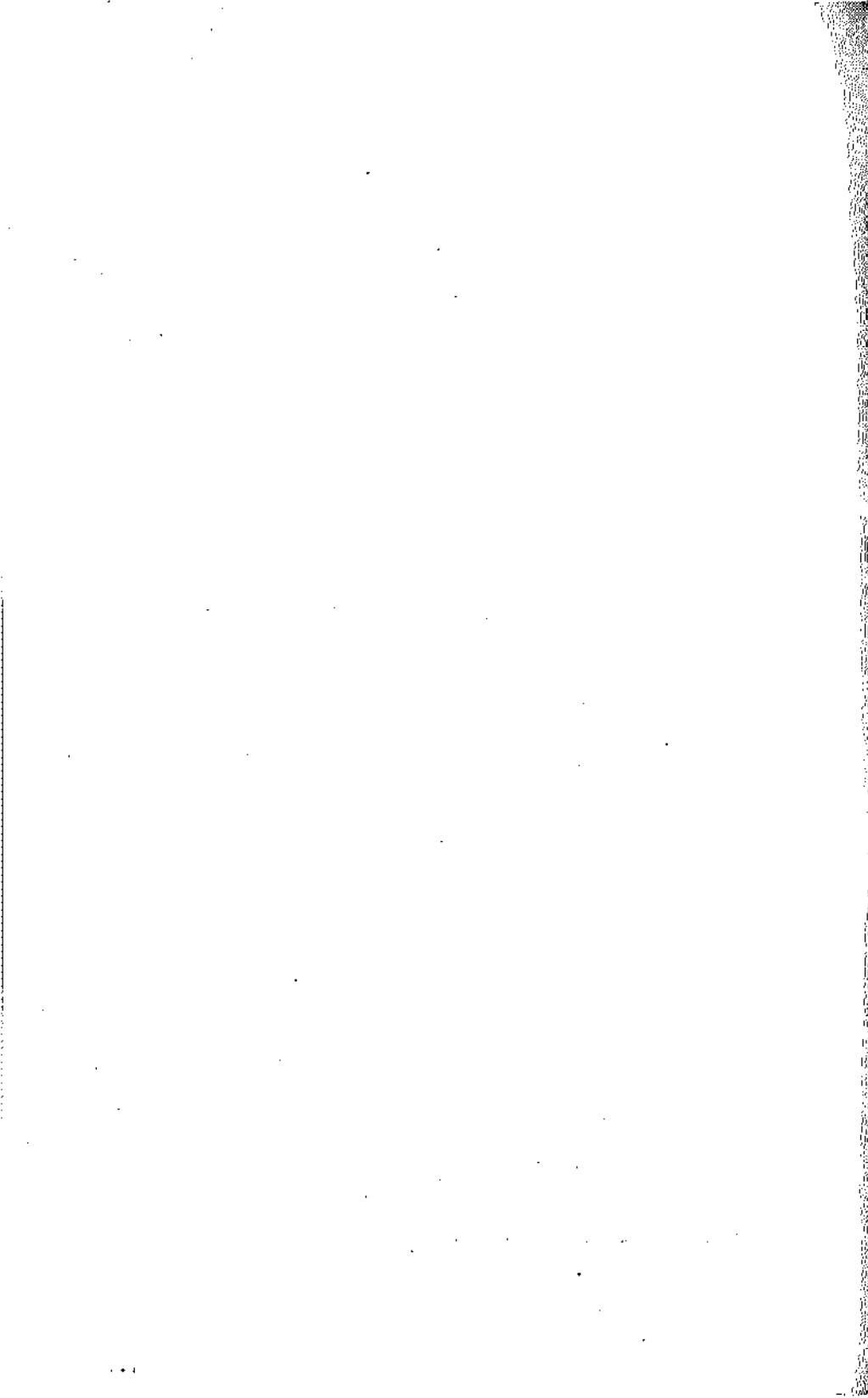
Artilheiro amigo. Confira a lista abaixo para ver se sua bibliotheca está completa.

<i>Mémoires, Marechal Joffre.</i>	87\$400
<i>Noções de topographia de campanha, General Paes de Andrade.</i>	7\$000
<i>Noções de desenho topographic, Ten. Cel. Paulino de Souza.</i>	8\$000
<i>Noções de topologia, Ten. Cel. Paulino de Souza.</i>	5\$000
<i>Questions d'Artillerie antiaérienne, Cmt. P. Nauthier</i>	7\$100
<i>Manuel du Gradé de l'Artillerie.</i>	16\$800
<i>Balistica externa, Cap. Morgado da Hora.</i>	14\$000
<i>A Tecnica do Tiro de Costa Cap. Ary Silveira.</i>	30\$000
<i>Notas sobre o emprego da artilharia, Major I. J. Verissimo.</i>	10\$000
<i>Defesa de costa e o tiro costeiro, 1.º Ten. Gomes da Silva.</i>	8\$000
<i>O tiro da artilharia de costa, (tradução).</i>	4\$000
<i>Ligações e Transmissões, Cap. Josette.</i>	6\$000
<i>Signalização a braços e óptica, Cap. Lima Figueiredo</i>	1\$000
<i>O principiante de radio, Cap. Lima Figueiredo.</i>	3\$000
<i>Transposição dos cursos d'água para todas as armas, Cap. Lima Figueiredo.</i>	3\$000
<i>Notas á margem dos exercícios táticos, Major Travassos.</i>	6\$000
<i>Telemetros, Ten. Cel. Dermeval.</i>	3\$000
<i>Orientação em campanha, Ten. Cel. Dermeval.</i>	3\$000

Para o porte cobramos de \$500 a 1\$000 por volume.



A pedra de Cucubhy na nossa fronteira com a Venezuela.



SECÇÃO DE ARTILHARIA DE COSTA

Redactor: J. BINA MACHADO
 Auxiliares: ARY MONTEIRO DA SILVEIRA
 JOAQUIM GOMES
 MANOEL ASSUMPÇÃO
 ORIGENES LIMA
 LÉO BORGES FORTES

SOLUÇÃO MAIS PRÁTICA PARA O “CASO EM QUE O PONTO Y CÁE FÓRA DA PRANCHETA”

Cap. MARIO MALTA

O Manual do Official Orientador de Artilharia, Ob. III (pag. 79).

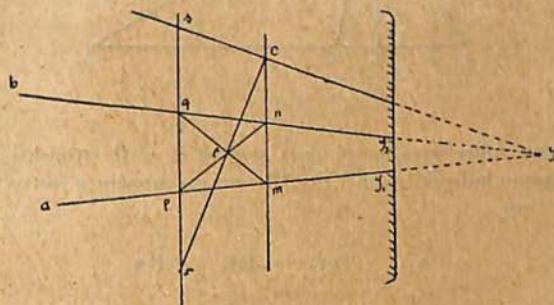


Fig. 1

referente ao processo italiano, nos indica um meio de determinar a direcção da recta que passando por c (fig. 1) converge em y , quando este ponto se acha fóra dos limites da prancheta.

Apresenta o Manual a seguinte solução:

“Tirar por c uma recta qualquer que corte ay_1 e ay_2 em m e n e uma paralela qualquer a essa recta que corte ay_1 e ay_2 em p e q ; Substituir y , vértice de semelhança directa dos triângulos assim traçados, por t , vértice de semelhança inversa; este ultimo estará na prancheta (no ponto de intersecção de np e mq); juntar ct , recta que corta pq em r . Basta evidentemente marcar $qs = pr$ e a recta cs passará por y'' ”;

Propomo-nos aqui lembrar uma outra solução que tambem nos ensina a Geometria, mais simples, mais facil de guardar de memoria e sobre-tudo mais pratica, por isso que dispensa esquadro e compasso.

Tratada nos compendios no complemento ao estudo de "Polo e polar em relação a um angulo", recordaremos antes, deste assumpto, o essencial á justificação da mesma:

"DIVISÃO HARMONICA

Tres numeros formam uma divisão harmonica quando a relação entre o excesso do primeiro sobre o segundo e o excesso do segundo sobre o terceiro é igual á relação entre o primeiro e o terceiro.

Si tomarmos sobre uma recta indefinida (fig. 2) dois pontos A e B,

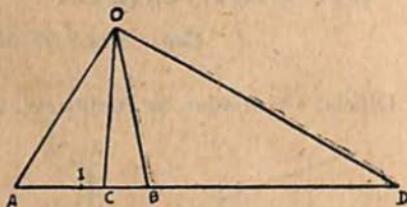


Fig. 2

haverá sempre sobre esta recta dois pontos C e D situados necessariamente do mesmo lado do meio I de AB, um no interior e outro no exterior taes que se tem:

$$\frac{CA}{CB} = \frac{DA}{DB} \text{ ou } \frac{DB}{CB} = \frac{DA}{CA}$$

ou, segundo a figura,

$$\frac{DA - AB}{AB - AC} = \frac{DA}{CA}$$

Os segmentos DA, AB e AC constituem uma proporção harmonica e os pontos C e D são pontos conjugados harmonicos em relação á recta AB.

Si unirmos o ponto O aos quatro pontos conjugados harmonicos A, B, C e D forma-se um feixe harmonico em que O é o centro e OA, OC,

OB e OD são os raios conjugados harmonicos; OC e OD são raios conjugados harmonicos de OA e OB e vice-versa.

Um exemplo de feixe harmonico tem-se no angulo em uma de suas propriedades:

— Um angulo, a sua bissectriz e a bissectriz de seu suplemento determinam sobre uma secante qualquer quatro pontos conjugados harmonicos.

PROPRIEDADE DO FEIXE HARMONICO

Todo feixe harmonico corta harmonicamente uma transversal qualquer.

As transversaes ay e $a'y'$ (fig. 3) são divididas harmonicamente pelo feixe harmonico VS, VT, VC, VY .

POLO E POLAR EM RELAÇÃO A UM ANGULO

Por um ponto t (fig. 3) situado no plano de um angulo CVS tomemos

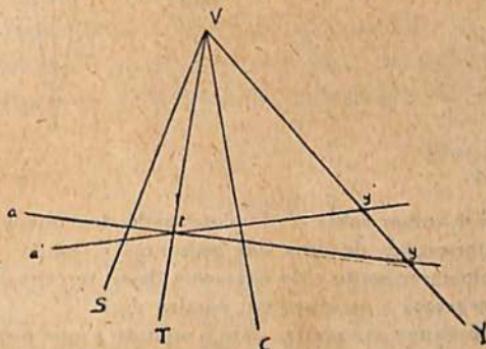


Fig. 3

a secante ay ; Si girarmos esta secante em torno de t , conservando na mesma um ponto y conjugado de t , ay descreverá a recta Vy que é a polar de t em relação ao angulo CVS e t o polo de Vy .

PROPRIEDADE DAS SECCANTES TOMADAS DE UM MESMO PONTO DA POLAR

Duas secantes quaisquer yp , yq (fig. 4) tomadas de um mesmo ponto y da polar Vy em relação ao angulo SVC, determinam neste angulo quatro pontos m, p, q, n cujas rectas que os ligam alternadamente se curvam em t sobre o raio conjugado da polar e, reciprocamente, duas

rectas mq e pn que se cruzam sobre o raio conjugado da polar determinam nos lados do angulo as secantes qn e pm que concorrem no mesmo ponto y da polar.

E' facil concluir que sobre o mesmo ponto y de concurrence de duas secantes qy e py podemos fazer concorrer uma terceira secante sy ,

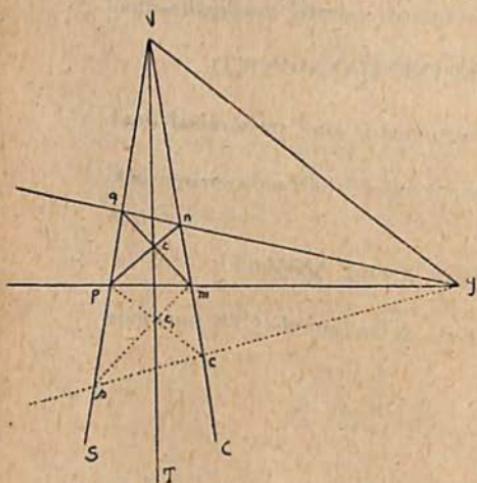


Fig. 4

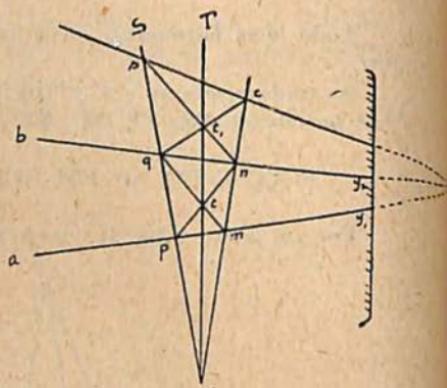


Fig. 5

para o que bastará tomar sobre o raio conjugado dois novos cruzamentos, partindo das intersecções de uma das secantes e, ainda mesmo fixar, sobre um dos lados, um ponto c de passagem dessa terceira secante, caso em que uma das rectas a se cruzarem partirá de c ;"

E' pois o que vamos aproveitar para a solução a que nos propuzemos.

Então, tem-se ay_1 e by_2 (fig. 5) cujo encontro se dá fóra dos limites da prancheta e c o ponto pelo qual se deseja fazer passar a nova direcção que tambem deve concorrer em y ; não teremos mais do que:

Construir um angulo arbitrario cVS cortando ay_1 e by_2 e com um dos lados passando em c ; traçar as diagonais mq e np ; traçar VT passando por t ; unir c a q e, finalmente, ligar n a t_1 , recta que corta VS em s . A recta tirada de s passando por c terá a direcção desejada.

NOTA — Sem fallar da pouca commodidade que nos offre o uso do esquadro e compasso sobre a prancheta estacionada; dos erros provenientes, já do uso dos instrumentos, já dos defeitos de observação do operador, não ha que temer sobre a maior vantagem e, quiçá, precisão, deste processo sobre o do "Manual", depois de experimentalos simultaneamente numa mesma solução graphica.

Pela Costa...

(Contribuição do Forte do Imbuhy)

A RÉGUA DE PREDIÇÃO “MORIZE”

Idealizada pelo 1.º Ten. Luiz Henrique Morize, ex-commandante da Cupola de 280 m/m, a “Régua de Predicção Imbuhy 1934,” constitue uma nova e mais pratica e precisa solução ao problema da predição e determinação do ponto de fogo, do Sistema Imbuhy.

A solução deste problema, resolvido pela “Régua Imbuhy 1931” (idealizada e construída pelo Snr. Emílio Bailly, 1.º mechanico do Forte), acha-se descripta e justificada no “Controle e Direcção de Fogo das Baterias de Costa” de autoria do 1.º Ten. Joaquim Gomes da Silva, ex-commandante do Forte.

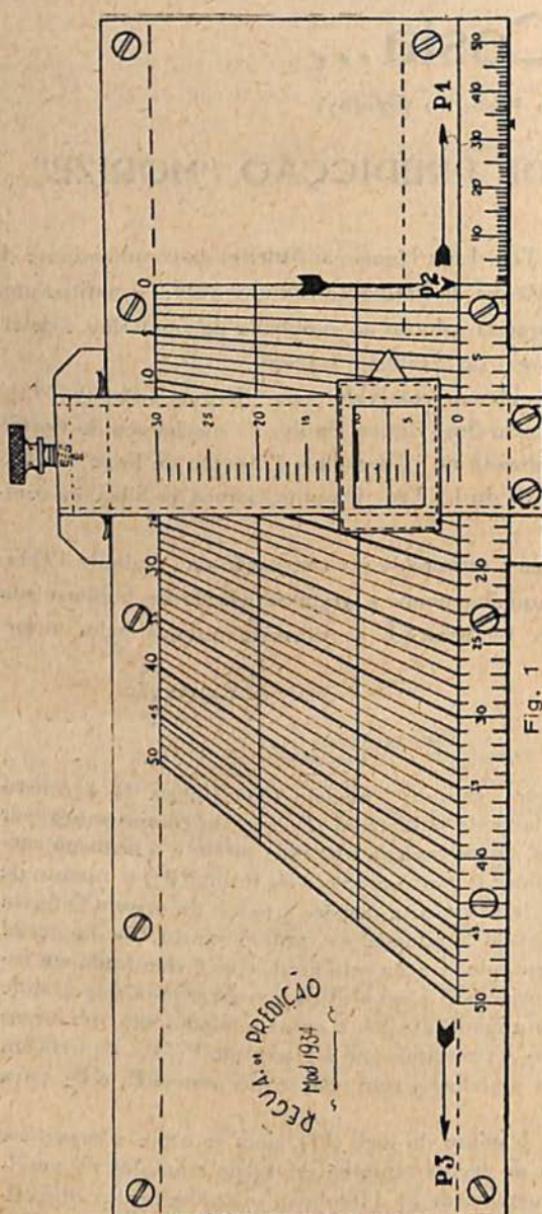
Estando agora já quasi terminada a construcção da “Imbuhy 1934”, destinada a substituir aquella, temos a grata satisfação de publicar sua Descrição, Emprego e Justificação, gentilmente cedidas pelo autor.

A REDACÇÃO

DESCRIPÇÃO

A Régua de Predição “Imbuhy” modelo 1934 (figura 1) é constituída pela regua propriamente dita (com 25 cms. de comprimento por 8 cms. de largura e 1 cm. de espessura), o grande cursor e o pequeno cursor. Destina-se a determinar o ponto predicto ou futuro (P_3) e o ponto de fogo (P_f). A regua propriamente dita dispõe, a partir da origem O (seta P_2), de uma pequena escala graduada em milímetros, da esquerda para a direita. A parte em que se acha esta graduação é chanfrada em bisel. A partir da mesma origem O e em sentido contrário nota-se a grande escala, que também é graduada até 50, e cujas unidades são três vezes maiores que as anteriores. Três setas com a inscrição P_1 , P_2 , P_3 indicam a coloção da regua na prancheta, com relação aos pontos P_1 e P_2 , para a locação do ponto P_3 .

Para se determinar o ponto de fogo (P_f), nota-se sobre a superficie da regua, um systhema de rectas representativas de equações de movimento uniforme; correspondentes ás diferentes velocidades dos objectivos.



Essas rectas numeradas de 1 a 50 têm as extremidades inferiores em correspondencia com as graduações de mesma ordem da grande escala.

O grande cursor é constituído por uma placa com resaltos nas suas extremidades que se destinam a orientar seu movimento ao longo da regua. Nota-se na sua superfície uma escala graduada de 0 a 30 segundos destinada ao registro das durações de trajecto, sendo cada segundo representado por 2 milímetros. No resalto superior do cursor existe uma mola de pressão que se regula por um parafuso serrilhado, afim de evitar jogo.

O pequeno cursor é formado por uma pequena placa vassourada em quasi toda a superficie para collocação de um vidro transparente. Neste, vê-se a linha de fé destinada ao registro da duração de trajecto na escala do grande cursor. O pequeno cursor deslisa

sobre o grande, e dispõe como elle, de uma mola de pressão para evitar jogo. A sua direita nota-se o indice, cuja ponta fica no prolongamento da linha de fé e portanto da graduação que fôr registrada na escala das durações de trajecto.

EMPREGO

Locados os pontos P_1 e P_2 (posições do objectivo observadas com intervallo de 30 segundos) na prancheta, por meio de coordenadas polares (transmittidas pela camara telemetrica) para se determinar o ponto predicto P_0 , procede-se do seguinte modo:

Colloca-se a regua de modo que o ponto P_2 fique em coincidencia com a origem O indicada pela setta P_2 , e o ponto P_1 se apresenta em frente á escala indicada pela setta P_1 .

Lê-se a graduação que coincide com o ponto P_1 ou que está mais proxima. Com o bordo direito do resalto inferior do grande cursor regista-se na escala indicada pela setta P_3 , a mesma graduação lida na outra escala e com a ponta do lapis marca-se o ponto P_3 . Acha-se assim determinado o ponto predicto, sobre a mesma recta P_1 , P_2 e a uma distancia de P_2 igual ao espaço percorrido em 90 segundos. Locado o ponto P_3 na prancheta já podem ser determinados os elementos para a cupola.

Falta-nos locar o ponto de fogo (P_f), afim de que se possa determinar os elementos para o telemetro aguardar a passagem do objectivo por esse ponto e commandar fogo. Para isso regista-se na respectiva escala, com o pequeno cursor, a duração de trajecto relativa á distancia da cupola ao ponto P_3 , e conduz-se o grande cursor até a ponta do indice coincidir com a linha correspondente á graduação que foi registrada na grande escala. Feita a coincidencia, colloca-se a regua como para a determinação de P_3 , e, com a ponta do lapis marca-se, junto ao bordo direito do resalto inferior e ao bordo da regua, o ponto P_f . Este ponto deve se achar: a) sobre a perpendicular baixada da ponta do indice sobre o bordo da regua; b) sobre a recta P_1 , P_2 , P_3 ; c) entre P_2 e P_3 ; d) a distancia do ponto P_3 igual ao espaço percorrido pelo objectivo em tempo igual á duração de trajecto.

JUSTIFICAÇÃO

Para a determinação do ponto P_3 , torna-se desnecessario qualquer justificação, pois é evidente que o numero de unidades existente entre P_1 e P_2 sendo o mesmo que entre este ponto e P_3 , e sendo a unidade de uma escala tres vezes maior que a da outra, a distancia em millimetros tambem tem que ser tres vezes maior. Aliás isso não constitue novidade, pois nada mais é que uma adaptação á regua, do sistema empregado em diversas fortificações.

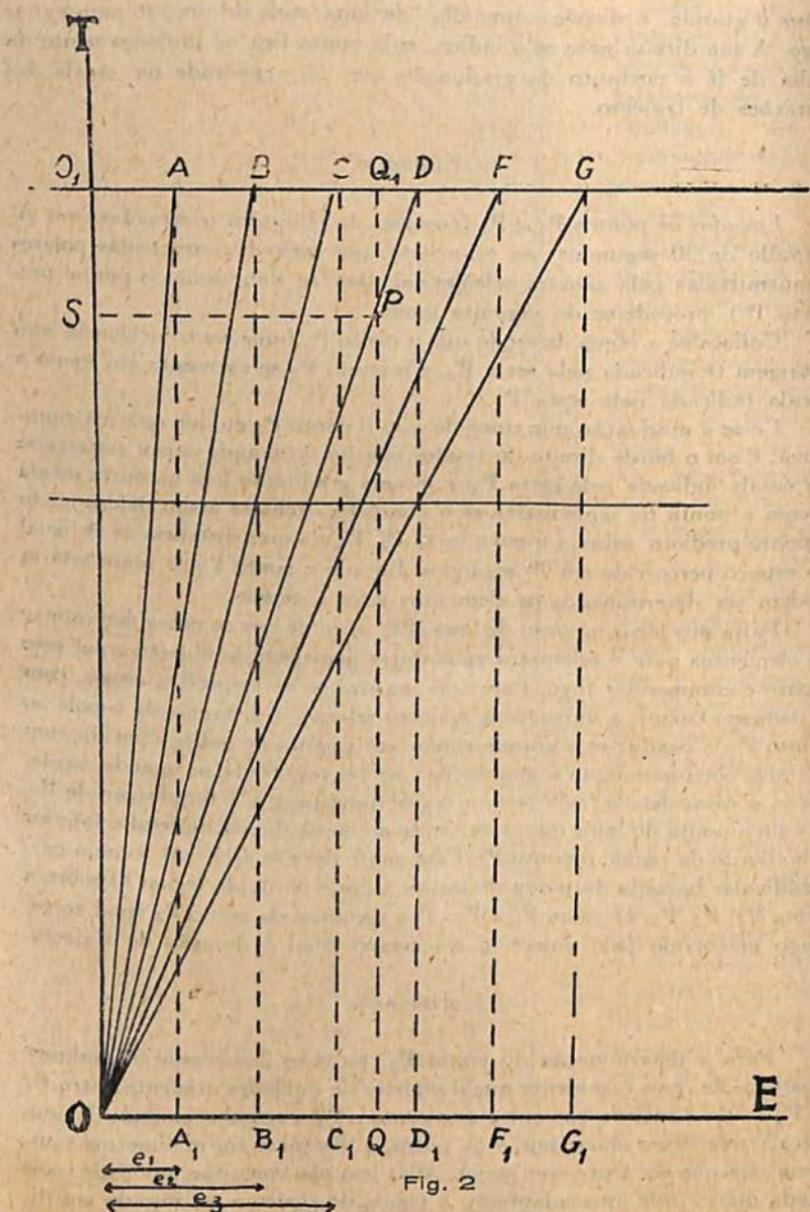


Fig. 2

Quanto á determinação graphica do ponto de fogo (Pf) torna-se necessário não só justificar a conveniencia de sua determinação como também o principio que tem por fundamento. Uma das hypotheses do tiro de artilharia de costa é que, durante o pequeno intervallo de tempo da predição do tiro, o objectivo não muda de velocidade e direcção.

Nem sempre esta hypothese se verifica, e com o disparo feito sómente a chronometro, torna-se impossivel saber quando realmente ella se realisa.

De facto, si não determinarmos os elementos a serem registrados no telemetro, para aguardar a passagem do objectivo pelo Pf, não sabemos quando esse objectivo passa e quando passa dentro ou fóra do tempo previsto; isto é, não sabemos quando a hypothese se verifica ou deixa de se verificar, e nos arriscamos neste ultimo caso, no tiro sómente a chronometro, a perder munição e tempo para determinação de novos elementos.

Vejamos em que se baseia o sistema de determinação do ponto de fogo.

Considerando-se na predição do tiro, o objectivo deslocando-se com velocidade constante, o movimento de que se acha animado é uniforme e terá para equação $e = vt$.

Sejam (figura 2) OE e OT dois eixos orthogonaes; OE eixo dos espaços e OT eixo dos tempos.

Seja ainda $O_1A + OA_1 = e_1$ o espaço percorrido, por um movel animado de movimento uniforme, no tempo $t_1 = OO_1$; chamando v_1 a velocidade, esse movimento terá para equação $e_1 = v_1 t_1$ cuja representação é a recta OA. Do mesmo modo, si o movel percorrer o espaço $e_2 = OB_1$ no mesmo tempo t_1 , chamando v_2 a velocidade, o movimento terá para equação $e_2 = v_2 t_1$, e para representação a recta OB.

Analogamente as rectas OC, OD, etc serão representações dos movimentos cujas equações são respectivamente $e_3 = v_3 t_1$, $e_4 = v_4 t_1$, etc..

Então si dispuzermos de um graphico, em que tenhamos um feixe de rectas representativas de movimentos uniformes de um movel, com as velocidades $v_1, v_2, v_3, \dots, v_n$, facil será, para qualquer dessas velocidades, num instante determinado, conhecer o espaço percorrido. Supponhamos um movel que se desloca com a velocidade constante v_4 ; no fim de um tempo $t_2 = OS$, o movel estará em P, e o espaço percorrido será dado por $O_1Q_1 = OQ$; vê-se então que para determinar o espaço percorrido pelo movel com uma velocidade constante, basta entrar com o valor da ordenada (tempo = os) na recta representativa da equação desse movimento, para se achar o valor da abcissa correspondente (espaço percorrido nesse tempo = OQ). Si invertermos a Fig. 2, (dando-lhe uma rotação de 180 graus), notamos a semelhança existente entre ella e o graphico da regua, o qual nada mais é que um sistema de rectas representativas de movimentos uniformes, entre os limites de tempo 90 e 60 segundos. De facto só nos interessa este trecho do sistema. Na verdade, correspondendo o

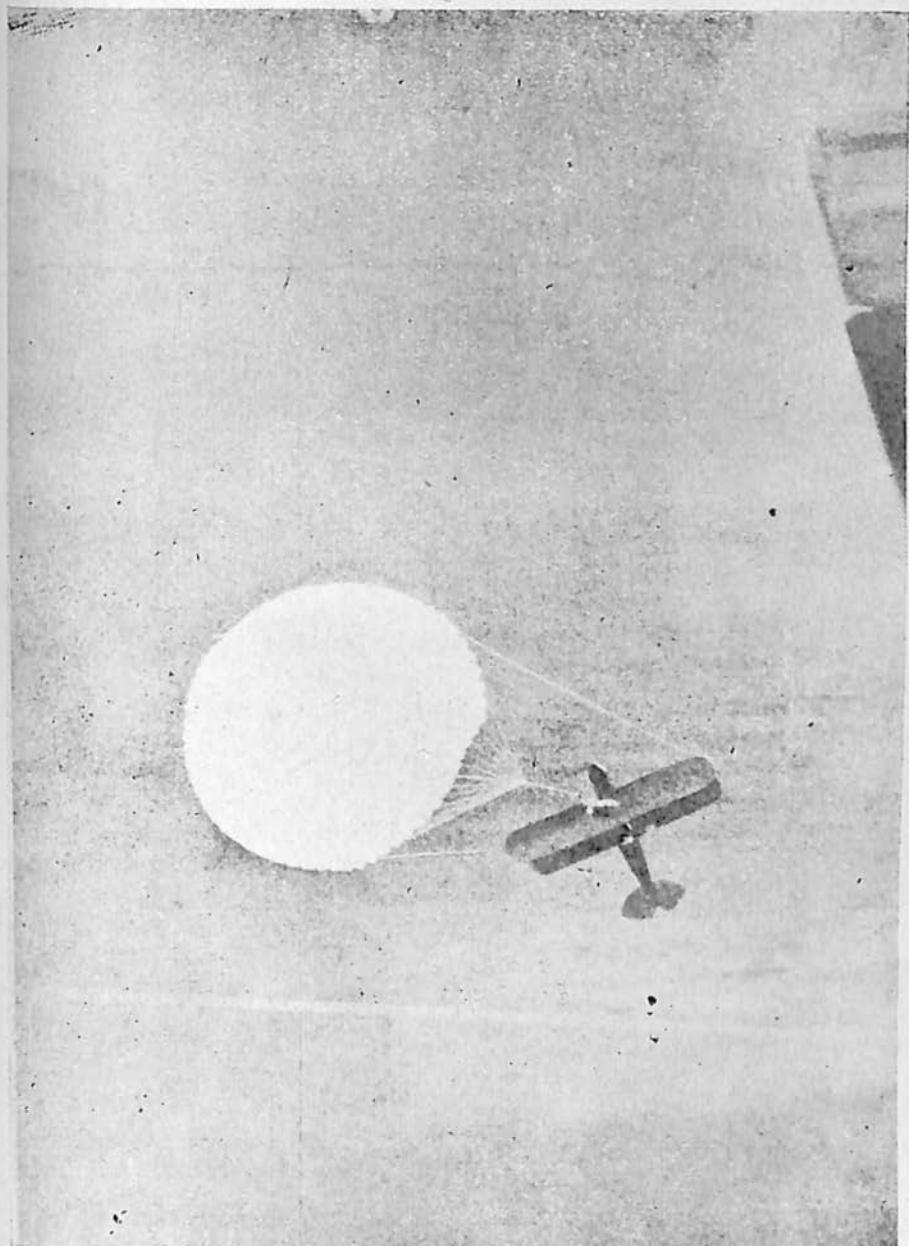
ponto P_3 ao espaço percorrido em 90 segundos, P_f corresponderá ao espaço percorrido em 90 segundos menos a duração de trajecto, e, como a duração de trajecto no caso de nossa regua é inferior a 30 segundos, o ponto P_f achar-se-á sempre no espaço correspondente à variação de tempo de 90 segundos a 90" menos 30 segundos = 60". Vemos pois que só necessitamos do trecho compreendido entre os limites 90 segundos e 60 segundos, trecho este que se encontra na regua.

Quanto ao valor numérico da velocidade, este não nos interessa pois é materializado pela linha que passa pelo P_3 locado. Poderia ser tirado, se necessário da relação: espaço sobre o tempo.

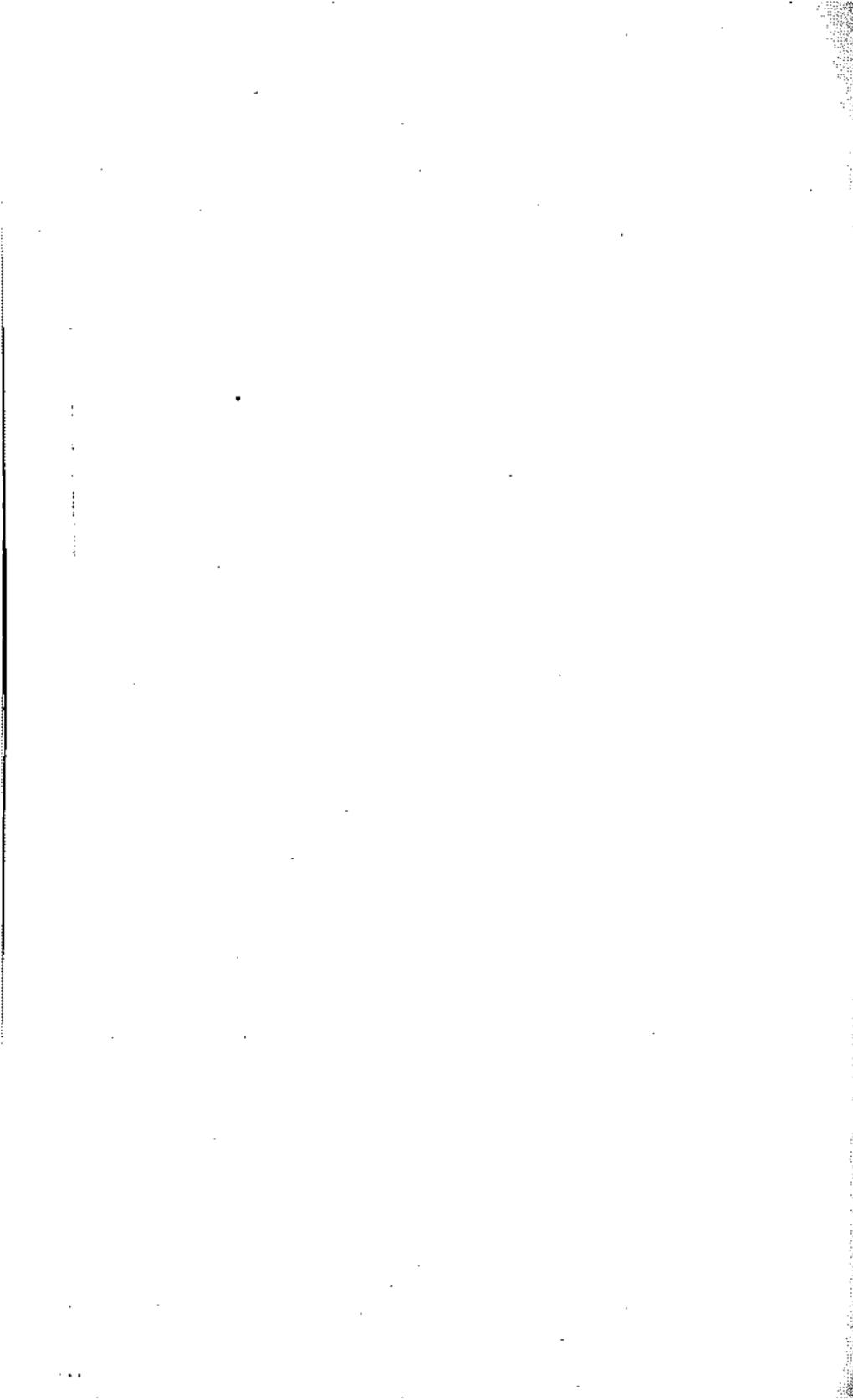
O MILITAR E A POLITICA

"Na vida das casernas, devia haver qualquer cousa que recordasse a austeridade da vida monacal. Na cabeceira de cada tarimba devia arder perennemente um lume votivo á poliade da Patria, como na cella de cada mosteiro e á cabeceira de cada monge arde perennemente um lume votivo á Divindade Crucificada. O homem que ingressasse nestas confrarias militares seria como o monge guerreiro medieval: batalhando pela sua Patria, como o Templario batalhava por sua Fé; mas, como este, dotado sublimemente da capacidade das grandes renúncias e das grandes abnegações. Desde que elle, porém, carecesse desta capacidade, desde que outra ambição o atormentasse, desde que o seduzissem as grandezas que estão para além dos horizontes da sua classe, o que elle devia fazer é o que faria o monge seduzido pelas vaidades do mundo: renunciar o seu sacerdócio, romper o seu juramento, abandonar a sua Ordem. Porque "o cidadão de farda" — isto é, o homem da Ordem e homem do seculo, homem de espada e homem de partido, político-soldado e soldado-político — é, sem dúvida, uma entidade ambígua e monstruosa! (O OCCASO DO IMPERIO, Oliveira Vianna).

O AVIÃO PARAQUEDISTA



O piloto faz funcionar o paraquedas depois de haver abandonado todos os comandos: o aeroplano, sustentado por tres cabos, cahe lentamente e em posição quasi horizontal. Numerosas experiencias foram feitas nos Estados Unidos, havendo somente um accidente:—a ruptura dum trem de aterrissagem.



SECÇÃO DE TRANSMISSÕES

Redactor: BENJAMIN GALHARDO

Exploração Technica

Pelo Cap. PEIXOTO

Este trabalho versará sobre os seguintes assumptos:

- A) Necessidade das regras de exploração;
- B) Princípios gerais communs a todos os processos de transmissão;
- C) Regras especiais relativas ás comunicações por telephone com fio;
- D) Regras especiais relativas á telegraphia com fio;
- E) Regras especiais relativas á telegraphia sem fio (T. S. F.);
- F) Regras especiais para a telegraphia optica, signalização optica e signalização a braços.

A) NECESSIDADE DAS REGRAS DE EXPLORAÇÃO

Para aumentar o rendimento e facilitar o funcionamento dos diferentes meios de transmissão, sua exploração é submetida a princípios gerais de disciplina.

Esses princípios são chamados — *regras de exploração*.

Dentre as regras de exploração, aquellas que regulam as relações mutuas dos postos, durante a transmissão a e recepção, recebem o nome de *regras de serviço*.

As regras de exploração são empregadas, obrigatoriamente, em todas as circunstâncias e em todas as ocasiões:

- pelos destacamentos de transmissão das tropas de todas as armas;
- pelas unidades de transmissão da engenharia;
- pelas formações de transmissão das grandes unidades, em manobra e em tempo de guerra;
- pelas unidades aéreas.

E, para todas suas relações com os elementos acima indicados:

- pelo Serviço Radio do Exército;
- pelas unidades da marinha, quando trabalham em ligação com o exército.

B) PRINCIPIOS GERAES COMMUNS A TODOS OS PROCESSOS DE TRANSMISSÃO.

Definições

Os meios de transmissão de que é dotado actualmente o exercito são utilizados especialmente para:

- a) manter conversações e transmittir phonogrammas;
- b) transmittir e receber telegrammas;
- c) emitir signaes diversos;
- d) conduzir mensagens.

Despacho — Denominação geral dada a toda comunicação obtida com os meios de transmissão.

Os despachos classificam-se:

- mensagens;
- phonogrammas;
- telegrammas
 - teleg. prop. ditos
 - radiogrammas
- signaes convencionaes (paineis, artifícios, etc.).

Mensagem — É todo texto escripto, conduzido pelos agentes de transmissão, ou lançado por processos balísticos (avião, etc.).

Phonogramma — É toda ordem, informação, etc., "escripta", para ser transmittida por "telephone".

Telegramma — É toda transmissão feita com "signaes Morse":

- por telegraphia com ou sem fio;
- por telegraphia ou signalização optica;
- ou signalização a braços;
- por telegraphia pelo solo.

Radiogramma — O telegramma transmittido pela telegraphia sem fio toma o nome particular de "radiogramma".

Signaes Morse — São as letras, os algarismos, os signaes de serviço, etc., constituídos de linhas ou pontos, ou combinação de linhas e pontos.

Signaes convencionaes — São as transmissões feitas com painéis de signalização, artifícios, etc.

NOTA — Convém, para precisão de linguagem, não empregar o vocabulo "mensagem" como synonymo de "phonogramma" ou "telegramma".

Postos e rôdes

Posto — Chama-se “posto” o conjunto de *apparelhos e pessoal*, destinado á transmissão e recepção de comunicações por um determinado meio.

Os diversos postos de transmissão se distinguem pela natureza do meio empregado.

Exemplo:

- posto de T. S. F.;
- posto de T. P. S.;
- posto telephonico;
- posto telegraphicó;
- posto de signalização.

Às vezes, o vocabulo posto designa, ao mesmo tempo, o material, o pessoal e o lugar onde ele está installado.

Expedidor — E' a pessoa de quem emana o texto.

Destinatario — E' a pessoa a quem o texto é dirigido.

Posto de origem — E' o posto que transmite o despacho. Esta denominação talvez seja alterada, no novo regulamento, para “posto de partida”.

Posto de destino — E' o posto que recebe o despacho. Esta denominação talvez seja alterada para “posto de chegada”.

Posto de transito — E' aquelle que serve de intermediario entre dois outros.

Centro de transmissões — E' um conjunto de postos diferentes, installados nas proximidades uns dos outros e collocados sob o commando de um chefe-denominado “chefe do centro”.

Um centro de transmissão poderá comprehendêr, por exemplo:

- diversos postos T. S. F.;
- um posto telephonico;
- um posto de estafetas;
- etc.

Este conjunto é commandado por um official ou sargento da companhia de transmissões da Divisão.

Rôde — E' o agrupamento de varios postos do mesmo meio de transmissão, trabalhando entre si com características communs, para a satisfação das necessidades de um conjunto de correspondentes.

Exemplo:

- r  de do exercito;
- r  de radio de uma divisão;
- r  de optica de um regimento.

Indicativo — E' um grupo de letras ou algarismos caracteristicos, quer da autoridade, quer da unidade a que o posto serve, ou mesmo do proprio posto.

Indica  o de um posto — Cada posto    designado de maneira completa pela indica  o:

- a) — de sua natureza e da autoridade ou unidade a que serve: posto radiotelegraphic do G. Q. G.;
- b) — de maneira abreviada, por seu indicativo: P. T. D. I. (posto radio-telegraphic da 1.^a Região Militar).

NOTA: — Geralmente as unidades ou autoridades dispõem de um indicativo diferente para cada posto de T. S. F. ou T. P. S. que utilizam, e de um são indicativo para todos os outros meios de transmissão. (1)

Classifica  o dos telegrams

E' a seguinte:

I) Quanto �� natureza	} Official } Serviço } Exercicio	} Transmittido } Recebido } Transito	} Em lingua corrente } Convencionada			
Quanto �� origem						
Quanto �� linguagem	} Em linguagem clara } Cifrado	} Em lingua corrente } Convencionada	} Em lingua corrente } Convencionada			

NOTA: — Telegramma circular

(1) A "Ordem para as transmissões" fixa os indicativos e os dias de mudança para os mesmos.

Telegramma oficial — E' aquelle que, expedido por autoridade devidamente autorizadas, interessa: ao serviço geral do Exercito, ás operações, etc. Abreviatura — O

Telegramma de serviço — E' todo aquelle relativo aos pormenores, não só de disciplina ou administrativas, como technicos, que interessam ao "Serviço das Transmissões". São expedidos pelos officiaes do Serviço das Transmissões ou pelos chefes de postos, quando do interesse de seus postos. Abreviatura S.

Telegramma de exercicio — E' aquelle destinado a completar a instrução do pessoal das transmissões. Abreviatura E.

Telegramma transmittido — E' o telegramma cujo texto foi entregue pelo expedidor no posto de origem, para ser transmittido.

Telegramma recebido — E' aquelle recebido no posto de destino, para ser entregue ao destinatario.

Telegramma de transito — E' aquelle que chega a um posto de transito, para ser retransmittido a outro posto.

Telegramma em linguagem corrente — portuguez ou outra lingua. — E' aquelle redigido inteiramente em uma lingua, nacional ou estrangeira

Telegramma convencionado — E' aquelle redigido em grupos de letras ou algarismos, destinados a abreviar a transmissão; — obedecem a codigos que não são secretos.

Exemplo: INF — INM — MAR

Telegramma cifrado — E' aquelle constituido de grupos de letras ou algarismos, tendo, porém, uma significação secreta.

Telegramma circular — E' aquelle dirigido a varios destinatarios, em logares diferentes ou no mesmo local.

(Continua)

RECONHECER O NEUTRO DA CORRENTE TRIPHASICA

1.º meio: *Procure se isolar bem, trepando em uma cadeira e toque ligeiramente com o dedo os fios, aquelle que não der choque é o neutro.*

2.º meio: *Sendo a instalação a 220 volts entre phases e 120 entre phase e neutro, tome uma lampada de 110 volts de iluminação e ligue um dos seus bornes ao chão e com o outro experimente tocando todos os fios da distribuição: a lampada deve accender, excepto quando tocar o neutro.*

Valvulas- Conductancia Mutua

No estudo e emprego das valvulas usadas em radio, é commum o uso de certas expressões para representar suas características estáticas.

São estas características que permitem sua escolha, tendo em vista as funcções que devem desempenhar no circuito.

Além das características estáticas principaes (factor de amplificação, resistencia interior, inclinação, etc.), adoptam ainda os americanos uma outra denominação conductancia mutua.

A conductancia mutua foi sugerida por Haseltine em 1918 e serve para aquilatarmos da qualidade da valvula.

Esta característica é dada pela relação entre o factor de amplificação K da valvula e sua resistencia de placa Q ou

$$\text{Conductancia mutua} = \frac{K}{Q}$$

A unidade para medi-la é o micromhô. Sendo o ohm a unidade de resistencia, seu inverso mhô foi adoptado para unidade de conductancia.

E' de notar ainda que sendo a conductancia mutua uma fração muito pequena do mhô, preferiu-se exprimí-la pelo micro mhô que é um milhão de vezes menor.

Assim uma valvula 201 A de factor de amplificação 8,5 e resistencia interna 12.000 ohms, terá para conductancia mutua.

$$\text{Cond. mutua} = \frac{8,5}{12000} = 0,000708 \text{ mhôs ou } 708 \text{ micromhôs}$$

Identica característica é encontrada nas obras francesas com a designação de: boa qualidade das valvulas

E' ella representada pelo producto do factor de amplificação (K) pela inclinação (S) ou:

$$\text{Boa qual.} = K \times S$$

Esta característica é expressa em milwatt por volt quadrado:

Assim para a Telefunken R. E. 134 temos:

$$\text{Boa qual.} = K \times S = 10 \times 2 = 20 \text{ milwatt por volt quadrado.}$$

em quanto para a R. E. 114 temos apenas: $5 \times 1.4 = 7$ milwatt por volt quadrado.

Condensador "by-pass"

Na construcção dos receptores radio, assume importancia capital para efficiencia e qualidade da reprodução o emprego dos condensadores *by-pass* que se destinam a dar retorno para as correntes de alta ou baixa frequencia que através das capacidades internas das valvulas se tenham desviado dos seus proprios circuitos.

O "by-pass" fica shuntado por uma resistencia dez vezes maior do que sua reactancia.

O universo

"O universo, de acordo com os mais recentes estudos relativistas, apresenta-se como um espaço finito (o seu maior diametro é 300.000.000 de annos-luz), de 4 dimensões mediveis todo ocupado por um meio amorpho, de densidade quasi nulla e coefficiente de elasticidade infinito: o ether. Em inumeros pontos, o ether está penetrado pela materia, que se agglomera geralmente em grandes massas como as estrellas, nebulosas, sistemas planetarios, etc.".

A REACÇÃO

A reacção não é meio proprio para aumentar o volume da recepção porque, quando exagerada, dá distorção e até apito. Convém procurar outro meio, tal como o aumento da altura e do comprimento da antena, voltagens proprias para as placas, etc. Quando de todo não é possivel chegar ao resultado desejado junta-se um estagio de alta ao apparelho. Ora, o Reynartz é um apparelho para recepções locaes e, si muitas vezes com elle ouvimos, em phone, estações distantes é resultado de excepcional sensibilidade que possue, devido ao metodo especial de reacção applicado na detetora.

Verificar a reacção.

Si o apparelho tem reacção é facil de reconhecer: deve apitar quando se introduz todas as placas do condensador de reacção.

A LUCTA PELO PETROLEO

Vencida, a Allemanha emprehendeu um esforço sobre-humano para libertar-se das algemas do petroleo estrangeiro — e o caminho tomado não teve paralelo na historia da humanidade. Sem oleo como se via, deliberou ter oleo — e teve oleo ! A chimica resolveu-lhe o problema com o oleo artificial.

Devemos relembrar que o oleo não natural surgiu na economia do mundo antes do oleo natural, com a destilação dos carvões betuminosos da Escocia, feita antes que o coronel Drake abrisse o primeiro poço da Pennsylvania. Por esse caminho entrou a Allemanha.

I. G. Farben, o maior trust chimico do mundo, ajudado pelos sabios do paiz, meteu mãos á tarefa com ardor febril. Mais de cem milhões de marcos foram invertidos nas experiencias e dada a situação de penuria financeira da Allemanha depois da guerra pode-se por esse algarismo avaliar a extensão do seu esforço. Jamais na vida do mundo tamanha somma fôra posta á disposição dum laboratorio.

Os resultados, entretanto, excederam á expectativa, o sonho da gazolina synthetica realizou-se.

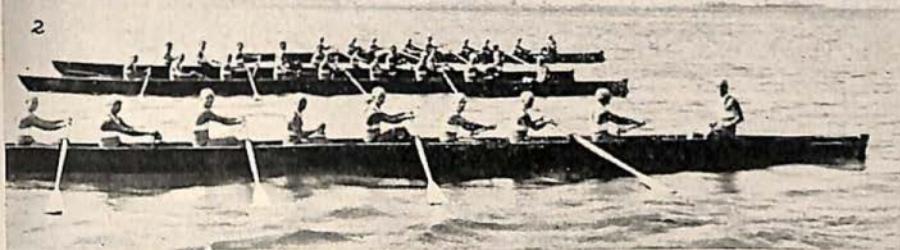
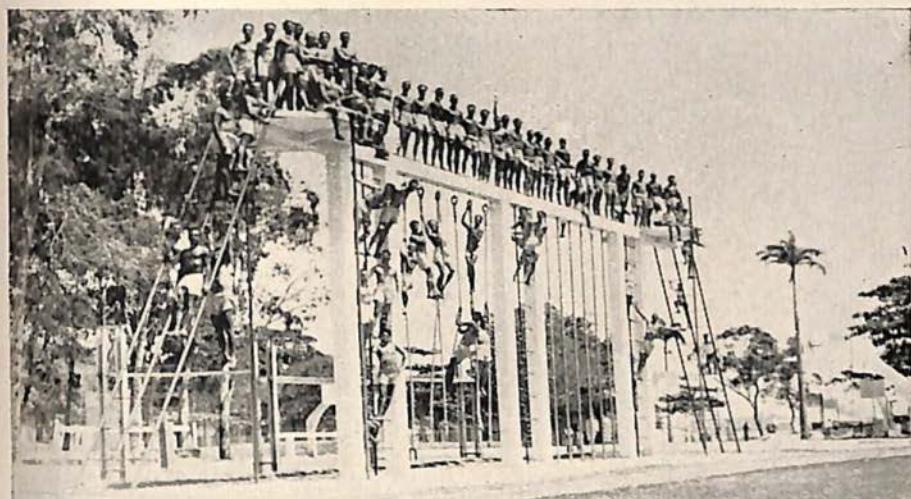
“ESSAD BEY”.

A primeira necessidade de um exercito e das fracções que o compõem, é ter um Chefe cuja autoridade se imponha a todos.

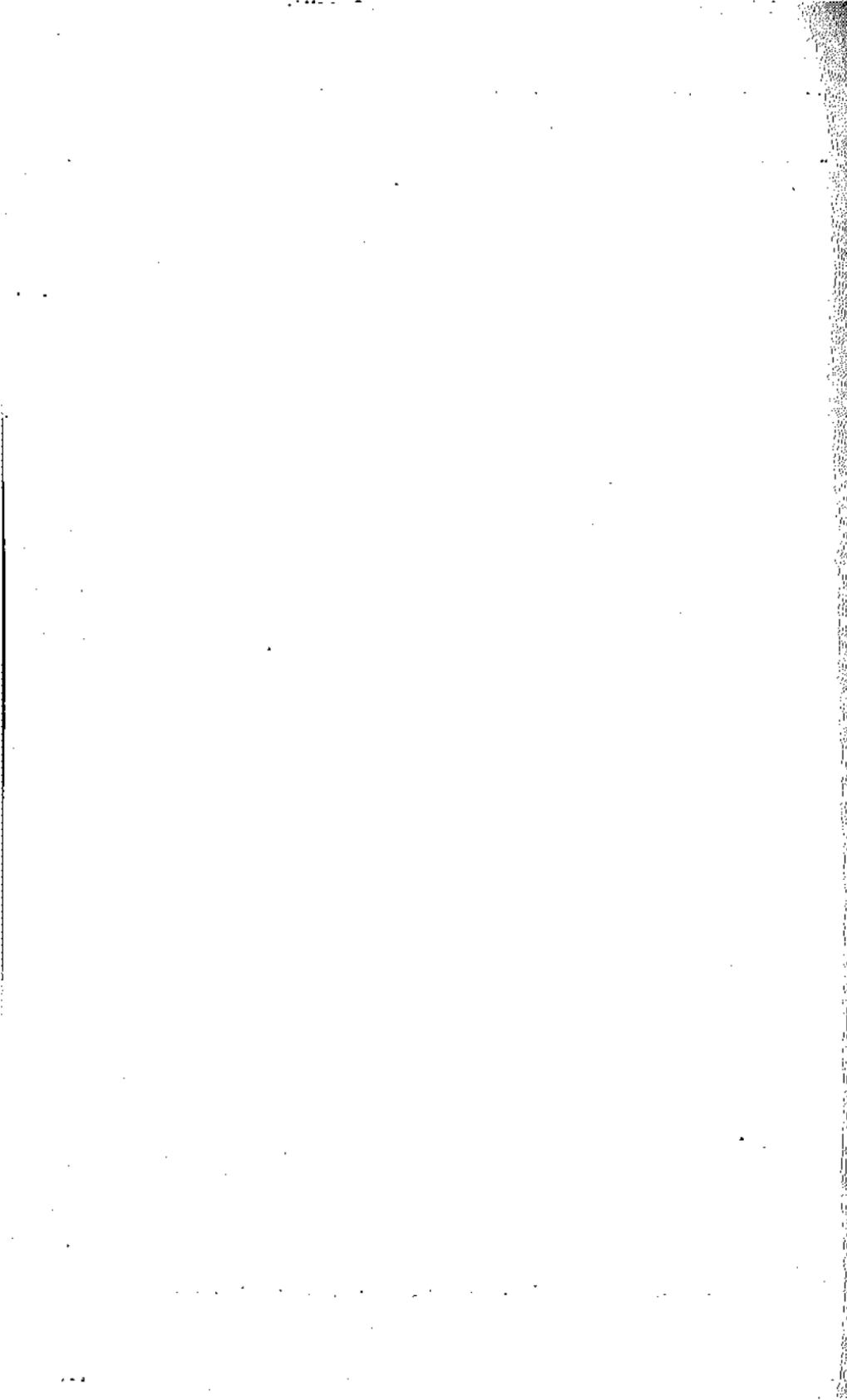
No proximo numero publicaremos um excellente artigo sobre “As transmissões numa manobra em retirada” traduzido da “Revue d’Infanterie”, gentilmente, pelo Cap. J. Carlos Pinto, a nosso pedido.

Outrosim offereceremos aos engenheiros um “complemento ao processo graphico do professor A. Weilenmann” de autoria do Cap. Costa Monteiro.

APERFEIÇOANDO A RAÇA



Ao alto: portico equipado. Ao centro: sessão de remo.
Em baixo: um salto à vara em lindo estylo.



EDUCAÇÃO PHYSICA

Copys - Pires e Gress

1º Período de instrução

As 14 primeiras lições para normas

Sessão	Sessão preparatória							Lição propriamente dita										Total
	M			T		S		LT		C		L		AD				
	Ed	Ap	Ed	Ap	Ed	Ap	Ed	Ap	Ed	Ap	Ed	Ap	Ed	Ap	Ed	Ap		
1	16	48	57	69	46-58	84	104	117	125	153	174	201	222	267	294	319	307	397-418
2	20	43	56	72	48-57	87	106		123		173		217	257	265	288	294	311 320 363 410
3	21	44	66	70	43-56	88	105	121	125	160	179		221		269		293	322 333 365 441-444
4	18	51	61	68	81	86	110		129	141	183	202	229	250	228	294	321	368 395 430 464 469
5	27	54	65	73	51-61	90a	107		130		188		223		266	289	295	303 321 329 361 440 448
6	22	52	62	76	44-56	90c	109		124	161	184	204-205	224	247	248	276	296	322-5 364 421 443
7	19	46	63	74	52-68	92-87	105		129		189		218		268	290	292	307 321 334 372 403 441
8	24	50	60	71	54-63	89	110	130	150	187	208	221	260	269		294	322-5	369 411 446
9	23	49	67	69	50-61	91	106		123		192		230		270	291	297	313 321 341 342 380 416
10	25	55	59	77	82	90b	107	130	122	179	212	223	258	276		294	322-4	366 410 427
11	26	45	58	75	50-60	92-90c	108		125	143	178		224		279		296	314 321 344 371 402 447
12	19	53	64	74	80	90f	109	130		180	207	219	259	268		295	312 322-5	362 433 450
13	23	47	66	73	78-53-64	92-91	106		124	159	192		221		267		294	310 321 352 380 440 449
14	25-24	50	57	77	83	93b	108		123	151	193		223		276		293	306 322-5 351 370 397 418

Redactores: ORLANDO SILVA
I. ROLIM

1º Período

Unidade de doutrina

Pelo Capitão ILÍDIO ROMULO COLONIA

SESSÃO PREPARATORIA

Todas as sessões ou lições de trabalho physico por uma sessão preparatoria cuja finalidade consiste em aquecer progressivamente o organismo e preparal-o para o trabalho mais intenso da lição ou da sessão propriamente dita.

Esta sessão preparatoria é variável na sua organização, nos seus elementos constitutivos, na cadencia de execução destes proprios elementos, de conformidade com a natureza das actividades physicas que se pretende realizar, taes como: lição de educação physica, sessão de jogos, de desportos individuaes, de desportos collectivos, etc.

A variabilidade na constituição intima da sessão preparatoria se apresenta por vezes, com muita subtileza, dando margem a duvidas e interpretações diferentes por parte de instructores menos affeitos ao estudo comparativo das trez partes do Regulamento Geral e ao raciocínio dentro do espirito e não da letra do Regulamento.

Desta dificuldade bem sensível decorreu a idéa de focalizar neste numero da revista o assumpto em aprço, fixando-lhe a unidade de doutrina.

SESSÃO PREPARATORIA NORMAL

CONSTITUIÇÃO

Comprehende exercícios methodicos de energia crescente, susceptiveis de flexionarem as articulações, de desenvolverem os músculos, de corrigirem as más attitudes, de disciplinarem a vontade e o sistema nervoso.

Eis-os:

- a) **EVOLUÇÕES** — Exercícios de disciplina collectiva que permitem ao instructor ter sua turma *na mão*;
- b) **FLEXIONAMENTOS DE BRAÇOS** — Dão mobilidade ás articulações da espadua e dos diversos segmentos dos braços, desenvolvem principalmente os músculos elevadores, extensores dos braços e corrigem certas attitudes más, fixando a espadua atraç e endireitando a columna vertebral.

c) FLEXIONAMENTOS DE PERNAS — Dão mobilidade ás articulações dos quadris, dos joelhos e do pé, fortificam os musculos elevadores e extensores das pernas, os musculos extensores da columna vertebral e os musculos abdominaes anteriores.

d) FLEXIONAMENTOS DO TRONCO — Dão mobilidade e flexibilidade á columna vertebral, por meio de movimentos variados de flexão, de extensão, de rotação, etc.

e) FLEXIONAMENTOS COMBINADOS — São constituidos pela reunião dos flexionamentos precedentes; seus efeitos physiologicos são semelhantes, porém aumentados pela quantidade mais considerável de trabalhos fornecido e pela intensidade progressiva no esforço resultante de combinações variadas. Sua execução exige do alumno uma grande atenção. A qualidade que este flexionamento desenvolve de uma maneira especial é a *coordenação de movimentos*.

f) FLEXIONAMENTOS ASSYMETRICOS — Obrigam duas partes simétricas do corpo seja a executar no mesmo tempo, movimentos dessemelhantes, seja a realizar o mesmo movimento em tempo diferente. São movimentos difíceis e que solicitam toda a atenção do alumno; elles disciplinam o sistema nervoso, desenvolvem a flexibilidade e a destreza e permitem adquirir a *independencia das contracções musculares*.

g) FLEXIONAMENTOS DA CAIXA THORAXICA — Agem principalmente sobre as articulações das costellas, sobre os musculos inspiradores, e os fixadores das espáduas atraç.

Acabamos de expor fastidiosamente os elementos constitutivos de uma sessão preparatoria *normal*, isto é, a que se emprega antes de uma lição ou sessão de estudo de educação physica ou em casos especiaes que trataremos oportunamente. Tratamola com detalhes talvez exagerados, porém com um objectivo bem definido — para ser consultada a servir de base a justificativa dos casos especiaes que passamos a estudar. Algumas palavras são; porém, ainda necessarias sobre a indicação do *rithmo*, pois a elle nós referimos frequentemente.

"A execução dos movimentos deve ser estritamente individual; o conjunto não deve ser exigido".

Existe todavia, para cada exercicio um *rithmo de execução óptimo* sob o ponto de vista physiologico e mechanico, cuja frequencia é proporcional ao comprimento e ao peso dos seguimentos a mover. E' preciso indicar este rithmo para ensinar os homens a dosarem utilmente seus esforços. E' preciso além disto que cada um lapso de tempo determinado uma quantidade de trabalho equivalente. "(Regulamento Geral de Educação Física").

Duas observações resultam logo do texto regulamentar acima exposto:

1.º — O *rhythmo* de execução, que significa os numeros dos movimentos feitos em um minuto, não pode ser modificado á vontade do instructor (excepto para os flexionamentos assymetricos, dado o efecto que delles se espera); só a temperatura, além do ponto de vista mechanico e physiologico, pode alterar o *rhythmo* normal de um determinado flexionamento (tempo frio — *rhythmo* mas accentuado): o que pode ser modificado de acordo com a situação e condição dos alumnos, é a repetição, isto é, o mesmo total de movimentos feitos para um determinado exercicio.

2.º — A expressão o *conjunto* não deve ser exigido, não pode significar proibição da existencia do conjunto, quando este fôr obtido naturalmente sem obrigação taxativa do instructor, o que se verifica sempre quando empregam qualquer dos dois processos usuais no inicio de qualquer instrução — indicar o *rhythmo* pela voz (mantida cadenciada de acordo com a duração) ou empregar um guia; uma vez obtido o reflexo por esse processo, os executantes poderão naturalmente fazer os movimentos em conjunto.

CASOS ESPECIAES

SESSÃO DE JOGOS

“Uma ou duas vezes por semana para os individuos poupadados e os “normaes” (cyclos elementar e secundario — 1.ª parte do Regulamento) a lição de educação physica será substituida por uma sessão de jogos. A sessão de jogos, de uma duração maxima de 45 minutos, inicia-se por uma pequena sessão preparatoria e termina por uma volta á calma mais longa do que a prevista para a lição; os homens (as creanças — 1.ª parte do Regulamento), por se haverem empregado violentamente, apresentam, com efecto, traços mais nitidos de fadiga e suffocação.

E' esta a prescrição regulamentar, tal como se nos depara na rigidez de sua letra. Cumpre-nos examinal-a em seu espirito. A razão de ser esta sessão *pequena*, é evidente: os jogos, principalmente os grandes jogos estimulam os alumnos, aciram-lhes o sentimento de competição, prende-lhes intensamente a atenção, obrigando-os a se empregarem fortemente; por outro lado, os exercícios ou gestos componentes de um jogo são sempre os mesmos e repetem-se em numero que não pode se calcular acarretando assim mais uma fonte de cansaço. Ora, nestas condições, é obvio que a sessão preparatoria de sessão de jogos não pode ser a mesma da lição de educação physica, onde os exercícios são variados de acordo com a seriação das categorias, o que já traz consigo um relativo descanso e onde não ha e nem pode haver o espirito de competição.

Conclue-se pois que a sessão preparatoria deve ser *pequena*. Mas, pequena como? em que condições? Está ahi o que o Regulamento não diz e não o diz porque é facil comprehender-lhe o espirito. De facto — os flexionamentos combinados e os assymetricos, agindo fortemente sobre o sistema nervoso, como procurar a coordenação dos movimentos e independencia das construcções musculares* (vide descripção da sessão preparatoria normal), devem ser excluidos para não sobrecarregarem a fadiga que os alumnos irão sentir logo após tanto mais que estas especies de flexionamentos não terão applicação (como preparação) nos jogos. Restam-nos então: a evolução (tomar a turma *na mão*) os flexionamentos de braços, pernas, tronco e os flexionamentos da caixa thoraxica (preparo para a resistencia á sufocação). Temos assim a nossa sessão preparatoria diminuida já quanto ao numero das especies dos flexionamentos e em cada uma dessas especies ainda cortar no numero de repetições, para termos a duração total reduzida a menos de 2/10, digamos 1/10 da sessão total, sem tocarmos no *rythmo optimo* característico de cada flexionamento, rythmo que só a temperatura ambiente poderá fazer alterar. Resumindo: *pequena sessão preparatoria* significa — redução do tempo de duração da sessão, obtido com a supressão dos combinados e assymetricos e com a diminuição do numero de repetições de cada flexionamento.

(Continúa).

Os dezoito marechaes de Napoleão foram: Lannes, Besières, Berthier, Brune, Murat, Ney, Augereau, Massena, Prignon, Sérurier, Kellermann, Lefebre, Davout, Jourdan, Mortier, Monuy, Bernadotte e Soult.

Oleo, Petroleo...

Os povos orientaes chamavam-lhe nafta que em arabe significa "o que escorre da terra". Os romanos disseram "petra olium", óleo das pedras, que sahe das pedras. Escriptores dos mais antigos o descrevem. O pae da Historia, Herodoto, fala no capitulo 119 do seu Livro Sexto dum liquido estranho que os lavradores de Suza, na Persia, extrahiam de poços.

"ESSAD BEY".

Livros á venda na "A DEFESA NACIONAL"

Guia para a instrução militar, do Cap. Ruy Santiago, 10\$000, pelo correio mais 1\$000.

Guia pratico para o recruta, Alexandre Fernandes, 2\$000
pelo correio mais \$500.

Notas sobre o commando do batalhão no terreno — Cmt. Audet, 3\$000, pelo correio mais \$700.

Adestramento para o combate, General Paes de Andrade, 3\$000, pelo correio mais \$500.

O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia, General José Pinto, 4\$500, pelo correio mais \$600.

SECÇÃO DE ESTUDOS SOCIAES

Redactor: Cap. A. F. CORREIA LIMA

Hypertrophia federativa

Cap. A. F. CORREIA LIMA

O Imperio Brasileiro, por haver adoptado um regime politico unitarista, viu em perigo a cohesão nacional por excesso de centralização.

O governo imperial não estava em condições materiaes de attender, promptamente, aos reclamos das circumscripções administrativas da Nação (Provincias), algumas longínquas e todas muitas afastadas do Centro pela precariedade (quasi ausencia total) de meios de comunicação de qualquer natureza.

O desenvolvimento economico de cada uma dellas não obedecia a um rythmo uniforme; a cultura geral tambem era dispar; a situação geographica concorria, nitidamente para maior distincção (climas, situação: litorânea, rôdes de comunicações fluviaes etc.) em favor de umas e em detrimento de outras.

Se o Estado (regime politico de governo: em acção) fosse capaz de corrigir ou attenuar todas as causas determinantes dessa desigualdade nos diversos sectores do paiz, o espirito de desaggregação nacional não se teria manifestado, desde tão cedo, na vida patria.

Mas, o Imperio ou não percebeu o magno problema ou não teve recursos materiaes para enfrental-o, e por isso nunca cuidou em remedial-o. As provincias sentiam-se isoladas, entregues aos proprios esforços e contando sómente com suas possibilidades, porque o Centro, não podia ou não queria amparal-as. A falta ou a insufficiencia de comunicações rodo e ferro-viarias, fluviaes e maritimas, não permitia o indispensavel intercambio entre as differentes partes da nação e por isso elles se ignoravam, reciprocamente, a ponto de se tornarem indiferentes, umas em relação ás outras.

Um forte incentivo de congraçamento brasileiro foi offerecido pela guerra contra o Paraguay; nessa dolorosa occasião manifestou-se, com toda a pujança e belleza dos movimentos de civismo, o adormentado espirito de brasiliade e, com abnegações, devotamentos, sacrificios e heroismos, mostrámos aos demais povos sul-americanos a nossa clarividente Consciencia Nacional.

Passada a rubra tormenta voltaram, novamente, ao cartaz das pre-occupações patrias, as tendencias desaggregadoras pelos mesmos motivos já assinalados.

A mudança de regime politico veiu, mais uma vez, congregar as tres-malhadissimas ovelhas do rebanho brasileiro, com a proclamação da Republica.

O novo Estado querendo evitar os inconvenientes da injustificavel e demasiada centralização, ultrapassou todas as raias da prudencia e do bom senso politicos, instituindo o regime federativo que transformou as Provincias, departamentos administrativos, em Estados autonoma e politicamente organizados.

De inicio, na phase da reorganização nacional, o germe do crime de lesa-patria, que o novo regime trouxe consigo, não occasionou o gravissimo mal que hoje corroea a Unidade Nacional.

Cahido o throno passaram os dirigentes regionaes a Chefes de Estado, com todas as prerrogativas e deveres dessas altas autoridades nas nações soberanas.

Cuidaram logo, e mui pressurosamente, de estribar seu nascente prestigio politico em força militar propria.

Dahi vermos, com inquietante magua, os Estados mais ricos da Federação organizarem Exercitos-Mirins, modesta ou dissimuladamente, chamados Policias Militares.

Isso posto, passou o Brasil, méra abstração politica, a ser o joguete imbéle da agremiação regional mais forte.

Desse choque de interesses entre as diferentes parcellas da nação, muitas vezes contrarios aos da União, surgiu a estulta aberração do Separatismo.

Quando um qualquer dos Estados, que julga, erroneamente, bas-tar-se a si proprio, pensa estar prejudicado ou diminuido, politica ou economicamente, quer logo se desligar deste Brasil atrazado que entrava seu vertiginoso desenvolvimento.

Esses curiosos pruridos só se manifestam nos Estados que se julgam fortes, politica e economicamente.

Tradições, lingua, origem éthnica, communhão de sentimentos historicos e raciaes, barsilidade emfim, não têm valor algum para esses despeitados de occasião.

Uns falam em confederação segundo o modelo yankee, para manutenção da periclitante e quasi mythologica Unidade Brasileira. Para que? Os nossos Estados attingiram a um grau de autonomia politica tão soberano e independente que nem mesmo os da Confederação Norte-Americana ou as Republicas da União Soviética usufruem em relação aos respectivos governos centraes.

Sinão vejamos: nestas duas grandes nações suas partes componentes (Republicas, Estados e Territorios) não podem manter nenhuma relação de natureza internacional, uma das características da soberania nacional.

Aqui, neste Brasil paradoxal, os Estados, e até mesmo os municipios, podiam contrair livremente, sem controle de especie alguma, emprestimos no exterior, em quaesquer condições, compromettendo nelles as rendas vitaes do paiz e em condições, as mais das vezes, prejudiciaes aos interesses economicos e financeiros da nação.

Podiam firmar tratados commerciaes sem conhecimento e prescindindo do consentimento da União.

Podem, ainda hoje, organizar-se militarmente, apoiando suas tendencias politico-regionaes em fortes Exercitos, possuidores alguns de notavel espirito combativo e apreciavel grau de cultura profissional.

Mascarando a conveniencia nacional num resquicio de decoro, ficou assentado, tacitamente, que as Policias Estaduaes só seriam organizadas em unidades de infantaria e de cavallaria.

Não obstante, a de S. Paulo, no fastigio politico deste Estado, contou com artilharia, aviação e missão militar estrangeira para instruir seus quadros !

Depois do movimento armado de 30, que deveria ser revolucionario, mas que não passou de politico tacanhamente partidario, essa clamorosa e perigosissima aberração foi corrigida; mas, hoje, ainda, a unidade nacional está seriamente compromettida pelas organizações militares poderosas de alguns Estados, notadamente, Rio Grande do Sul e Minas Geraes.

A policia gaúcha é cheia de ardor combativo, está trenadissima em operações de guerra, onde sempre se destacou de suas congeneres, e está provida de copioso e modernissimo armamento automatico. E' tropa muito bem instruida por escolhida e operosa missão de officiaes do Exercito.

Todos os bons brasileiros esperavam que a Segunda Constituinte levasse em conta o sagrado interesse da União e legislasse acertadamente a esse respeito.

Tal não se deu: a politicalha, anti-patriotica e facciosa, partidarista e regionalista, imperou e o principal factor de desagregação nacional — a força politico partidaria estribada em força armada — foi mantida para cavar, mais rapida e profundamente, a sepultura da nacionalidade.

A cova do Brasil acabou, de ser concluida com a promulgação da Constituição de Julho de 34 e só espera, para ser fechada, os despojos do já claudicante organismo patrio, corroido pela incompetencia ou maledade politica de seus filhos.

Nos Estados Unidos e na Russia, suas partes componentes não podem organizar, militarmente, forças armadas, sob qualquer pretexto ou rotulo.

A defesa nacional, a segurança do regime, a manutenção da ordem interna, civil e política, são asseguradas por instituições federaes.

Exército, Marinha, Polícias (civil e política), Guardas Rurais e Aduaneiras, etc., são organizações nacionais nas duas maiores nações federativas da terra.

Theoricamente, estas duas nações são constituidas pela confederação e união de Repúblicas e Estados Soberanos.

Aqui no Brasil, com a faculdade de adopção e culto cívico dos símbolos das nacionalidades, pelos Estados característicos de soberania política internacional (bandeiras, escudos, hymnos e até moedas) incrementou-se de tal maneira o regionalismo que, sómente uma comoção de revelância extraordinária, interessando vivamente o sentimento de brasiliade, poderia operar a extirpação radical dessas incompreensíveis prerrogativas e restituir à obliterada consciência regionalista dos homens de responsabilidade, o senso e a noção de Pátria Brasileira!

Não se pode compreender a legislação político-social, a distribuição de justiça, a difusão de instrução, a organização militar, especial e peculiar a cada uma de nossas circunscrições territoriais.

Na situação actual somos mais que Confederação ou União de Estados autônomos. Somos um amalgama político, muito heterogêneo onde imperam antagonismos mesquinhos, filhos de cegueira partidária e das ambições regionalistas, demolidoras e anti-patrióticas.

Milagrosa, inexplicável e paradoxalmente, ainda passamos aos olhos do resto do mundo como nação-Una e Invisível-historicamente denominada Brasil; politicamente não passamos, na realidade, de uma vasta reunião geográfica, sem solução de continuidade, de Estados Independentes, ligados apenas por uma característica *commum* — a língua.

Este aglomerado geográfico pode, mais acertadamente, ser chamado — América Portuguesa.

Se os verdadeiros brasileiros quisessem, ainda poderiam remediar esses males, as Constituições são feitas sempre em caráter transitório, porque tudo evolue, neste mundo, e elas seguem a regra geral.

A U. R. S. S. tem modificado, nestes últimos tempos, quasi, anualmente seu estatuto político-social na ansia, muito louvável, de encontrar uma fórmula evolvida que satisfaça aos imperativos nacionais.

Façamos, politicamente, o mesmo, enquanto ainda fôr tempo; nada de fetichismos conservadores que acabarão dando por terra com o colossal "gigante, eternamente deitado em berço esplêndido".

Desperta gigante; distende teus braços, reteza, teus músculos e defende-te! Sejamos Brasileiros!

SECÇÃO DE PEDAGOGIA

Redactor: JOÃO RIBEIRO PINHEIRO

*"N'oublions jamais q'être officier c'est,
avant tout, être instructeur et educateur"*

Marechal PÉTAIN

O CURSO DE INFORMAÇÕES E A EDUCAÇÃO NACIONAL

Pelo Cap.
JOÃO RIBEIRO PINHEIRO

O "Curso de Informações" para Generaes e Coroneis, deve de ter incluido no seu programma uma cadeira de psychologia. A um chefe, a quem cabe à tremenda responsabilidade de julgar homens, o conhecimento de psychologia objectiva e experimental, impõe-se forçosamente.

Como se pode julgar valores sem conhecer typos mentaes, psychoses, aptidões? Certamente que o julgamento será parcial e empírico, como um dynamo de injustiças e odiosidade, dentro da nossa classe.

No Exercito, por exemplo, considera-se uma grande causa saber mathematica. A nobre figura de Trompovski ainda pesa densamente sobre os programmas das Escola Militar, como se fôra um "tabú". No entanto, a psychologia moderna prova que a mathematica é uma simples aptidão, que jamais exprime "intelligencia integral". O raciocínio mathematico impelle o individuo para fôra da "realidade humana". Posso citar o caso passado com o grande Lyauthey, que se refere Maurois em seu livro: "Dialogues sur le commandement".

"Em 1914, no momento de declaração de guerra, o Ministro dá ordem de remetter para França a maior parte das tropas de Marrocos. O Governador responde que é impossivel manter o paiz com os pequenos efectivos que se ia deixar a Lyauthey. O ministro manda que sómente se guarde Fez e assegure a evacuação dos franceses do Sul. Estava muito bem raciocinado. Todavia, se com cem mil homens não se pode guardar

determinado territorio, com vinte mil não se pode ocupar metade desse mesmo territorio. Regra de tres. Quando o General recebeu essa ordem, que vinha arruinar a sua obra, elle nada disse e encerrou-se no seu quarto durante 24 horas. Quando sahiu, elle dictou dum só jacto um plano, que ficou celebre, sob o nome de plano de 20 de Agosto. 'Mandarei todos os batalhões, dizia elle, que me pedem. Não ficarei senão com o necessário para manter a apparencia dos postos, mas a nossa politica será a politica do sorriso. Não nos mostraremos jamais imquietos aos olhos dos indígenas, para quem devemos parecer alegres. Faremos uma exposição em Rabat e uma feira em Fez. Um homem que trabalha não pensa em se bater. Cada café-cantante é uma batalha ganha. Este programma foi executado. Não sómente o terreno conquistado foi conservado, mas as tribus, ainda rebelladas, vieram submeter-se sob a condição de poderem brincar nos cavalos de pau da feira de Fez. A arithmeticava vencida'.

Outra necessidade inadiável é por-se os nossos chefes ao par da politica educacional moderna, com a sua didactica, com a standardização de seus processos mentaes. O Exercito sempre foi uma escola; no Brasil principalmente. A Educação cria o fundamento do intincto nacional e o sentido da propria defesa patria. O illustre cel. Pevrier — no seu luminoso livro: "De Descartes au General X..." escreveu:

"Certes ! ou s'est bien rendu compte en France, que la nation n'était pas prête à subir choc de 1914. Mais, au lieu de recherche dans l'éducation nationale les causes des erreurs commises, ou a prézéndu les trouver dans des fautes individuelles".

Já o nosso grande patrício professor Miguel Couto fizera ver a necessidade duma acção efficiente em prol da Educação popular, em sua celebre conferencia, dizia elle:

"A União só tem duas despezas sagradas — a defesa nacional e a cultura do povo; uma preserva o territorio, a outra o valorisa. São credores privilegiados do orçamento; as restantes hão de se cumprir dentro das possibilidades. E tudo quanto ella destinar á cultura lhe voltará em tres dobro, porque não ha mais rendoso emprego do capital de um paiz do que o que elle emprega na educação do povo. Em menos de quarenta annos o milagre da cultura, só e só, centuplicou a receita nos orçamentos japonezes. A sua frequencia escolar tinha se elevado subitamente a 99,5%. A Allemanha para assombrar o mundo com o seu progresso estonteante obrigou antes a totalidade de seus filhos ao estudo primario. Nos Estados

Unidos, apezar da extensão do seu "far-west" — 95 % das crianças comparecem á escola. Porventura reduzidas a 20 % de população culta estas nações seriam o que são? Que nos falta para lhes seguir o exemplo — Intelligenzia ou patriotismo?"

O problema de "orientação profissional", que constitue assumpto de investigação permanente para o Departamento de Cooperação Intelectual, da Sociedade das Nações, deve ser assumpto de pesquisa para os chefes, porque della, da orientação profissional, depende a selecção dos nossos quadros, portanto, a propria estructura technica e moral do Exercito.

No Ministerio da Educação se está elaborando o plano de Educação Nacional — os nossos chefes, devem estudar o assumpto neste "Curso de Informações" e fazer introsar o Exercito no mecanismo da cultura nacional, do qual elle é o grande collaborador através da sua rēde de casernas, que é uma rēde de escolas, por assim dizer.

O NOSSO CONCURSO

Encerrou-se a 31 do mez proximo passado o concurso aberto para eleger-se um trabalho que, focalizando a instrucção moral a ser dada ao soldado, lhe falasse á sua alma, fazendo-o sentir a grandiosidade da missão que desempenha.

O melhor trabalho será impresso e distribuido, gratuitamente, aos corpos de tropa, como uma collaboração da "A Defesa Nacional" á instrucção do Exercito.

Foi, pela Directoria, escolhida a seguinte commissão julgadora :

Major Tristão A. Araripe — Director-Presidente da "A Defesa Nacional".

Cap. A. F. Correia Lima — Redactor da Secção de Estudos Sociaes.

Cap. João Ribeiro Pinheiro — Redactor da Secção de Pedagogia.

Cap. Severino Sombra — Professor de Sociologia da Escola Militar.

Yasu-Kuni Jinja

Tal é o nome do Pantheon militar japonez. Sobre a collina de Kudan, no coração mesmo de Tôkiô e a poucos passos do recinto do palacio imperial, sob as cerejeiras, mais se oculta que se alteia o templo shintoista de Yasukuni. Desde os primeiros annos da Restauração imperial, é ahi que são honradas as almas dos heroes, eirei, mortos pela patria no campo de batalha, ou ainda dos que lhe prestaram serviços assinalados.

Todos os annos, a 6 de maio e 6 de novembro, realiza-se, a festa dos mortos, shôkonsai, com grande pompa, no recinto desse templo. E nella tomam parte o Imperador em pessoa, ou então pelo seu representante, a familia imperial, as tropas da capital.

Eis como um manual, que se distribue aos soldados por occasião de seu ingresso no regimento, se exprime a respeito: "Vivo, ser inundado dos benefícios sem numero e sem medida da bondade imperial; morto, tornar-se uma das divindades protectoras do paiz e, nesse titulo, receber nesse templo honras unicas, não é, para o militar, o cumulo da gloria? Ahi está porque, soldado, deves escrupulosamente executar as ordens de teus chefes. Lembra-te que cada passo que te approxima do perigo, approxima-te tambem da gloria, e vae, tranquillo, alegre; cheio de ardor lança-te no campo de batalha onde te espera a morte."

Depois dessa curta allocução, tão expressiva que qualquer commentario lhe enfraqueceria o alcance, o manual em apreço termina assim:

"No frontão do templo, ha um quadro com a dedicatoria e a poesia seguintes, feitas pelo proprio Imperador:

27.º dia do 1.º mez do anno 7 de Meiji (1874). No templo dos mortos: (1)

Waga kuni no
Tame wo tsukuseru
Hito-bito no
Na mo musashi-no ni
Tomuru tama-gaki !

Oh! quão precioso é o recinto que guarda (para a eternidade) nos campos de Musashi, o nome de todos aquelles que bem trabalharam pelo seu paiz!"

(Do Livro "Le Japon Militaire", de Baled)

(1) A palavra *shôkonscha* significa o templo onde se convidam, onde se invocam as almas.

BIBLIOTHECA DE CULTURA MILITAR
Dirigida pelo Cap. João Ribeiro Pinheiro

Telefonía

— a alma das transmissões

sobre esse importante assumpto
acaba de sahir o notavel livro

DO

Capitão LIMA FIGUEIREDO

- I) a technica da telefonía;
- II) a instrucção — pelo processo de fichas;
- III) a evolução tactica

eis uma synthese deste optimo trabalho, que constitue
mais um elo da cadeia didactica da Bibliotheca
de Cultura Militar

dirigida pelo Capitão João Ribeiro Pinheiro.

Preço 6\$000

PEDIDOS A'

CASA EDITORA HENRIQUE VELHO

AV. MARECHAL FLORIANO, 13 - RIO

Abi vêm as manobras!

"Cadernefa de ordens e partes"

da autoria do Capitão
João Ribeiro Pinheiro

— **Approvada pelo
Ministerio da Guerra**

*será o seu auxiliar immediato:
o receptor — o transmissor e coordenador de suas ordens.
Forrada de panno, proprio e resistente.*

**Cadernefa
de
ordens
e
partes**



CONTEM:

- a) - 25 folhas para calco e 25 folhas para ordens e partes;
- b) - Um transferidor com milesimos e grados;
- c) - Um duplo decímetro;
- d) - Envelopes proprios;
- e) - Carbono, lapis e borracha.

PREÇO 8\$000 — Vende-se blocos avulsos 2\$000

SEÇÃO DE INTENDENCIA

Redactor: JOSÉ SALLES
Auxiliar: BELMONTE VAZ

Etapas de reservistas

Pelo 1.º Ten. ARTHUR ALVIM CAMARA

No ultimo modelo de "grade numerica das rações de etapa" n.º 7 da 2.ª collecção), foi contemplada uma casa para "diarias de reservistas".

O modelo, ao que parece, foi norteado pela orientação erronea do pagamento de diarias aos reservistas, qualquer que seja a hypothese.

A situação dos reservistas sob o ponto de vista das vantagens pecuniarias e em face da lei que só "se revoga ou deroga por outra lei" (art. 4.º da Introdução do Código Civil); da lei que não se altera por um "simples aviso" (despachos ministeriales-Bol. Ex. n.º 136, de 1932, pag. 355; Bol. E. n.º 110, de 1932, pag. 1060), oferece o duplo aspecto: — do pagamento de diarias e do direito a etapas.

Os orçamentos do Ministério da Guerra sempre teem consignado verba "para pagamento de diarias de 2\$000 aos reservistas e sorteados, convocados e voluntários, nos casos previstos no decreto n.º 1.5934, de 22 de Janeiro de 1923".

Conforme o decreto citado (R.S.M.), as diarias são devidas: a) aos sorteados convocados e voluntários, *por dia de marcha*, da partida á data da inspecção, isto é, durante os dias de viagem para apresentação ás autoridades militares, exceptuando-se aquelles passados a bordo, onde a alimentação esteja incluída na passagem (art. 110, 1.ª parte);

b) aos licenciados, por ensejo do regresso, observada a mesma exceção do tempo passado a bordo (art. 118, § 2.º).

O pagamento dessas diarias está, *ex lege*, adstricto ao Regulamento para o Serviço Militar e nelle apenas figuram os dois casos de abono acima. Por isso, enquanto os homens estiverem no corpo, seja como encostados, praças effectivas ou licenciadas, perceberão *etapa*.

A etapa é atribuída, exclusivamente, para a alimentação normal, ao passo que a diaria se destina a indemnizar despesas extraordinárias de alimentação e pousada (art. 396 do Reg. Cod. Cont. Pub.). Uma resulta da permanência do individuo na séde da unidade; a outra só terá lugar fóra da respectiva séde (art. 397 do R.C.C.P.).

Exemplificando: Um sorteado convocado, procedente de São Mateus (E. Santo), foi designado para o 1.º Regimento de Infantaria.

O sorteado, desde que sae da localidade de sua residencia até o dia em que chega ao campo, faz jus á diaria (aviso n.º 33, de 18-xi-1931 — Bol. Ex. 79; art. 110, 1.ª parte, do R.S.M.).

Apresentado ao Regimento, cessa o abono da diaria, passando a vencer etapa (aviso n.º 33, de 18-xi-1931; art. 110, 2.ª parte, do R.S.M.)

Licenciado do serviço militar, elle aguardará embarque, encostado á unidade para efeito de percepção da respectiva etapa (aviso n.º 983, de 7-xii-1922 — Bol. Ex. 62).

A partir do embarque até chegar á sua residencia, ser-lhe-ão pagas as diárias correspondentes (art. 118, § 2.º, do R.S.M.).

Essa é a interpretação legal. Os sorteados e voluntários recebem *diaria*, quando veem ingressar nas fileiras do Exército e recebe-la-a na ocasião de serem restituídos ao seio de sua família; elles percebem *etapa*, como encostados, aguardando incorporação, e percebe-la-á enquanto estiverem encostados, aguardando embarque, depois de licenciados do serviço activo.

Seja-me, entretanto, permitido afirmar que ainda e muito pouco o auxílio prisetado pelo Estado áquelles que veem a seu serviço ou deste saem.

Com dois mil reis diários não é possível nenhum homem se locomover obrigado a fazer "despesas extraordinárias de alimentação e pousada".

Entendem-se por despesas de viagem, alem das passagens e dos fretes, os gastos pessoais de condução, alimentação, alojamento e os carretos de volumes indispensáveis a esse fim (decreto 16.581, de 4-ix-1924).

A guerra é um officio para os ignorantes e uma sciencia para as pessoas instruidas.

FOLARD.

PREPARO DE SOLDA DE ALTA TEMPERATURA

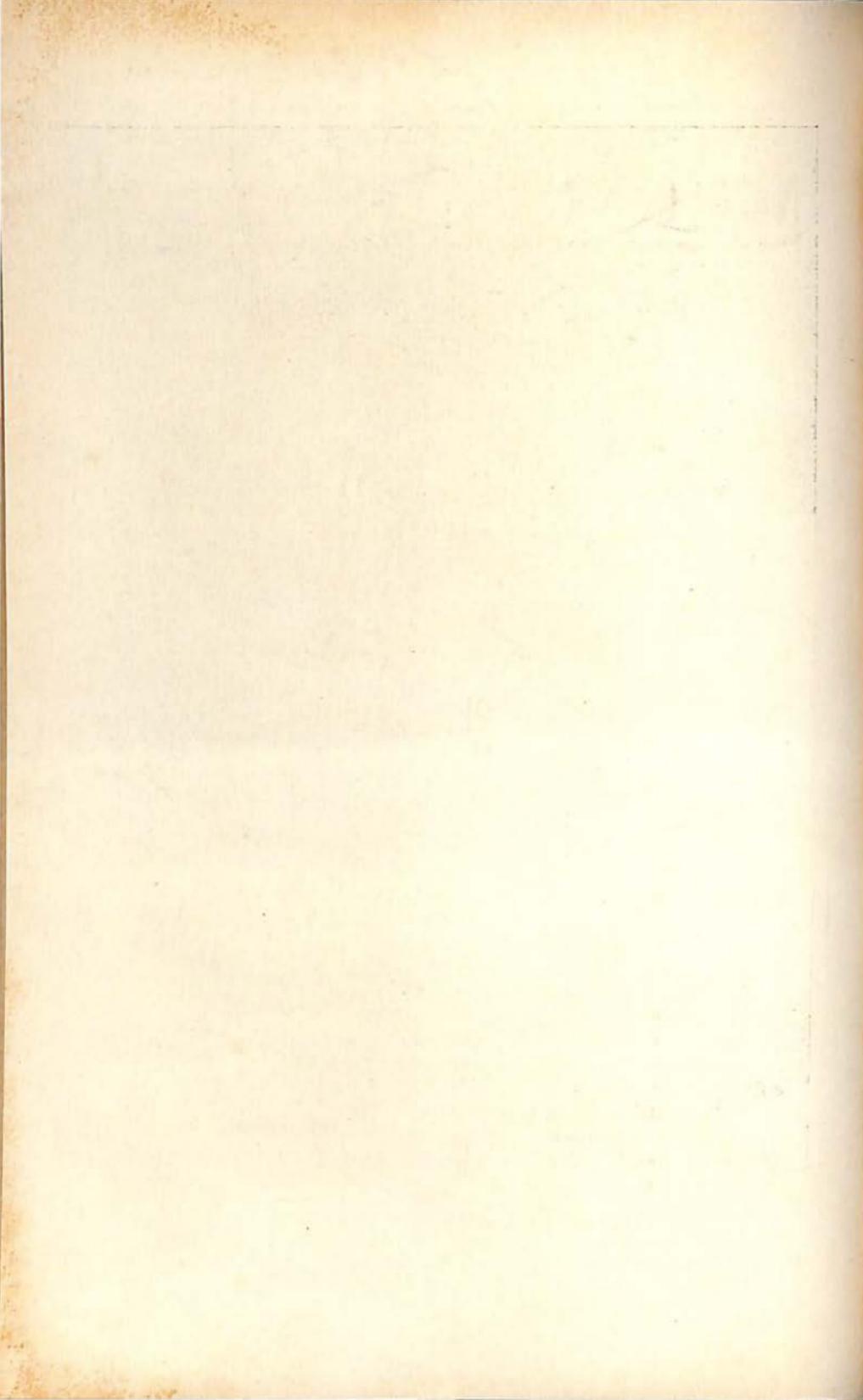
Deita-se num cadinho 60 grammas de limalha de cobre levando-o ao fogo; quando a fuzão for completa junta-se 19 grammas de zinco puro agitando muito bem com uma haste de ferro engastada numa parte de madeira. Logo que se realize a fuzão do Zn deita-se 11 grammas de estanho puro e agita-se sempre. Derrama-se a liga ao solo e depois de fria corta-se em pequenos pedaços que no cadinho volta novamente ao fogo até completa fuzão, agitando bem com a haste de ferro. Sobre o solo seco abre-se um rego onde se vasa o contido no cadinho.



AO ALTO: A posse do novo Chefe do Estado Maior do Exército, General Pantaleão Pessoa.

AO CENTRO: Uma patrulha motorizada da cavalaria ingleza.

EM BAIXO: Duas vistas da piscina recem-inaugurada no 4º. R. A. M. em Itú.



NOTICIARIO E VARIEDADES

Inspectoría do 1.º Grupo de Regiões

Em relatorio especial a Inspectoría do 1.º Gr. R. M. vem de dar conta do trabalho que realizou na 1.ª Região Militar, em 1934. Ainda durante esse anno de instrucción foram inspecionados a 4.ª, 6.ª e 7.ª R. M.

A actividade revelada pela Inspectoría do 1.º Grupo, rompendo o longo periodo de estagnação em que têm vivido esses importantes órgãos de fiscalização, é um symptomá de renovação de mentalidade e de progresso, que registamos com prazer.

As inspeções são de um valor inestimável. A simples presença do Inspector, representante do Alto Commando do Exercito, nos mais afastados recantos do paiz, apreciando com interesse e julgando do esforço dos que ahi mourem discretamente, quasi ignorados, constitue uma valiosa fonte de estímulo. De outro lado, pela sua acção fiscalizadora assegura a manutenção da indispensável unidade de orientação e de doutrina na instrucción dos quadros e da tropa.

Assignala, o Sr. Gen. Inspector do 1.º Grupo, no relatorio que as inspecções de 1934 se revestiram de um aspecto de particular tolerância, em consideração a falta de habito em que se encontravam as tropas e os serviços de se verem submettidas a provas de tal natureza.

A continuidade no exercicio dessas funções inspectoras irá disfazendo constrangimentos e extranhezas por ventura existentes e concorrerá para a devida apreciação de sua elevada finalidade.

Só ainda algumas deficiencias e restrições embaraçaram o franco funcionamento da Inspectoría, é de presumir que sem tardança desapareçam com a nova regulamentação prestes a sair e com o melhor conhecimento e compreensão resultantes do primeiro contacto.

O relatorio do 1.º Grupo de R. M., revela o interesse particular com que foram examinadas as condições materiais da tropa e dos órgãos de serviços e, sobretudo, mostra a especial atenção dedicada ao exame da instrucción dos quadros de officiaes.

Através de exercícios realizados, no terreno, com tropa e na carta, com quadros, cujo desenrolar está minuciosamente exposto nos annexos ao relatorio, pôde o Gen. Inspector verificar o grau de progresso da instrucción e a orientação que lhe está sendo imprimida, assignalando as

deficiencias e sugerindo, ao E. M. E., as medidas que lhe pareceram necessárias para corrigil-as.

Valioso serviço prestou a Inspectoria do 1.º Gr. R. M., dando publicidade ao trabalho realizado, não só aos corpos e elementos inspecionados que assim ficaram scientes do julgamento da parte que lhes corresponde, como também aos elementos alheios à inspecção, pela oportunidade de avaliar os esforços despendidos e a orientação seguida em outras esferas da actividade militar.

Ao agradecermos a gentil remessa do referido relatório à nossa Redacção, fazemos ardentes votos para que se não detenham ahi os louvaveis esforços da Inspectoria do 1.º Grupo pelo aperfeiçoamento do Exercito e para que seu exemplo seja seguido pelos demais órgãos similares.

Regularizando a situação das Polícias Militares dos Estados

O ESTADO MAIOR DO EXERCITO ENVIA Á CAMARA UM ANTE-PROJECTO

O presidente da Republica enviou, hontem á Camara, uma mensagem encaminhada pelo ministro da Guerra, remettendo o ante-projecto elaborado pelo E. M. do Exercito, regularizando a situação das polícias militares nos Estados.

Esse ante-projecto é o seguinte:

“Art. 1.º — As polícias militares são consideradas reservas do Exercito, e gozarão das mesmas vantagens a este atribuidas quando mobilizadas ou a serviço da União (artigo 167 da Constituição Federal).

Paragrapho — E' polícia militar a força estadual organizada militarmente, de conformidade com a Constituição do Estado. Além das forças armadas da União, sómente as polícias militares poderão possuir e usar armas de guerra iguais ou equivalentes ás de infantaria ou de cavalaria do Exercito Nacional.

Art. 2.º — As polícias militares, como reserva do Exercito, podem ser de acordo com a sua efficiencia militar:

- a) Forças de Reserva do Exercito;
- b) Força auxiliar do Exercito.

Art. 3.º — São Forças de reserva do Exercito as polícias militares estaduais que não preencherem os requisitos legaes de “Forças auxiliares do Exercito.”

Parag. Unico — “A Força de reserva do Exercito”, quando a serviço da União, será empregada, de preferencia, em elementos constituidos

ou não, na guarda do territorio e, por isso, não poderá ter mais de uma arma automatica por sub-unidade (companhia ou esquadrão) e uma Secção de duas metralhadoras pesadas por Batalhão ou Regimento de Cavalaria.

Art. 4.º — Serão “Forças auxiliares do Exercito” as policias militares estaduaes que offerecerem garantia de efficiencia militar, a juizo do governo federal. Essa garantia de efficiencia militar será estabelecida em contracto celebrado entre os governos da União e o de cada Estado.

As bases desses contractos serão fixadas pelo Estado-Mario do Exercito, reservando-se á União a iniciativa da sua denuncia, para os efeitos do art. 8.º da presente lei.

Paragrapho 1.º — “A Força auxiliar do Exercito” será empregada, quando a serviço da União, de preferencia, como tropa combatente, fazendo parte do Exercito de Operações.

Paragrapho 2.º — A Policia Militar do Districto Federal e o Corpo de Bombeiros do mesmo Districto, enquanto dependerem do Governo Federal, bem como a Força Policial do Territorio do Acre, são consideradas Forças Auxiliares do Exercito e, como tal, são obrigadas a satisfazer todos os requisitos estabelecidos no Regulamento de que trata o art. 8.º desta lei.

Art. 5.º — “As Forças auxiliares do Exercito” gozam de todas as vantagens concedidas ás outras Policias militares e mais as seguintes, que são obrigatoriamente incorporadas aos contractos que se effectuarem entre os respectivos Estados e a União;

a) Seus officiaes são incluidos na 2.ª classe do Corpo de Officiaes da Reserva do Exercito Nacional, mesmo em tempo de paz, conforme a letra “a” do art. 2.º da Lei do Serviço Militar (Dec. n. 28.125, de 21-VII-935);

b) podem ter official do Exercito activo como commandante e se obrigam a ter como instructores officiaes desse mesmo Exercito, designados pelo E. M. E., a requisição do Estado;

c) podem adquirir nos órgãos provedores do Exercito tudo quanto necessitem para sua vida normal (viveres, forragens, fardamento, etc.), ou para sua maior efficiencia (armamento, equipamento, munições, etc.);

d) receberão gratuitamente, do Exercito, seus regulamentos administrativos e tacticos, em vigor;

e) os incorporados nas forças auxiliares ficam isentos do Serviço Militar no Exercito e quando licenciados serão considerados reservistas de 2.ª categoria do Exercito;

Art. 6.º — As forças auxiliares do Exercito têm os mesmos deveres das Forças de Reserva do Exercito, e mais os seguintes, que serão obri-

gatoriamente incorporados aos contractos a effectuar entre a União os e Estados a que elles pertençam;

a) adoptar o armamento e os regulamentos de exercicio e combate, em vigor no Exercito;

b) manter-se em estado de efficiencia militar permanente de acordo com as bases estabelecidas pelo Estado Maior do Exercito;

c) adoptar uniforme de campanha que forem aprovados pelo Ministerio da Guerra;

Art. 7.º — E' vedado ás Policias Militares, Força de Reserva e Força Auxiliar do Exercito possuirem material de artilharia, aviões de guerra e carros de combate, não estando incluidos nesta categoria os automoveis blindados.

Art. 8.º — Cabe ao E. M. E. propor ao ministro da Guerra que solicite ao presidente da Republica a intervenção federal (art. 12, parágrafo 6.º letra "b", da Constituição Federal), quando verificar a inobservância da presente lei, por parte de qualquer Estado.

Art. 9.º — A regulamentação desta lei fixará, discriminadamente, quais os requisitos a satisfazer pelas Policias Militares estaduais para serem consideradas Forças Auxiliares do Exercito e dirá quais as autoridades federais e estaduais que assinarão o contracto a que se refere o art. 4.º.

Art. 10.º — Revogam-se as disposições em contrario".

Do "O Jornal"

"Hontem lutavam como leões"

LA PAZ, 19 (U. P.) — Em "Puesto Merino", perto de Villa Montes, realizou-se uma entrevista entre os generais Estigarribia e Penaranda, acompanhados de seus estados-maiores e da comissão militar neutra.

Estigarribia, commandante paraguaio, prestou homenagem ao valor do exercito boliviano, declarando: "O exercito da Bolivia é sem dúvida um dos melhores e mais valentes do mundo". Em resposta o general Penaranda declarou: "O exercito do Paraguay está constituído de verdadeiros homens!".

O general Estigarribia deu de presente a Penaranda a sua pistola, que o acompanhou durante toda a campanha do Chaco. A entrevista durou desde dez horas da manhã até às onze.

Durante o decurso da palestra o cabo de guerra paraguaio pronunciou uma vibrante allocução que foi saudada pelos presentes com uma calorosa salva de palmas. Respondendo, disse o general Penaranda: "Ge-

neral Estigarribia. São profundamente honrosas as vossas palavras ao exercito de minha patria, que tambem reconhece em vós as mais altas virtudes militares. Lutámos como homens. Vós o sabeis, general Estigarribia, que conheceis a região e os factores adversos que tivemos de vencer. Interpreto o sentimento do exercito da Bolivia, ao brindar pelo vosso, que é um exercito de verdadeiros homens, meu general."

Os dois chefes beberam uma taça de champagne e estreitaram-se as mãos novamente, ao passo que os membros das comitivas se despediam cordialmente dos militares estrangeiros e especialmente do general argentino Martinez Pita, os quaes exteriorizavam sem reservas a sua emoção.

Foram tiradas photographias e films de extraordinario valor historico. Uma das photographias representa Martinez Pita abraçando os generaes Estigarribia e Penaranda.

A's onze horas e dez minutos a comitiva boliviana acompanhou a comitiva paraguaya até á ultima linha. Foi então que o general Estigarribia teve um formoso gesto, entregando sua pistola ao general Penaranda, e dizendo: "General. Esta arma é minha companheira inseparável, que não se afastou um momento de mim durante a campanha inteira. Nada mais grato para mim do que deixal-a em vossas mãos como uma recordação pessoal".

O general Penaranda agradeceu, commovido.

No curso do mez serão realizadas novas visitas a Capiranda e a Penaranda.

Da "A Noite".

A LEI DE PROMOÇÕES

1.º Ten. LUIZ MARTINS CHAVES

1 — CONSIDERAÇÕES SOBRE A HIERARCHIA

Um urgente retoque nos decretos leis, baixados pelo Governo Provisorio, se faz sentir em todos os sectores da actividade publica, com o fim de adaptal-os aos preceitos constitucionaes.

Os constituintes de 1934 não andaram bem avisados quando introduziram na lei organica o artigo 18.º das Disposições Transitorias, considerando aprovados "os actos do Governo Provisorio, intervenientes federaes nos Estados e mais delegados do mesmo Governo, e excluida qualquer apreciação judiciaria dos mesmos actos, e dos seus efeitos".

Aliás esse artigo não fere as questões de ordem administrativa, como bem doutrinou o juiz Federal da 2.ª Vara, do Distrito Federal, em despacho de 22 de Janeiro de 1935:... — Não é de attender á preliminar levantada pelo Dr. Procurador da Republica, que entende não caber o mandado requerido por se tratar de acto administrativo anterior á Constituição de 1934, e, portanto, insusceptível de apreciação judiciaria nos termos do artigo 18.º das Disposições Transitorias da mesma Constituição.

E' bem de ver que os actos aprovados com direito áquella imunidade serão sómente os actos dos delegados do Governo Provisorio investidos de direcção politica e não os praticados pela administração no desempenho das suas atribuições ordinarias".

Melhor seria, pois, que as comissões a que se refere o § unico d'artigo 18.º apreciassem tambem os conflictos existentes entre os decretos leis e a Constituição Federal, apresentando ao Congresso um projecto de lei que viesse preencher em cada decreto do Governo Provisorio a lacuna verificada, de modo a harmonizar com a Constituição Federal as diferentes sancções que com ella collidissem.

Quanto ao Exercito e Marinha o problema não offerece grandes dificuldades de solução, pelo facto de competir ao Presidente da Republica a administração das forças militares da União, "por intermedio dos órgãos do alto commando".

Perlustrando os textos da Lei de Promoções que, dentro de poucos meses entrará em plena execução, encontramos alguns senões que estão expostos a qualquer observação, e por isso outro intuito não temos em vista senão evidenciar a necessidade da reforma desse instituto regulador dos maximos interesses da oficialidade do Exercito, para que o referido instituto possa atingir os grandes fins a que se destina, com a efficiencia que esperam os que a elle têm ligada a propria existencia e a da familia.

Como fraco subsidio que poderá auxiliar os que amanhã irão entregar-se á pesquisa, apresentamos os pontos mais vulneraveis, não só em conflito com a propria lei ordinaria como tambem com a Constituição Federal.

Tratando da hierarchia, em applicação ao caso militar, notamos, no corpo da Lei de Promoções:

Art. 4.º — A hierarchia militar é constituida pelos diversos postos de officiaes e praças que formam os quadros do Exercito.

Art. 5.º — Os quadros do Exercito comprehendem:

— quadros do Exercito activo;
— quadros de reserva.

§ 1.º — Os quadros do Exercito activo e os da reserva comprehendem:

- quadros de combatentes;
- quadros de não combatentes.

§ 2.º — Os quadros de combatentes são constituidos pelos do pessoal das armas e de officiaes generaes dellas oriundos; os de não combatentes, pelos do pessoal dos Serviços.

Art. 6.º — Os postos de officiaes, com VALOR HIERARCHICO CRESCENTE, são os seguintes: officiaes subalternos: 2.º e 1.º tenentes; capitães; officiaes superiores: major, tenente-coronel e coronel; officiaes generaes: general de brigada, general de divisão, general de Exercito, marechal. (O grypho é nosso).

Mais adiante, diz o artigo 7.º: A ascenção na hierarchia militar é gradual e sucessiva,...

E o artigo 9.º: Os officiaes do Exercito activo, mesmo comissionados de tempo de guerra, teem precedencia sobre os de reserva de igual posto; os officiaes combatentes teem precedencia sobre os não combatentes de igual posto, quando no exercicio de funções militares em conjunto.

§ 1.º — Em situação alguma um official combatente pode ficar sob o commando de um official não combatente.

§ 2.º — Em igualdade de posto, quer entre combatentes, quer entre os não combatentes, a precedencia entre os officiaes é assegurada pela antiguidade de posto, salvo o caso de PRECEDENCIA FUNCIONAL fixada em virtude de lei. (O grypho é nosso).

Esse assumpto constituirá o objectivo da nossa preocupação nas considerações especiaes deste trabalho.

Procurando definir o conceito do termo hierarchia, segundo o caso que se nos oferece, encontramos: "Ordenada distribuição de poderes, com subordinação sucessiva de uns a outros". (Candido de Figueiredo).

"Le mot hierarchie désigne les raports de commandement et de subordination qui existent entre les fonctionnaires du même ordre ou faisant partie du même corps". (Grand Dictionnaire Universel).

Com tal interpretação, firmada pelos mais autorizados lexicons, não se pôde buscar na analogia os recursos para outros argumentos, mas se deve considerar o termo na accepção que comporta, na linguagem em uso, tendo-se em vista, quando se tratar de leis, a intenção do legislador; quanto é Lei de Promoções, pelo menos aos artigos aqui transcriptos, não se pode procurar outra interpretação para o termo hierarchia, porque a propria não o permite e, desse modo, "Lex clara non indiget interpretacione" e "Legibus non exemplis est judicandum", mormente quando os exemplis em que se pretendem apoiar os factos são copias de sistemas cuja practica a nossa mentalidade repugna, pelo menos no estado actual da nossa organização social.

Existe a hierarchia religiosa, a hierarchia judiciaria, a hierarchia administrativa, a hierarchia militar, sendo esta mais rigida, porque os graus que a formam estão ligados entre si pelos fortes laços da disciplina, condição essencial das organizações militares.

Até aqui não nos consta que se haja introduzido nas funções dos diferentes membros das classes acima citadas a innovada e mal amparada precedencia funcional, condição de uma nove existencia que o Direito ainda não consolidou no seu grande acervo athico.

Os decretos ns. 510 e 914A, de 22 de junho de 1890, assim diziam: "... Dentro nos limites da lei, a força armada é essencialmente obediente aos seus superiores hierarchicos e obrigado a sustentar as instituições constitucionaes". São elles a fonte literal do artigo 14 da Constituição de 1891.

Nas discussões para a elaboração da Constituição de 1891 foram apresentadas varias emendas tendentes a modificarem o artigo 14, segunda parte, dentre elles destacando-se a de Virgilio Damasio que mandava redigir o artigo 15 da seguinte maneira: "A força militar é essencialmente obediente, jamais se poderá reunir sem que lhe seja ordenado por autoridade legitima", substituindo, desse modo, a segunda parte do artigo 14 pelo artigo 15, emenda esta prejudicada.

José Hygino mandara suprimir: "Dentro dos limites das leis".

Afinal ficou assentado o artigo 14, assim redigido, quanto a segunda parte: "A força armada é essencialmente obediente, dentro dos limites da lei, aos seus superiores hierarchicos, e obrigada a sustentar as instituições constitucionaes".

Barbalho, commentando a Constituição de 1891, diz, quanto ao artigo 14: "Por toda a parte onde se constituem governos livres, o espirito fundamental das instituições militares é a DISCIPLINA HIERARCHICA e a subordinação á autoridade". (O grypho é nosso).

Consultando o artigo 162 da Constituição de 1934, notamos: "As forças armadas são instituições nacionaes permanentes e, dentro da lei, essencialmente obedientes aos seus superiores hierarchicos.

Destinam-se a defender a Pátria e garantir os poderes constitucionaes, a ordem e a lei.

O Capitão Silva Barros, em artigo publicado na "Revista de Administração Militar", sob o título SUGESTÕES PARA O "R. I. S. G.", referindo-se á hierarchia diz: "A hierarchia militar, cujo respeito, quasi mistico, ao superior constitue a belleza moral de toda a entrosagem militar, sofreu profundamente com a concepção francesa (propria ao espirito gaulez) da ilogica e injuridica hierarchia funcional prevista no artigo 271, n.º 9, do "R. I. S. G." quando trata, aliás liberalmente, das ferias.

E' velho o fundamento em que se baseia toda a obediencia consciente e honesta dos militares, submettendo-se aos seus superiores hierarchicos, dentro da Constituição de 91 (art. 14), reprodução literal da Constituição do Imperio (art. 147).

O n.º 9 do artigo 271 do "R. I. S. G." estabelecendo que um superior possa ficar sob o Commando ou Direcção do seu subordinado encerra um conceito subversivo da ordem, da moral e da disciplina.

Além disso, esse numero — "in-fine" — diz que os subordinados devem dar ordens aos seus superiores legítimos (hierarchicos) como que "camouflando" uma "solicitação" que é tão disfarçado "que não pode deixar de ser cumprida".

O conceito não é militar. E tanto não é que não constitue crime militar, na letra de nenhum Código Penal Militar do mundo, o superior desobedecer ao seu subordinado.

A desobediencia ao superior é delicto formal na ética dos Exercitos, e até mesmo dos bando sem lei nem freio".

São palavras candentes essas do Capitão Silva Barros, que merecem o respeito e o acatamento das autoridades, pelos bellos conceitos que expendem.

O espírito de imitação encontrou no Exercito brasileiro plena guarida, em todas as épocas.

Tivemos a época do "germanismo", que naturalmente não se desenvolveu porque a Alemanha perdeu a guerra de 1914; ao invés de uma missão militar francesa talvez tivessemos uma alemã.

O capitão Silva Barros diz bem da ilógica e injurídica hierarchia funcional, pois até aqui não houve quem a defuisse para o conhecimento dos officiaes brasileiros.

E se alguém pretendeu alcançá-la, não a comprehendeu bem, porque os factos não demonstram o contrário dessa concepção erronea.

E, para finalizar esta parte, digamos com o jurista: "E' sabido que os direitos do homem se encerram em duas categorias: a uma delas pertencem uns tantos direitos que são inherentes à sua propria qualidade de homem, decorrendo outras da sua qualidade de cidadão; aquelles representam o desenvolvimentos e o exercicio de faculdades inherentes à propria personalidade humana, independendo de qualquer organização política; estes, presupõem uma organização política da qual são derivados.

Temos, assim, que há direitos de liberdade individual ao lado de direitos naturaes, isto é, de faculdades propriamente naturaes, imprescriptíveis e inalienáveis.

Os crimes contra a liberdade têm um elemento commun e que reside na violencia, na ameaça, na fraude e no artificio".

"... Lex non cogit ad impossibilie".

“Methodos para a medida de distâncias”

Pelo Prof. N. GUENTHER

A filial da Casa Zeiss nesta cidade vem de prestar um relevante serviço aos nossos camaradas que se interessam pelo problema de telemetria.

Traduziu e publicou, dando-lhe a maior divulgação, um artigo do Dr. N. Guenther, notável filósofo e naturalista, cooperador científico da firma Carl Zeiss, de Jena, sobre o problema da telemetria. Parece-nos, pelas informações que temos, não haver nada de mais conciso e completo sobre o assunto.

Agradecemos á filial da Casa Zeiss no Rio, a oferta de um exemplar com amável dedicatoria á esta Revista e louvamos a sua feliz iniciativa, de grande utilidade e interesse para o nosso Exército, a cujos officiaes ella dedicou, gratuitamente, essa preciosa publicação.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

Mexico

Revista del Ejercito y de la Marina — Abril e Maio
El Soldado — Abril e Maio.

Equador

Revista Militar — N.º 12.

Uruguai

Revista Militar y Naval — Abril.

Nacionaes

Liga Marítima Brasileira — Junho
Revista da Escola Militar — Junho
Revista de Educação Physica — Junho
Tiro de Guerra.

REPRESENTANTES

ESTABELECIMENTOS E REPARTIÇÕES MILITARES

Gab. M. G.—Maj. Floriano Brayner
 E. M. E.—Cap. Joaquim Dutra.
 D. P. E.—Cap. Boanerges L. Cezar
 1.º Gr. Regiões—Ten. Geraldo L.
 do Amaral.
 Dir. M. B.—1.º Ten. J. Duque Es-
 trada.
 Dir. Av.—Maj. Carlos P. Brasil.
 S. Geog. P. Alegre—
 S. Saúde—
 Dist. A. Costa—1.º Ten. Roberto
 Pessoa.
 Q. G. 2.ª R. M.—1.º Ten. Luiz B.
 Condado.
 Q. G. 4.ª R. M.—Ten. Geová Moraes
 Q. G. 6.ª R. M.—Maj. Lopes da
 Costa.
 Q. G. 8.ª R. M.—Cap. Mario M.
 Moraes
 E. E. M.—Cap. Pedro Geraldo.
 Direcção E. Armas—Cap. J. B.
 Mattos.
 E. Art.—1.º Ten. L. Rocha Santos
 C. I. T.—2.º Ten. Milton R. Vieira.
 E. Av. M.—1.º Ten. J. C. Albernaz
 E. M.—Cap. Geraldo Côrtes.
 E. E. Ph. E.—Maj. Raul Vascon-
 cellos.
 C. A. S. I.—1.º Ten. Taltibio de
 Araujo.
 C. M. P. A.—1.º Ten. Saul F.
 Pons.
 Fab. P. S. F.—Cap. Osmar Fon-
 seca.
 S. Subsistência—Cap. Severo C. de
 Souza.
 C. S. N.—Cap. Alexandrino Motta
 M. M. F.—1.º Ten. Reginaldo de
 M. Hunter.

2.º Gr. Regiões—Cap. Gentil
 Barbato.
 D. C.—Cap. Janduy Toscano de
 Britto.
 Dr. E.—Maj. Procopio de S.
 Pinto.
 Dir. Remonta—
 Dir. I. G.—1.º Ten. Ruy Belmonte
 Vaz
 S. Goeg. Rio—
 S. Radio—
 S. Veterinario—
 Q. G. 1.ª R. M.—Cap. João Ri-
 beiro.
 Q. G. 3.ª R. M.—Major Oscar B.
 Falcão.
 Q. G. 5.ª R. M.—Cap. J. B. Ran-
 gel.
 Q. G. 7.ª R. M.—Cap. M. O'
 Reilly de Souza.
 Q. G. 9.ª R. M.—Cap. Olivio Bastos
 E. Inf.—Cap. José Adolpho Pavel
 E. Cav.—Cap. Luiz N. Andrade
 E. Eng.—Cap. Luiz Bettamio.
 E. Tehcnica—Cap. Pompeu Monte
 C. I. A. Costa—Major J. Bina
 Machado.
 E. Int.—Cap. Aquino Granja.
 E. Vt. E.—
 C. M. R. J.—
 C. M. Ceará—
 Fab. P. I.—Cap. Britto Junior.
 Fab. P. A.—1.º Ten. J. Carlos Ri-
 beiro.
 Av. Guerra do Rio Grande—Ten.
 Daniel Balbão.
 C. Fuz. Navaes—Ten. Cândido
 da Costa Aragão.

TROPA

Infantaria

- 1.º Bda. I. —
 7.º B da I. — Cap. Armando C. Lima.
 Btl. Escola — 1.º Ten. Augusto Presgrave.
 2.º R. I. — 2.º Ten. Dilermando G. Monteiro.
 4.º R. I. — 1.º Ten. Paulo A. de Miranda.
 II/5.º R. I. — 1.º Ten. Luiz M. Chaves.
 6.º R. I. — Cap. Ary Ruch.
 7.º R. I. — Cap. Gilberto V. de Carvalho.
 I/8.º R. I. — Cap. Felicissimo de A. Aveline.
 I/9.º R. I. — 1.º Ten. Edson Vignoli
 10.º R. I. — 1.º Ten. A. J. Corrêa da Costa.
 13.º R. I. — Ten. Iracilio Pessôa.
 1.º B. C. — Cap. Nizo Montezuma.
 2.º B. C. — Ten. Marcio Menezes
 4.º B. C. — Cap. Carlos Coelho Cintra.
 6.º B. C. —
 8.º B. C. — Ten. Ramão Menna Barreto.
 10.º B. C. — Cap. Ernesto L. Machado.
 14.º B. C. — Cap. Risoletto Barata de Azevedo.
 16.º B. C. —
 18.º B. C. — Cap. José B. Araujo Sobrinho.
 20.º B. C. — Cap. Italo Almeida
 22.º B. C. — Cap. Leandro J. da Costa
 24.º B. C. — Ten. A. Collares Moreira.
 26.º B. C. — Cap. Edgard Albuquerque Maranhão.
 Btl. Guardas — 1.º Ten. Aymar de Lima.
 1.º R. I. — Cap. Souza Aguiar.
 3.º R. I. — 1.º Ten. Anthero de Almeida.
 5.º R. I. e I Btl. — Ten. Oscar Bandeira de Mello.
 III/5.º R. I. — 1.º Ten. Alcides P. Coelho.
 I/6.º R. I. — Cap. João L. Camara Filho.
 8.º R. I. e II Btl. — Ten. Candido L. Villas Bôas.
 9.º R. I. e II Btl. — 1.º Ten. Almir L. Furtado.
 11.º R. I. — 1.º Ten. Luiz de Faria.
 12.º R. I. — Ten. Atila Barroso
 I/13.º R. I. — Cap. Irapuan S. Freitas.
 3.º B. C. — Ten. Moacyr L. Rezende.
 5.º B. C. — Cap. Dacio Cesar.
 7.º C. B. — Ten. Nelson do Carmo.
 9.º B. C. — Ten. Domingos Jorge Filho.
 13.º B. C. — Asp. Heitor Vasconcellos
 15.º B. C. — Cap. H. A. Castello Branco.
 17.º B. C. — Cap. Armando Lustosa M. Barroso.
 19.º B. C. — Ten. Murillo V. Moreira.
 21.º B. C. — Ten. José R. da Rocha.
 23.º B. C. —
 25.º B. C. — 1.º Ten. André Monteiro.
 27.º B. C. — Cap. Mario da S. Machado.

28.^o B. C. — Ten. José de Britto Carmello. | 29.^o B. C. — Cap. Frederico M. C. Monteiro.

Cavallaria

Q. G. da 2 ^a D. C. — Cap. Hoche Pulcherio.	1. ^o R. C. D. — Cap. Cyro R. de Rezende.
R. Andrade Neves — Ten. Sady T. Cirne.	IV/2. ^o R. C. D. — Ten. João de Deus Cruz.
2. ^o R. C. D. — 2. ^o Ten. José P. Oliveira	4. ^o R. C. D. — Ten. Humberto Peregrino.
3. ^o R. C. D. — 2 ^o Ten. Alvaro Vieira.	1. ^o R. C. I. — 1. ^o Ten. Mario Pantoja
5. ^o R. C. D. — Ten. Luiz M. R. Valença.	3. ^o R. C. I. — Ten. João C. Guimarães
2. ^o R. C. I. —	5. ^o R. C. I. — Major Sergio Corrêa da Costa.
4. ^o R. C. I. — Ten. Agenor Medeiros Martins.	7. R. C. I. —
6. ^o R. C. I. — Cap. Francisco A. Rosas	9. ^o R. C. I. — Cap. Marcos M. de Azambuja.
8. ^o R. C. I. — Cap. José R. Arruda.	11. ^o R. C. I. — Ten. Celso Monteiro
10. ^o R. C. I. — Ten. Lauro R. F. da Silva.	13. ^o R. C. I. —
12. ^o R. C. I. — 1. ^o Ten. Carlos Braga Chagas.	14. ^o R. C. I. — Ten. Edson Condessa.

Artilharia

Grupo Escola — Ten. Ernesto Geisel.	1. ^o R. A. M. — Cap. Edgard Marcondes Portugal.
2. ^o R. A. M. — Ten. Ilton da Fontoura.	4. ^o R. A. M. — Asp. Jonathas P. Lisboa.
5. ^o R. A. M. — Ten. Antonio Lemos Filho.	6. ^o R. A. M. — Cap. Lourival Doderlin.
8. ^o R. A. M. — Ten. J. Omrife de Souza.	9. ^o R. A. M. — Cap. Arthur da Costa Seixas.
1. ^o G. A. Do. — Ten. Celso Araripe.	2. ^o G. A. Do. — Asp. Jonathas P. Lisboa.
3. ^o G. A. Do. — Ten. Maury P. Lima.	4. ^o G. A. Do. — Ten. Fernando Coelho.
5. ^o G. A. Do. — Ten. Henrique M. R. Mello.	1. ^o G. O. — Ten. Francisco de A. Gonçalves.
2. ^o G. O. — Cap. João C. da Fonseca.	3. ^o G. O. — Ten. Eduardo Barros.
R. A. Mx. — Ten. Augusto C. do Nascimento.	1. ^o G. A. Cav.
3. ^o G. A. Cav.	2. ^o G. A. Cav. — 1. ^o Ten. Alberico Cordeiro.

4.º G. A. Cav. — Ten. José M. Mourão.	5.º G. A. Cav. — Ten. Edson de Figueiredo.
6.º G. A. Cav. —	Fort. Santa Cruz — Ten. Mauricio E. Pereira.
Fort. S. João — Ten. Micaldas Corrêa.	Fort. de Itaipú — Ten. Mangini Junior.
Fort. de Obidos — Cap. Ascendino de A. Lins.	Fort. de Coimbra —
Fort de Copacabana — Ten. Flaman- rion P. de Campos.	Fort. do Vigia — Cap. Fernando Bruce.
Fort. de S. Luiz. —	Fort. de Imbuhy —
Fort. Mal. Hermes — 1.º Ten. Francisco X. Marques.	Fort. Mal. Luz. —
Fort. da Lage — Ten. Americo Ferreira da Silva.	Fort. Mal. Moura. —

Engenharia

Unidade Escola —	1.º Btl. Trans. — Asp. Eduardo D. Oliveira.
2.º B. Sap. — 1.º Ten. Sebastião V. de Moraes.	3.º B. Sap. — Ten. Luiz Pessôa.
4.º B. Sap. — Major Abacilio F. dos Reis.	1.º B. Pnt. — Asp. Edgard Soter da Silveira.
2.º B. Pnt.	1.º Btl. F. V. —

Aviação

1.º R. Av. — Ten. Oswaldo C. de Lima.	2.º R. Av. —
4.º R. Av. —	3.º R. Av. — Ten. Herminio V. de Carvalho.
5.º R. Av. — Ten. Jocelin B. Brasil	

Reserva

C. P. O. R. 1.º R. M. — Ten. Nelson R. de Carvalho.	C. P. O. R. 2.º R. M. — Ten. Nestor Torres.
Pol. Mil. D. F. — Major Joaquim M. Amorim.	C. P. O. R. 5.º R. M. — Ten. Raymundo Dalcol.
Pol. Mil. da Bahia — Cel. Philadelpho Neves.	F. P. de S. P. — Major José Maria dos Santos.